

Orientação

AGRADECIMENTOS

Se há coisa que aprendi com este Mestrado é que ninguém desenvolve nada sozinho. Várias pessoas acompanharam o meu percurso nesta árdua caminhada e, por isso mesmo, aqui fica o meu agradecimento a cada uma delas.

O meu maior e mais sincero agradecimento é dirigido aos moradores do Empreendimento Social Padre Américo, pela receptividade, pela disponibilidade e amabilidade. Sem elas, o Projeto “Há vida no Bairro!” não seria verdadeiro, realista e único.

Um enorme agradecimento à Prezada Professora Doutora Ana Bertão pelo acompanhamento, pela paciência e pelas palavras de incentivo. Não quero agradecer apenas a orientação, mas por ter acreditado em mim ao longo destes dois anos.

À Gaiurb, enquanto Empresa Municipal, quero deixar o meu apreço e, em especial, à Dr.^a Susana Gomes pela disponibilidade total, pelo apoio e pela colaboração. Quero também agradecer ao Dr.^o Israel por ter marcado presença em algumas fases do Projeto, demonstrando interesse e atenção por aquilo que estava a ser desenvolvido.

Aos meus pais que nunca me deixaram desistir e lutaram comigo para que tudo isto se tornasse realidade, sempre com um abraço e um sorriso confortante.

À minha irmã Sara, que mesmo sem compreender bem percebeu a importância deste Projeto para mim, tendo sido uma motivação para eu continuar.

Ao André Gonçalves por ser tudo aquilo que representa para mim: fonte de equilíbrio, estabilidade, carinho e amor.

À estimada Professora Doutora Rita Barros, por ter sido um pilar motivacional enorme nesta longa caminhada, pelas palavras carinhosas e pelas dicas imprescindíveis.

Ao caríssimo Professor José António Sardon que mesmo longe tornou-se perto nas horas de mais aflição.

Às minhas colegas e amigas de Mestrado pelas chamadas de incentivo, pelas discussões e partilhas que tanto me ajudaram ao longo do percurso.

A todas as empresas que colaboraram com o Projeto. Os seus contributos foram essenciais para todo o desenvolvimento do Projeto.

A todas as outras pessoas que se tornaram colaboradoras deste Projeto e que foram facultando os mais diversos materiais. Não posso deixar esquecer a colaboração da Professora Andreia Palos que orientou as aulas de Zumba e o Cantor Cláudio Reis que amavelmente se disponibilizou para atuar no Arraial de Verão.

À Escola Superior de Educação do Porto pela oportunidade de frequentar um Mestrado como este.

A todos...muito obrigada!

RESUMO

O presente Relatório reflete um Projeto de Educação e Intervenção Social realizado no Empreendimento Social Padre Américo, intitulado de “Há Vida no Bairro!” que teve início em outubro de 2014 e, à data de escrita deste relatório, ainda se encontra em desenvolvimento.

O Projeto seguiu a Metodologia de Investigação Ação Participativa tendo sido desenvolvido com os moradores do Empreendimento Social, com a finalidade de melhorar a qualidade de vida dos residentes. Partiu-se de uma análise do contexto, do bairro e dos seus moradores e, percebeu-se que existiam quatro grandes problemas: sentimentos de isolamento e de exclusão/discriminação; conflitos relacionais entre os moradores; monotonia no quotidiano das pessoas e baixos recursos económicos. Assim foram definidos dois objetivos gerais: combater os sentimentos de exclusão social dos sujeitos e promover dinâmicas relacionais satisfatórias, entre os moradores, de forma a desenvolver uma maior coesão e espírito de comunidade.

Neste sentido foram definidas três ações: “Entre dedal e agulha: atelier de costura”; “O Bairro a mexer” e “Os jovens e o Bairro”. Verificou-se que os moradores do Empreendimento desenvolveram e ampliaram as suas redes de vizinhança; ocuparam o seu tempo de uma forma satisfatória; desenvolveram estratégias de resolução de conflitos; desenvolveram competências pessoais, sociais e profissionais e desenvolveram o sentimento de pertença ao bairro.

Palavras – Chave: Empreendimento Social; Exclusão Social; Comunidade; Grupo. Qualidade de vida.

ABSTRACT

The following report reflects an Education Project and Social Intervention developed in Social Enterprise Padre Américo entitled “There is life in the neighborhood!” that began in October 2014 and, the date of writing this work, the Project is still in development.

The Project follows the principles of Participatory Action Research Methodology and was developed with the inhabitants of Social Enterprise in order to improve their quality of life. We have to do an analysis of the context, of the neighborhood and of the residents and it can be seen that exist four big problems: feelings of isolation and exclusion/discrimination; relational conflicts between residents; monotony in life of the residents and a few economic resources. So we have to define two general objectives: combat feelings of social exclusion of residents and promote satisfactory relationships between residents for they develop greater cohesion and a spirit of community.

In this sense, it is defined three actions: “Between thimble and needle: sewing workshop”; “Moving the neighborhood” and “Young people and the neighborhood”. It was found that the residents of the Enterprise developed and expanded their neighborhood relationships; they also developed strategies to resolve their conflicts; developed personal, social and professional skills and they developed their sense of belonging.

Keywords: Social Enterprise; Social Exclusion; Community; Group; Quality of life

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	I
Resumo	III
Abstract.....	IV
Índice geral	V
Índice tabelas	VII
Lista de abreviaturas.....	VII
Índice de apêndices/anexos.....	VIII
Introdução.....	1
Parte I: Aprofundar o conhecimento	2
Capítulo I: Um olhar teórico	2
1.1. Viver numa habitação social: uma casa, uma identidade, um rótulo.....	2
1.2. Exclusão Social	9
1.3.O trabalho em comunidade: trabalhar em grupo...que desafios para a intervenção psicossocial?	14
1.4. O papel do Interventor Social.....	17
Capítulo II: Enquadramento Metodológico.....	21
2.1. Investigação Ação Participativa: uma Metodologia para Intervenção Social.....	21
2.2. A construção do conhecimento da realidade	25
2.3. O modelo de avaliação	27
Parte II: “Há Vida no Bairro!” um Projeto de Educação e Intervenção social	30
Capítulo I: Análise da Realidade e Desenho do Projeto	30
1.1.O empreendimento Social Padre Américo	30
1.2. Os moradores	34
1.3. Os participantes.....	37
1.4. Problemas e necessidades identificados	39
1.5. A finalidade.....	43
1.6. Objetivos gerais e específicos	44
1.7. Estratégias utilizadas.....	45
1.8. Ações e atividades desenhadas.....	45

Capítulo II: Desenvolvimento e avaliação do Projeto.....	46
2.1. As ações	46
Ação 1 – “Entre dedal e agulha: atelier de costura”	47
Ação 2- “O bairro a mexer”	56
“Passeio de Natal”	56
“Dança com todos”	59
“Vamos todos cozinhar!”	61
“Arraial de Verão”	63
“Festa de Halloween”	65
Ação 3: Os jovens e o bairro.....	67
“O bairro entre (pre)conceitos”	67
O filme “Viver no bairro!”	70
A música “Há Vida no Bairro!”	73
2.2. Página do Facebook “Há Vida no Bairro!”: uma estratégia importante ...	74
2.3. Avaliação final do Projeto.....	75
Considerações finais	83
Referências bibliográficas.....	84
Apêndices/Anexos	91

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Problemas e necessidades identificados.....	42
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS

DLD- Desempregado de Longa Duração

GAS – Gabinete de Ação Social

GIP- Gabinete de Inserção Profissional

IAP- Investigação Ação Participativa

OMS- Organização Mundial de Saúde

RSI- Rendimento Social de Inserção

ÍNDICE DE APÊNDICES/ANEXOS

Apêndices/Anexos	91
Apêndice 1: Baile de Magusto	92
Apêndice 2: Inquérito por questionário	94
Apêndice 3: Caracterização Individual dos participantes	98
Apêndice 4: Registo da Reunião Comunitária.....	108
Apêndice 5: Registo da sessão de costura 1	112
Apêndice 6: Registo da sessão de costura 2.....	114
Apêndice 7: Registo da sessão de costura 3.....	116
Apêndice 8: Registo da sessão de costura 4.....	118
Apêndice 9: Registo da sessão de costura 5.....	120
Apêndice 10: Registo da sessão de costura 6.....	122
Apêndice 11: Registo da sessão de costura 7.....	123
Apêndice 12: Registo da sessão de costura 8.....	124
Apêndice 13: Registo da sessão de costura 9.....	125
Apêndice 14: Registo fotográfico da sessão de costura 9	126
Apêndice 15: Registo da sessão de costura 10.....	127
Apêndice 16: Registo fotográfico da sessão de costura 10.....	128
Apêndice 17: Registo da sessão de costura 11	129
Apêndice 18: Registo fotográfico da sessão de costura 11.....	131
Apêndice 19: Registo da sessão de costura 12.....	132
Apêndice 20: Registo fotográfico da sessão de costura 12.....	135
Apêndice 21: Registo da sessão de costura 13.....	136
Apêndice 22: Registo da sessão de costura 14	137
Apêndice 23: Registo da sessão de costura 15	138
Apêndice 24: Registo da sessão de costura 16	139
Apêndice 25: Registo da sessão de costura 17	140
Apêndice 26: O Passeio de Natal	141
Apêndice 27: Cartaz zumba 1	142
Apêndice 28: Registo da aula de zumba 1.....	143
Apêndice 29: Cartaz zumba 2	145
Apêndice 30: Registo da aula de zumba 2	146

Apêndice 31: Cartaz zumba 3.....	147
Apêndice 32: Registo da aula de zumba 3	148
Apêndice 33: Sessão “Vamos todos cozinhar!”	149
Apêndice 34: Avaliação “Vamos todos cozinhar!”	150
Apêndice 35: Cartaz “Arraial de Verão”	151
Apêndice 36: Registo do “Arraial de Verão”	152
Apêndice 37: Registo fotográfico do “Arraial de Verão”	155
Apêndice 38: Registo fotográfico Halloween.....	156
Apêndice 39: “O Bairro entre (pre)conceitos.....	157
Apêndice 40: Registos fotográficos de “O Bairro entre (pre)conceitos	161
Apêndice 41: Tabela “Quem sou eu?”	162
Apêndice 42: 1ª sessão sobre o filme.....	163
Apêndice 43: 2ª sessão sobre o filme	165
Apêndice 44: 3ª sessão sobre o filme	166
Apêndice 45: 4ª sessão sobre o filme.....	167
Apêndice 46: Apresentação do filme “Viver no bairro”	168
Apêndice 47: Cartaz da música.....	169
Apêndice 48: Link da página do facebook.....	170
Apêndice 49: Registo da sessão de cinema.....	171
Apêndice 50: Registo fotográfico da sessão de cinema	172
Apêndice 51: Texto sobre o bairro e sobre o Projeto (“José”)	173
Apêndice 52: Texto sobre o bairro e sobre o Projeto (“Bruno”)	174
Anexo 1: Declaração de autorização.....	175
Anexo 2: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 1ª aula de zumba ...	176
Anexo 3: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 2ª aula de zumba ...	177
Anexo 4: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 3ª aula de zumba ...	178
Anexo 5: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre o Projeto	179
Anexo 6: Notícia sobre o Projeto Jornal “P.24” de V.N.Gaia	180

INTRODUÇÃO

O presente trabalho espelha a concepção e o desenvolvimento de um Projeto de Educação e Intervenção social seguindo as linhas orientadoras da Metodologia de Investigação Ação Participativa. É um trabalho desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação e Intervenção Social, Especialização em Acção Psicossocial em Contextos de Risco, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto.

O Projeto denominado de “Há Vida no Bairro!”, iniciou em outubro de 2014 e, à data de escrita deste relatório, ainda se encontra em desenvolvimento. Decorreu no Empreendimento Social Padre Américo em Canelas, Vila Nova de Gaia, tendo como grande finalidade a melhoria da qualidade de vida dos moradores. Para alcançar tal finalidade, foi necessário desenvolver uma análise da realidade, de forma a conhecer as pessoas, perceber os seus costumes, valores, rotinas e crenças, assim como toda a dinâmica do contexto. Desta forma, houve um real destaque ao princípios da metodologia adoptada. O desenho do projeto foi algo complexo, mas ao mesmo tempo participativo.

A primeira parte começa com uma abordagem teórica a quatro temas importantes relativos ao contexto onde se desenvolveu todo o Projeto: viver numa habitação social. Uma identidade, um rótulo; o conceito de exclusão social; o trabalho em comunidade e o trabalho em grupo: os desafios para a intervenção psicossocial e o papel do Interventor Social. O segundo capítulo começa com uma abordagem à metodologia privilegiada nos projetos de educação e intervenção social: a Metodologia de Investigação Ação Participativa. Para além disto é explorada a construção do conhecimento da realidade e o modelo de avaliação utilizado: modelo CIPP.

Na segunda parte é apresentado o Projeto “Há Vida no Bairro!”. No primeiro capítulo surge a caracterização do Empreendimento Social e dos moradores, bem como os seus problemas e necessidades. Apresenta-se, depois, o desenho do Projeto a desenvolver (a finalidade, os objetivos, as estratégias e as ações e atividades). No segundo capítulo surge o desenvolvimento e avaliação do Projeto.

PARTE I: APROFUNDAR O CONHECIMENTO

Muito mais do que trabalhar num determinado contexto, um investigador deve conhecer tudo aquilo que o caracteriza e constrói. Isto implica conhecer as pessoas, os seus princípios, valores e rotinas. No fundo, o nosso papel passa por ouvir e ajudar estas pessoas a desenhar a sua caminhada e, para tal, é importante recorrer a uma metodologia que vá ao encontro desta ideologia, como é o caso da Investigação Ação Participativa. Importa, igualmente aprofundar conhecimentos sobre o contexto, sobre os problemas que nele surgem e sobre tudo aquilo que o caracteriza, para nos ajudar a intervir.

CAPÍTULO I: UM OLHAR TEÓRICO

Para compreender o contexto estudado, foi necessário recorrer à literatura para aprofundar conhecimentos a estudar. Tendo em conta a análise da realidade desenvolvida foram definidos quatro temas essenciais a explorar.

1.1. VIVER NUMA HABITAÇÃO SOCIAL: UMA CASA, UMA IDENTIDADE, UM RÓTULO.

Em Portugal, na segunda década do século XIX, decorreram alguns acontecimentos industriais significativos. Em particular, a partir de 1851, assistiu-se a uma enorme exploração e investimento nas redes rodoviárias e respetivos transportes (Teixeira, 1994).

A esta evolução industrial juntou-se um período de grande instabilidade social. Consequentemente, um grande período de fome e pobreza começou a sentir-se nos meios mais rurais, o que acabou por originar uma forte migração das pessoas para as grandes cidades do país, principalmente Lisboa e Porto.

Este movimento, por um lado ,originou um aumento progressivo do número de fábricas, habitações e pessoas, mas por outro condicionou o acesso a determinados alojamentos devido ao elevado preço que tinha começado a disparar por via da vasta procura populacional (Teixeira, 1994; Pereira, 2003).

Todo este fluxo migratório e toda a crise que se estava a sentir acabaram por agravar a situação e condição habitacional das zonas urbanas, originando um aumento de procura de casas a baixo custo, levando, assim, à construção de habitações com rendas baixas, como é o caso das ilhas.

As ilhas consistiam em filas de pequenas casas térreas, com uma média de 16 metros quadrados, construídas nas traseiras de antigas habitações das classes médias sendo que o único acesso da ilha para a rua era feito através de um estreito corredor que passava por baixo da casa burguesa, construída à face da rua (Teixeira, 1994, p.555).

Como estavam afastadas das ruas, as ilhas estavam isentas da fiscalização da Câmara, e, por isso não existia um controlo das estruturas físicas que se iam desenvolvendo nas traseiras dessas moradias. As condições de vida neste tipo de habitação começaram a ser colocadas em causa. Eram consideradas como um meio de propagação de doenças, como a tuberculose e a cólera, que em muitos casos provocavam a própria morte (Pereira, 2003).

Muitas destas situações resultavam da falta de higiene que prevalecia nas ilhas. Na verdade não existia nenhuma rede de saneamento ou abastecimento de água, nem instalações sanitárias. Aos olhos da sociedade, não só as ilhas, mas como as pessoas que lá residiam começam a ser colocadas em causa. Se, por um lado, este espaço passa a ser encarado como um local de infeções ameaçadoras para toda a cidade; por outro, passa a ser um local eminente de perigo social relativamente aos valores e costumes familiares (Pereira, 2003).

Por esta altura começam a surgir as grandes preocupações higienistas, que estavam na origem de movimentos e preocupações. Muitos higienistas comparavam a estrutura de uma cidade à de um corpo humano em que os lugares mais altos e abertos estavam localizados na cabeça; as zonas urbanas mais baixas estariam situadas no ventre e nos braços, e, o subsolo estaria no intestino e no reto (Seixas, 1997). Muitas partes da cidade eram então encaradas como doença, e esta ideia foi prevalecendo ao longo dos tempos. Na tentativa de melhorar as condições das ilhas, nas grandes cidades, começou-se a desenvolver uma rede de saneamento para que as habitações estivessem

aptas para alojar mais operários (Pereira, 2003). Contudo, ao longo dos tempos não houve interesse camarário para investir neste tipo de habitação.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o movimento migratório do meio rural para o citadino voltou a intensificar-se, tendo novamente disparado o número de procura de trabalho e habitação. Os valores das rendas subiram e os trabalhadores começaram a sentir dificuldade em pagá-las, uma vez que os seus salários não conseguiam dar resposta a esta subida de preço e, mais uma vez, a única resposta habitacional que estas pessoas encontravam eram as ilhas. Assim, este tipo de habitação continuava a destacar-se nas grandes cidades, e em grande número no Porto, como lugar de residência das classes sociais com baixos recursos económicos (Matos, 1994).

Com o Estado Novo (1926), a questão das pessoas com recursos económicos mais baixos e o problema das suas habitações começou a ser uma das prioridades do Estado. Através do Programa das Casas Económicas de 1933, o Estado, apoiado pelas autarquias, conseguiu construir os bairros de habitação, apesar dos materiais utilizados terem sido considerados de fraca qualidade e bastante pobres. Estes mesmos bairros foram construídos perto das zonas industriais, nas freguesias periféricas das grandes cidades (Pereira, 2003).

Apesar desta tentativa Estatal, o Programa das Casas Económicas não obteve os resultados esperados e, por isso, os problemas habitacionais continuavam e agravavam-se. No caso portuense, a Câmara tentava melhorar a situação através da demolição e reconstrução das ilhas na tentativa de melhorar as suas condições. Já na segunda metade do século XX, começam a ser desenvolvidos alguns planos de recuperação e desenvolvimento industrial, rural e comercial, o que acabou por originar um aumento significativo do nível económico, e, conseqüentemente, uma revolução demográfica (Matos, 1994).

Em 1956, no Porto, elaborou-se o Plano de Melhoramento, que tinha como principal objetivo a eliminação das ilhas. Assim, estas habitações seriam substituídas por outros alojamento com todas as condições que a higiene privilegiava (Matos, 1994)

Tendo em conta que os bairros de habitação social foram construídos exclusivamente como medida de realojamento, ignorando o tipo e condições de equipamentos, serviços e atividade económica das pessoas, acabaram apenas por cumprir uma função de residência, transformando-se em locais

isolados e fechados. Isto acabou por provocar grandes problemas a nível social. Começaram a surgir os guetos, os estigmas sociais intensificaram-se e o processo de exclusão aumentou (Paula, 2010), e, por isso tornava-se urgente intervir uma vez que:

A construção social de imagens correntes quer em Portugal, quer noutros países mais desenvolvidos, que associam a pauperização social e económica com a condição de habitante social, é uma generalização grosseira de uma realidade multifacetada e pluridimensional. Só uma reconstituição da génese e do posterior desenvolvimento das políticas de habitação permite desvanecer tal ideia. Se concordarmos com o pressuposto que de as pessoas não são coisas para meter em gavetas, devemos questionar mais sobre as condições de edificação e organização do espaço público dos países como o nosso (Baptista, 1999, p.10).

Tudo isto exige uma intervenção estatal, para que todas essas condições sejam asseguradas (Serra, 2002). Contudo, a intervenção estatal no campo habitacional tende a fazer-se no limite, devido aos elevados custos que esta implica (Baptista, 1999).

De uma maneira geral, a cidade do Porto foi alvo de alterações sociais, demográficas e económicas ao longo do tempo, acabando por dar origem às ilhas, destinadas essencialmente aos operários. A cidade portuense durante muito tempo foi um local onde se verificava uma distinção e segregação social e por isso houve a necessidade de modificar as condições das habitações das pessoas, uma vez que estas representam uma componente essencial na qualidade de vida de uma pessoa, isto porque:

O ser humano transforma a habitação num prolongamento do seu ser e do seu existir (...) a casa evoca uma história e por isso desperta sentimentos de alegria e tristeza, de felicidade e de dor (...) a casa assume-se como objeto de afetos em que os atores transferem para o espaço doméstico as suas emoções, valores, costumes, símbolos e gostos (Guerra, 2002, p.81).

O local onde se vive tem vindo a ganhar cada vez mais importância, representando um lugar de identificação pessoal, familiar e social. Ter uma casa significa seguir um modelo normativo, tradicional e cultural. Na verdade, uma habitação para além de corresponder a um espaço físico, representa um estatuto socioeconómico que acompanha a pessoa (Guerra, 2002).

A habitação desempenha uma função crucial na vida de cada pessoa, quer pela consagração do direito constitucional, quer pela condição de intimidade familiar, desenvolvimento da personalidade e relação social (Morais, 1990)

Uma casa implica projeção de planos e sentimentos, segurança, proteção, cumplicidade e estabelecimento de relações afetivas, por isso, a casa representa muito mais do que um alojamento. A construção do “eu” e da personalidade desenvolve-se e relaciona-se com aquilo a que se chama lar (Guerra, 2002).

Aliás, o local onde uma pessoa vive influencia positiva ou negativamente a forma como se relaciona com as outras pessoas (Costa, Baptista, Perista & Carrilho, 2008), até porque as imagens que o sujeito vai construindo também são formuladas por aquilo que os outros transmitem sobre ele (Lima, 2003). Serra (2002) vai ao encontro destas ideias, pois acredita que uma casa não representa apenas as funções de lazer, de abrigo e de reprodução, mas também cumpre as funções relacionais e de estatuto social.

Direcionando tudo isto para os bairros sociais, prevalece uma conotação negativa em torno deste tipo de habitação, o que muitas vezes prejudica a adaptação da própria pessoa e o relacionamento com os outros, dificultando assim o desenvolvimento de um sentimento de pertença neste tipo de contexto (Queiroz & Gros, 2002). Um bairro social é diferente de outro bairro deste tipo, e é, sem dúvida alguma, heterogéneo. Na verdade, cada bairro é ele próprio, apresentando uma diversidade cultural e social (Pereira, 2003).

Existem dois fatores cruciais para diferenciar os bairros: as características eco-sociais, relacionadas com o tipo de construção que caracteriza a habitação (espaços interativos, o número de blocos; a (in)existência de torres, entre outros) e a história interna do próprio bairro, que engloba as redes de vizinhança estabelecidas, quem são os moradores e como foram ali alojados, quais os seus hábitos e tradições e de onde é que vieram (Fernandes, 1994). Segundo este autor, estas características diferenciam uma comunidade de um simples aglomerado de pessoas.¹

¹ O conceito de comunidade e aglomerado é explorado no ponto 1.3

O significado que cada pessoa tem de bairro e a própria relação com o espaço variam de um meio social para outro. Para algumas pessoas isto depende da vizinhança, uma vez que esta organiza e estabelece a rede de relações; para outras pessoas, um bairro pode ser um local de referência que permite a integração em vários grupos (paroquiais, recreativos ou locais); para outros, o bairro é ainda um local que representa um local de residência, podendo este representar um nível socioeconómico mais ou menos favorável (Gonçalves, 1988). Quer isto dizer que, por um lado, um bairro é encarado como um meio de reciprocidade, entreajuda e segurança, onde se desenvolvem relações de vizinhança, por outro lado, um bairro é meramente um local onde as pessoas residem, sem desenvolver uma relação de proximidade com o outro, influenciado o estatuto social e económico.

Contudo, importa referir que nascer e viver numa determinada comunidade não significa que a pessoa pertença ou tenha um sentimento de pertença a ela. A inserção num contexto, tendo em conta tudo aquilo que o constrói, dependendo assim da adesão a um conjunto de padrões culturais, e, muitas vezes, essa mesma inserção é difícil e rejeitada por causa de todas as ideias e estereótipos existentes em torno dessa pessoa ou grupo (Arruda, 2014).

Um bairro num sentido mais lato, caracteriza-se por ser um local onde predominam pessoas com características comuns e particulares. Quando se fala de bairros sociais associam-se palavras como marginalização, pobreza e desemprego. Na verdade, este tipo de habitação implica uma renda mais baixa, tendo em conta os rendimentos e possibilidades económicas das pessoas, mas não quer isto dizer que as pessoas que lá vivem são perigosas ou criminosas (Gonçalves, 1988). A idealização formulada pela sociedade de que alguns locais de uma cidade são maus e perigosos provoca um sentimento de medo e insegurança (Queiroz & Gros, 2002).

Esta insegurança acaba por fazer com que a pessoa não vivencie determinados locais de uma cidade e que evite ao máximo encarar essa mesma realidade. A experiência dessa insegurança está muito associada ao medo do estranho e do outro. Sendo os bairros sociais e as pessoas que lá vivem associados ao perigo, ao crime e à delinquência, torna-se assustador experienciar estes contextos (Rêgo & Fernandes, 2012).

Devido a este medo e a esta insegurança há uma tendência para evitar tudo aquilo que transmite perigo. Este processo de evitar os lugares perigosos e de

apenas os conhecer através da comunicação social é denominado por Fernandes (2001) de evitamento experiencial. Desta forma, muitos rótulos atribuídos aos bairros sociais são bastante sustentados pelos media, uma vez que o indivíduo apenas conhece um determinado contexto através daquilo que é transmitido pela comunicação social. Aliás, estes grupos, extremamente estereotipados, acabam por ser um alvo negativo desejado pelos media, fabricando representações sociais. Assim, a comunicação social acaba por assumir uma função importante na construção da realidade (Rêgo & Fernandes, 2012).

Quando a imagem dos bairros sociais é passada de uma forma tão negativa, as pessoas que lá vivem sentem a necessidade de ocultar o seu local de residência, por vergonha de pertencer a um lugar residencial estigmatizado (Queiroz & Gros, 2002)

O bairro é, então, um elemento identitário importante que influencia a forma como os outros agem e respondem em relação ao sujeito e, quanto mais negativa for a imagem, maior será a quebra com a restante cidade, levando, assim, à perda de uma autoestima coletiva (Guerra, 2002).

Importa referir que viver num bairro social não é necessariamente negativo, e, esta visão passa muito pelas pessoas que lá habitam. Num estudo realizado no Bairro do Amial, no Porto, por Pereira & Queirós (2012), encontra-se uma realidade diferente daquela que está descrita em muita literatura. O que se verificou foi que grande parte dos moradores deste bairro consideraram o seu Bairro como um local agradável e nobre, afirmando que gostavam de lá viver e que o ambiente era bom.

Na verdade, muitas pessoas que vivem nos bairros não se consideram como marginais ou desviantes, mas acabam por interiorizar essa ideia, na medida em que quem vive fora do bairro vê esta comunidade como excluída (Paula, 2010).

A própria localização do bairro condiciona a perceção que as pessoas têm sobre ele. O local onde se encontra é determinante para a construção de aspetos positivos e negativos sobre o bairro, uma vez que as pessoas ao analisarem os recursos sociais mais próximos vão verificar se existem hospitais, escolas, fábricas, empregos ou outras respostas importantes para elas (Serra, 2002).

Para além da localização, normalmente nas periferias das cidades, o tipo de habitação também condiciona e influencia o processo de estigmatização e segregação das pessoas que vivem em bairros sociais. Normalmente este tipo de habitação apresenta várias cores, bastante chamativas e edifícios bastante altos (Carneiro, 2001). O facto de existir esta tipificação de bairros sociais, aos olhos da sociedade e do Estado, as pessoas mais pobres e vulneráveis estão aglomeradas nas zonas periféricas o que, por si só, já cria um estigma de pobreza urbana (Ramos, 1998).

Como referido anteriormente, a ideia que predomina na sociedade sobre os bairros sociais é a de que são locais de marginalidade, criminalidade e violência, associados a pessoas perigosas, pobres e excluídas.

Apesar de termos uma constituição das mais avançadas do mundo no que respeita à proclamação dos direitos dos cidadãos, muitos milhares de portugueses, homens, mulheres, crianças, jovens ou idosos vivem uma situação dramática de complexa exclusão social. Uma situação que tem na sua génese de extrema pobreza que cria uma situação de marginalização, um círculo vicioso de pobreza, de onde quase nunca se sai (Vara, 1991, p.16, citado por Carneiro, 2001, p. 146).

Os bairros sociais aparecem, assim, como lugares onde residem pessoas de baixo estatuto socioeconómico. Porém, todos estes rótulos que acompanham os residentes dos bairros sociais vão prevalecendo ao longo dos tempos, acabando por levar a situações de exclusão social (Gonçalves, 1988). Torna-se assim importante explorar este conceito, pela sua centralidade na experiência de viver num bairro social.

1.2. EXCLUSÃO SOCIAL

Culturalmente, a exclusão social está associada um vasto processo de discriminação em relação a determinados segmentos sociais, como é o caso das mulheres, negros, imigrantes, entre outros (Arruda, 2014). Assim:

o conceito de exclusão social está mais próximo, como oposição, do de coesão social ou, como sinal de ruptura, do vínculo social (...) encontra-se

próximo, também, do conceito de estigma e mesmo, embora menos, do de desvio (Arruda, 2014, p.16).

A sociedade atribui determinadas classificações a sujeitos e grupos, de acordo com aquilo que eles representam, acabando por os ridicularizar. Isto é entendido por Bourdieu (2000) citado por Arruda (2014, p.21), como uma “violência simbólica”, que acaba por provocar outras formas de violência. O mundo divide-se entre aqueles que desenvolvem a capacidade de discriminar e excluir e entre aqueles que são considerados como oprimidos, os de fora, os excluídos (Arruda, 2014).

Ao longo dos tempos, o conceito de exclusão social foi sendo desmistificado, uma vez que antes era associado a um processo de marginalidade. A exclusão social começou a ser cada vez mais compreendida como uma rutura a nível das relações sociais, considerando todo o contexto envolvente (Colaço, 2014).

Uma pessoa excluída tende a ser aquela que é rejeitada pelos outros, o que faz com que a sua identidade se transforme, levando a um sentimento de inutilidade afetando, assim, a capacidade de ultrapassar os obstáculos do dia-a-dia, acabando por acentuar a sua exclusão (Baia, 2014).

O ser humano pode ser excluído por várias situações como a perda de um emprego ou rendimento, por beneficiar de apoios sociais e/ou pelo tipo de habitação em que reside, como é o caso da habitação social. Outros motivos podem colocar a pessoa à margem da sociedade, como é o caso da rutura dos laços tradicionais, com amigos, pares ou familiares ou situações de doença mental grave. Há ainda situações de autoexclusão, decorrendo este processo de uma opção própria por parte do sujeito (Clavel, 2004; Costa, Baptista, Perista & Carrilho, 2008).

Assim, a exclusão social está relacionada com a cidadania e, a cidadania relacionada com a participação. Neste sentido, considera-se que se uma pessoa não participa na sua comunidade, é porque não está incluída nem integrada nela, estando, por isso, de fora dos Sistemas Sociais Básicos, os quais se incluem quatro domínios: o institucional, que passa pelo acesso a serviços de saúde, educação e justiça; o económico, que integra um trabalho; o territorial, relacionado com o local em que a pessoa reside e o domínio das referências simbólicas, direcionadas para a autoestima, confiança, identidade social e sentimento de pertença (Colaço, 2014).

O combate à exclusão deve iniciar-se como uma medida preventiva, pois só assim é que se consegue promover uma inserção social. Essa inserção depende de três pilares fundamentais, nomeadamente a família, a escola e o emprego (Gomes, 2002). Na verdade, desde os primeiros anos de vida, a pessoa é integrada na sociedade através dos mais diversos grupos: grupos de música, estudo, teatro, religiosos, políticos, solidariedade ou desportivos. Contudo, esta integração pode levar à própria exclusão, pois existem muitos sujeitos que por diversos motivos não conseguem aceder a esses grupos. Por isso torna-se necessário intervir no meio em que o sujeito está inserido, por forma a garantir ou, pelo menos, facilitar a sua acessibilidade.

Um fator predominante na vida das pessoas diz respeito à educação, podendo esta ser considerada como um elemento de influência na integração dos sujeitos na sociedade. Neste sentido, é importante perceber que os sistemas educativos não podem conduzir as pessoas a situações de exclusão, contudo fazem-no, uma vez que, muitas vezes, são estes mesmos sistemas que impõem exatamente o mesmo modelo cultural, pedagógico e intelectual, sem considerar as características específicas de cada pessoa ou grupo, acabando por dificultar a sua integração neste meio (Delors, 1996). Na verdade, a escola apresenta um papel primordial na vida de cada pessoa. Um sujeito analfabeto com poucos conhecimentos e baixa escolaridade encontrará diversos obstáculos que irão prejudicar a sua inserção na sociedade (Gomes, 2002; Clavel, 2004; Schwartzman, 2004; Baptista, Perista & Carrilho, 2008).

Uma pessoa escolarizada pode trabalhar por um salário inferior àquele que era pretendido, ou até pode desempenhar uma atividade profissional que não está relacionada com as suas habilitações, mas será sempre privilegiada relativamente a uma outra pessoa com baixas ou nenhuma qualificações, uma vez que uma qualificação é um elemento crucial na inserção e integração social (Campiche, Hipolyte & Hipólito, 1992).

Um outro elemento que pode ser determinante num processo de exclusão/inserção da pessoa diz respeito à família. A família, não é apenas um meio de procriação, devendo ser um meio que proporciona amor, carinho, segurança, conforto, valores e regras. Se um indivíduo crescer nestas condições dificilmente será excluído (Clavel 2004; Schwartzman, 2004). Aliás, Colaço (2014) alerta para a importância desta dimensão família, acrescentando a componente social. Neste sentido, a dimensão sócio-familiar,

quando deficitária, representa um enorme fator de vulnerabilidade à exclusão social. Nesta dimensão inclui-se as fragilidades relacionais, não só com familiares, mas com as redes de vizinhança e restante comunidade, podendo conduzir os sujeitos a situações de isolamento e solidão.

Um outro pilar encontrado na literatura diz respeito ao trabalho. Um trabalho oferece ao ser humano satisfação, um vencimento e um sentimento de realização pessoal. Para a pessoa, uma remuneração monetária é fundamental para conseguir constituir família, ter uma casa, dar resposta às suas necessidades básicas e, em última instância, sobreviver (Schwartzman, 2004).

Aliás, estar desempregado não implica apenas a privação de uma fonte de rendimentos e subsistência. Esta condição pode comprometer as relações interpessoais que um trabalho proporciona, os vínculos sociais, o sentimento de participação ativa na sociedade, as rotinas, organização e gestão do tempo das pessoas, assim como os seus objetivos, estatuto, reconhecimento e a sua identidade social (Colaço, 2014). Para além disso, o desemprego promove o sentimento de inutilidade e a insegurança, a vergonha social, o isolamento, a discriminação, acabando mesmo por provocar uma alteração da dinâmica familiar, tendo em conta a função da posição que o indivíduo que está desempregado ocupa na família (Pereira & Brito, 2006; Barros & Moreira, 2015).

Colaço (2014) alerta para a importância desta questão. Apesar da exclusão social estar extremamente relacionada com a situação económica, nomeadamente o (des)emprego, não nos podemos esquecer que não é apenas este fator que deve determinar se a pessoa se encontra numa situação de exclusão social, ou não.

Assim, a exclusão social está estritamente relacionada com três diferentes tipos de falta de integração: falta de integração social, falta de integração dos sistemas de atividade e falta de integração das relações sociais e familiares (Baia, 2014). De uma maneira geral, este fenómeno:

aponta para um conceito que pode ser identificado como uma situação em que falha um ou mais dos seguintes aspetos: intervenção cívica (que tem a ver com o exercício dos direitos de cidadania, em termos de participação no sistema democrático e legal); integração económica (em termos de participação do indivíduo nos mercados dos fatores que permitam a obtenção de rendimentos

primários); integração social (em termos do exercício do direito de beneficiar dos serviços de natureza social, proporcionado pelo Estado) e integração interpessoal (no sentido de participação na vida social da Comunidade) (Pereirinha, 1996, citado por Colaço, 2014, p.41).

Na verdade, o termo exclusão social, inclui informações e experimentações negativas, que se verificam através da rejeição e outros sentimentos e comportamentos negativos (Arruda, 2014). Tudo isto leva a construção de representações sociais, até porque muitas vezes, as pessoas que são excluídas acabam por constituir a base que mantém e sustenta o próprio fenómeno de exclusão social, isto porque muitos sujeitos, incluindo os que se encontram excluídos, são estimulados ao verem outra pessoa numa posição mais vulnerável (Colaço, 2014). As representações sociais são:

um produto das interações e dos fenómenos de comunicação no interior de um grupo social, refletindo a situação desse grupo, os seus projetos, problemas e estratégias e as suas relações com outros grupos (Vala, 2006, p.461).

Neste sentido, estas representações que se constroem coletivamente acabam por informar e formatar os comportamentos de todas as pessoas (Vieira, 2015). Os estereótipos e os preconceitos assumem uma posição negativa daquilo que é diferente, permanecendo a ideia de que aquelas pessoas que são diferentes daquilo que a sociedade assume como “normal” acabam por ser rotuladas, julgadas e afastadas:

A diferença é encarada, lamentavelmente, a partir de estereótipos, de preconceitos, de avaliações subjectivas, de desconhecimento e do medo do “outro”, permanecendo um pouco a ideia de que o diferente é caótico (Leitão, 1998, p.56).

As representações sociais são difíceis de alterar, na opinião de Vala (2006), pela sua continuidade temporal, enraizamento e partilha social, mas o trabalho em comunidade não pode ser alheio a estes processos e a intervenção psicossocial pode contribuir para uma mudança nestas representações, com posterior impacto nos processos de exclusão social.

1.3. O TRABALHO EM COMUNIDADE: TRABALHAR EM GRUPO...QUE DESAFIOS PARA A INTERVENÇÃO PSICOSSOCIAL?

O conceito de comunidade é difícil de definir pois:

(...) é igualmente utilizado para designar grupos de pessoas que partilham uma função ou um interesse, como o bem-estar, a agricultura, a educação, a religião. Não diz respeito a toda a população local, mas somente aos indivíduos e aos grupos que têm em comum um interesse ou função (Campiche, Hipolyte & Hipólito, 1992, p.69).

Contudo, é importante perceber a diferença entre grupo e aglomerado. Um aglomerado corresponde a um conjunto de pessoas que convive e partilha um determinado espaço que eventualmente poderá apresentar interesses comuns e, assim constituir-se um grupo. Neste sentido, uma comunidade é constituída por um conjunto de grupos e cada grupo é constituído por pessoas. Quando as diferentes comunidades interagem origina-se uma sociedade. O ser humano passa grande parte do seu tempo a conviver e a interagir com o outro uma vez que desde sempre esteve integrado em grupos sociais e familiares (Campiche, Hipolyte & Hipólito, 1992; Zimerman & Osorio, 1997). Por isso, não é possível compreender verdadeiramente uma pessoa sem conhecer a sua natureza, a sua história e a sua comunidade; no fundo, não é possível compreendê-la sem perceber os sistemas que a envolvem (Campiche, Hipolyte & Hipólito, 1992; Bateman, Brown & Pedder, 2003).

Um sistema é um conjunto de elementos em interacção dentro de uma fronteira hipotética que o torna mais ou menos aberto a influências mútuas com o ambiente (...) A teoria dos sistemas permite-nos pensar mais claramente sobre o conhecido facto de que um quadro determina o que acontece dentro desse quadro, e que as partes não podem ser compreendidas sem ter em atenção ao todo (Bateman, Brown & Pedder, 2003, p.74)

Esta perspetiva permite construir uma compreensão das relações, os processos sociais dos grupos, organizações e comunidade, potenciando, assim, o desenho de intervenções que perspetivem a mudança. Se o objetivo é envolver ativamente a comunidade, é extremamente importante diversificar os informantes/intervenientes, como os métodos e técnicas de recolha de

informação, de forma a não excluir nenhum grupo ou pessoa. Esses informantes podem também ser pessoas especialistas que desenvolvem atividades na comunidade, podendo, assim, contribuir para o conhecimento da mesma (Menezes, 2007).

É preciso perceber que os grupos têm a sua própria dinâmica e leis de funcionamento e, por isso, o profissional tem que se envolver no próprio contexto, no próprio cotidiano, para conseguir conhecer e compreender tudo o grupo e tudo o que o envolve (Zimmerman & Osorio, 1997).

Assim, torna-se importante desenvolver uma descrição das necessidades e recursos de uma comunidade, através de um processo que implica, indubitavelmente, o envolvimento ativo da comunidade, com o intuito de desenvolver um plano de ação ou outros meios para melhorar a qualidade de vida da respetiva comunidade. Uma intervenção numa comunidade privilegia o bem-estar e não se restringe apenas às situações em que o indivíduo colapsa. Esta intervenção defende a participação ativa, valorizando as competências, capacidades e potencialidades da pessoa. Ao assumir as pessoas como protagonistas no seu próprio processo social de construção do seu “eu”, esta intervenção legitima, ainda, o recurso a estratégias que assumam como objetivo a autonomia e a promoção da capacitação:

(...) o desenvolvimento e a ação não são apenas individuais, mas (...) os grupos sociais, as instituições e comunidades são também autores do processo de produção de significados e de implementação de projetos de ação sendo desejável intervir no sentido da sua capacitação e empoderamento (Menezes, 2007, p.36).

Contudo, é preciso perceber que dentro de uma comunidade podem existir vários grupos com crenças, valores e características diferentes e que entram em contacto e interagem uns com outros grupos. Este contacto com o outro poderá originar vários conflitos. Um conflito é muitas vezes encarado como um erro, como algo negativo e preocupante em vez de ser visto com uma oportunidade, apesar de ser inevitável (Torremorell, 2008).

Um grupo bem constituído e com uma boa coesão grupal desempenha uma importante função para gerir e suportar as necessidades preocupações individuais e coletivas (Zimmerman & Osorio, 1997).

O ser humano é gregário por natureza e somente existe, ou subsiste, em função de seus inter-relacionamentos grupais. Sempre, desde o

nascimento, o individuo participa de diferentes grupos, numa constante dialética entre a busca de sua identidade individual e a necessidade de uma identidade grupal e social (Zimmerman & Osorio, 1997, p.26)

Assim, uma intervenção psicossocial pretende contribuir para uma melhor relação das pessoas com o meio em que estas estão integradas de forma a que possam alcançar a sua realização pessoal e consigam viver com as transformações nesse mesmo meio. A nível pessoal, este tipo de intervenção pode traduzir-se em diferentes ações. Uma diz respeito à capacitação das pessoas para assegurarem a sua sobrevivência, nomeadamente a capacidade que as pessoas têm e/ou desenvolvem para obter, utilizar e assegurar os recursos. Outro nível diz respeito ao desenvolvimento de determinados comportamentos que favoreçam os sentimentos de pertença, possibilitando, assim, o estabelecimento de relações mais próximas com pessoas inseridas no mesmo meio ambiente (Silva, 2001).

Outro aspeto importante a ter em conta quando nos reportamos a este tipo de intervenção, diz respeito ao desenvolvimento das capacidades e competências das pessoas, isto significa que este tipo de intervenção deve procurar privilegiar certas capacidades para que o sujeito consiga contribuir para si mesmo e para os outros, assim como, desenvolver padrões comportamentais que possibilitem dar resposta a situações novas (Silva, 2001).

Se, por um lado, são definidos níveis do foro pessoal, são igualmente definidos níveis importante relativamente ao meio social. Neste âmbito, a intervenção pretende privilegiar e desenvolver o recurso às redes de suporte informais, como os amigos, família e vizinhos de forma a providenciar respostas às necessidades das pessoas (Silva, 2001).

Por isso, este tipo de intervenção não se pode restringir a um apoio meramente assistencialista, mas sim privilegiar uma vertente educativa. Educar no sentido de responsabilidade e participação social, privilegiando a autonomia, emancipação e liberdade de cada um (Azevedo, 2011).

O próprio profissional desempenha um papel bastante crucial em toda a intervenção e por isso torna-se importante abordar as suas características e principais funções, bem como o seu modo de atuar, de se aproximar dos sujeitos, desenvolvendo com eles, de forma participada projetos sociais.

1.4. O PAPEL DO INTERVENTOR SOCIAL

Qualquer pessoa é uma ilha, no sentido muito concreto do termo; a pessoa só pode construir uma ponte para comunicar com outras ilhas se primeiramente se dispôs a ser ela mesma e se lhe é permitido ser ela mesma. Descobri que é quando posso aceitar uma outra pessoa, o que significa especificamente aceitar os seus sentimentos, as atitudes e as crenças que a constituem como elementos integrantes reais e vitais, que eu posso ajudá-la a tornar-se pessoa (Rogers, 1985, p.32).

Independentemente da atividade profissional desenvolvida é extremamente importante que a pessoa goste do que faz, caso contrário, sentir-se-á mais desgastado, prejudicado e com dificuldades em realizar uma tarefa. Neste sentido, qualquer profissional deve gostar daquilo que faz. Sem dúvida alguma deve gostar de trabalhar com pessoas e com grupos, não querendo isto dizer que muitas vezes isto lhe causa ansiedade, cansaço ou desânimo (Zimmerman & Osorio, 1997).

Um Interventor Social é entendido por Serrano (2010), como uma pessoa com uma formação específica, que utiliza métodos e técnicas pedagógicas, psicológicas e sociais para favorecer o desenvolvimento de uma pessoa e ajudá-la a resolver os eventuais problemas, em contextos variados. Até porque a pessoa que está a intervir é sem dúvida alguma um facilitador da mudança, mas o verdadeiro decisor é sempre a própria pessoa (Campiche, Hipolyte, & Hipólito, 1992), por isso este profissional:

(...) embora lide com problemas concretos que as pessoas enfrentam, o que é central à razão de ter de lidar com esses problemas é a dificuldade da pessoas em enfrentar e resolver ela própria a situação de vida que lhe causa esse problema que ela não se sente em condições de resolver por si só (Silva, 2001, p. 26).

Na verdade, um trabalhador social desenvolve uma intervenção com as pessoas procurando que estas questionem e reflitam sobre os seus problemas, e, de que forma é que estes são sentidos por elas. De uma maneira geral, este profissional social procura trabalhar com os sujeitos ou grupos, visando a autonomia, responsabilização e participação de todos (Veiga, 2009; Azevedo, 2011). Assim, quando um profissional trabalha com pessoas esta capacidade

reflexiva tem que estar constantemente presente, assim como a escuta ativa e a observação. São indubitavelmente características importantes que definem este profissional. A estas características juntam-se outras como a organização, a intencionalidade, a aceitação e o respeito (Azevedo, 2011; Timóteo, 2010; Veiga, 2009).

É igualmente necessário procurar a verdade de forma a fortalecer a confiança entre o profissional e a pessoa. Assim, todos os envolventes devem ser autênticos e verdadeiros ao longo do processo interventivo. Contudo, nem sempre a verdade significa coerência, e, por isso, esta torna-se uma característica importante numa relação. Dependendo do contexto, do estado de espírito e da circunstância, a própria pessoa pode modificar o seu próprio discurso e assumir diferentes posições (Zimerman & Osorio, 1997)

Numa relação entre um trabalhador social e uma pessoa, nenhuma das partes deve ser privilegiada, e, por isso, todo o processo de intervenção deve ser desenhado numa vertente co-construída, em que todos os intervenientes participam na construção e definição da sua realidade (Weber, 2011).

A relação que se vai estabelecendo entre o profissional e as pessoas deve privilegiar dimensões extremamente importantes para a veracidade dessa mesma relação. Capul e Lemay (2003) caracterizam o relacionamento estabelecido entre um educador social e uma pessoa, destacando uma característica extremamente importante: a escuta ativa. Este “escutar” implica atenção, interesse e dedicação, permitindo, assim, desenvolver uma capacidade empática. O interventor assume, assim:

(...)o duplo estatuto de alguém que está directamente implicado, e, ao mesmo tempo, impedido de tomar partido ou de dar a solução. Cabe-lhe, sobretudo, escutar e estar atento, criando situações de encontro e de proximidade favoráveis à emergência das respostas pessoais por parte dos educandos, os verdadeiros protagonistas da acção (Carvalho & Baptista, 2004, p.93).

Um outro aspeto igualmente importante relaciona-se com a aceitação da pessoa. Devemos ter em conta tudo aquilo que a constrói, não querendo isto dizer que temos que aceitar todos os seus atos. Por isso, aceitar a pessoa tal como ela é, implica conhecer as suas histórias, vivências, memórias, sonhos e desejos, considerando as características psicológicas, físicas, afetivas, culturais e simbólicas de cada sujeito, sendo capaz de reconhecer que cada pessoa é uma

pessoa, e, que a cada uma delas deve ser fornecida a possibilidade de ter voz própria e de ocupar um lugar ativo em todo o processo e relação estabelecida (Vieira, 2015).

Aliás, este profissional tem a missão de orientar, acompanhar e ajudar cada pessoa, por isso é extremamente importante que consiga desenvolver uma relação próxima e verdadeira com as pessoas com quem está a trabalhar. Na verdade, um Interventor Social tem que considerar um conjunto de fatores da realidade de uma pessoa, como a família, os pares e amigos, a vizinhança, a comunidade, o local de trabalho, a escola, entre outros, assumindo assim a perspectiva sistémica como dimensão importante no desenvolvimento de uma intervenção (Capul & Lemay, 2003).

Comunicar adequadamente influencia diretamente essa mesma intervenção. Considerando que o processo comunicativo é algo amplo, o profissional deve valorizar todas as formas de comunicação estabelecidas, tendo em atenção às formas de linguagem não verbal que acabam por ser constantes num processo de comunicação. A par disto, o próprio profissional deve ter cuidado com as palavras que transmite e com a forma como o faz, uma vez que isto poderá influenciar a interpretação e resposta da pessoa (Zimmerman & Osório, 1997).

Biestek (1957), citado por Carvalho & Pinto, (2015, p.94) destaca a importância do princípio da individualização. Quer isto dizer que, quando trabalhamos com uma pessoa, devemos respeitá-la como ser único, com as suas próprias características, preferências e direitos. Por isso, a intervenção desenvolvida deve reconhecer e respeitar aquilo que a pessoa é, tendo em conta as suas preocupações, necessidades e capacidades.

Todas estas características são importantes para o desenvolvimento da relação, que Carl Rogers (2009) caracteriza como essencial em todo o processo de conhecimento. Esta relação deve ser estabelecida entre um profissional e uma pessoa, preservando todas as características mencionadas anteriormente. É uma relação próxima, verdadeira e autêntica. O autor realça a importância para esta última característica que ele denomina de “congruência” ou “autenticidade”:

Com este termo pretendo dizer que qualquer atitude ou sentimento que estivesse vivenciando viria acompanhado da consciência dessa atitude. Quando isso é verdade, sou, naquele momento, uma pessoa unificada e

inteirada e é então que posso ser o que sou no mais íntimo de mim mesmo. Esta é uma realidade que, por experiência, proporciona aos outros confiança (Rogers, 2009 , p.59).

Para além da congruência, Rogers (2009) alerta para a importância da receptividade, aceitação e empatia, características apontadas anteriormente. No fundo existe um leque de aspetos que devem acompanhar o profissional para que toda a intervenção e relação seja possível.

Estar em relação é agir de uma maneira compreensiva e empática, negar-se nas suas perspectivas pessoais, afirmar-se a si mesmo e ao Outro como centro de acção diferente e original, procurando construir e reconstruir em si Outrem (Campiche et al., 1992, p. 45).

Posto isto, a pessoa desempenha um papel imprescindível não só na construção do conhecimento, como também na construção das respostas aos problemas que ela própria identificou, até porque quem vai viver com as mudanças é o sujeito e não o trabalhador social (Weber, 2011).

A paciência deve ser outro domínio que o profissional deve conhecer e desenvolver. A paciência deve ser encarada como uma atitude positiva, em que é respeitado o tempo de espera necessário para que a pessoa e/ou o grupo adquira e desenvolva uma confiança com os outros elementos e com o próprio profissional (Zimerman & Osorio, 1997).

Uma outra característica importante do profissional diz respeito ao sigilo que este deve manter relativamente àquilo que lhe foi transmitido. Zimerman e Osório (1997, p.42) denominam esta característica de “senso de ética”, considerando que um profissional:

(...)não tem o direito de invadir o espaço mental dos outros, impondo-lhes os seus próprios valores e expectativas; pelo contrário, ele deve proporcionar um alargamento do espaço interior e exterior de cada um deles, através da aquisição de um senso de liberdade de todos, desde que essa liberdade não invada a dos outros.

Neste sentido, um Interventor Social deve ser autêntico, receptivo, aceitando e o respeitando o outro. Por isso, este profissional pode e deve intervir em diferentes contextos e com diversas pessoas, de forma a ajudá-las na sua caminhada para a mudança. Tudo isto poderá ser feito através de Projetos Sociais que privilegiem a Metodologia de Invetigação Ação Participativa.

CAPÍTULO II: ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Neste segundo capítulo há uma abordagem à Metodologia de Investigação Ação Participativa uma vez que foi a escolhida para orientar o presente Projeto. É igualmente apresentado o processo de conhecimento da realidade e o modelo de avaliação.

2.1. INVESTIGAÇÃO AÇÃO PARTICIPATIVA: UMA METODOLOGIA PARA INTERVENÇÃO SOCIAL

Para conhecer a realidade dos moradores do Empreendimento Social Padre Américo, os problemas e necessidades, os seus comportamentos e as suas representações, tornou-se necessário recorrer à Metodologia de Investigação Ação Participativa.

A primeira vez que o termo “investigação ação” foi utilizado, foi em 1944, por Kurt Lewin (Lewin, 1990). Este conceito designava uma forma de investigação que relacionava a componente científica com a ação social, na tentativa de responder aos problemas sociais (Lewin, 1990) e, assim, melhorar a qualidade da própria ação (Esteves, 2008). Por isso, a investigação ação “remete (...) para compreensão dos ambientes e das ações cuja mudança se deseja, mediante a prática de investigação dos mesmos” (Esteves, 2008, p.18).

Para Lewin (1990) a investigação ação consistia na análise, na conceptualização, na planificação, na relação e na avaliação de informações que iam surgindo num determinado contexto. Tudo isto era encarado como algo cíclico, em que cada passo se repetia . Ao longo do tempo começou-se a perceber e a valorizar a questão da participação das pessoas, completando assim esta metodologia(Carr & Kemmis, 1988; Lewin, 1990).

As práticas da investigação ação são influenciadas pelo contexto em que se desenvolvem (Silva, 1997) e, por isso, começou-se a perceber que era importante não direcionar o nosso conhecimento exclusivamente na teoria,

mas sim para uma metodologia que lida com pessoas concretas e com problemas reais (Esteves, 2008).

Se até agora se considerava que a ciência era a fonte de toda a sabedoria, a partir daqui começou-se a perceber que o conhecimento popular (o senso comum) era igualmente importante para a construção de todo o conhecimento. Assim:

a ciência, tradicionalmente sustentada na razão, seria contemplada pela emoção e pelos sentimentos, daí a necessidade do contributo da ética, isto é, de uma consciência moral que permitisse a decisão balanceada entre o desejável e o possível, tendo em vista o bem-estar colectivo (Esteves, 2008, p.65).

A partir da revolução científica do século XVI, o conhecimento científico (o modelo da racionalidade) orientado pelas ciências sociais intensificou-se e começou-se a estender às ciências sociais e, a partir daí, começou-se a falar de um:

modelo global de racionalidade científica que admite variedade interna mas que se distingue e defende (...) de duas formas de conhecimento não científico (e, portanto irracional) potencialmente perturbadoras e intrusas: o senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (Santos, 2001, p.10).

Esta nova racionalidade científica gerou algumas preocupações, por se considerar que existia apenas uma forma de conhecimento e, tudo o que não fosse científico era encarado como inválido (Sousa, 2001). Assim, os estudiosos das ciências naturais acreditavam que a ciência era a resposta para tudo e, que através dela poderíamos fazer qualquer coisa (Nunes, 2002). É com esta visão que o conhecimento científico entra em rutura com o conhecimento do senso comum pois, enquanto o senso comum (conhecimento prático) a causa e a intenção das coisas surgem de uma forma espontânea e convivem sem problemas, no conhecimento científico, a razão da causa obtém-se a partir de uma intenção, privilegiando assim, a lógica e o rigor (Sousa, 2001).

Na verdade, as ciências naturais apresentavam uma série de justificações, teorias e princípios sobre o mundo e, que são aceites pela comunidade científica contrariamente ao que acontece nas ciências sociais (Sousa, 2001). Porém:

o rigor científico, porque fundado no rigor matemático, acaba por quantificar e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os fenómenos, os objetualiza e os degrada, que, ao caracterizar os fenómenos, os caricaturiza (Santos, 2001, p.32)

Assim, o paradigma a emergir não se pode centrar apenas num paradigma científico, mas também num paradigma social. Esta dicotomia, entre saberes, só acontecerá se a própria humanidade se transformar, modificar e aceitar a existência dos dois saberes (Santos, 2001), enquanto isso não acontecer irá sempre existir uma linha que separa a investigação científica (a tradicional) da social, em vez destas duas vertentes se complementarem.

A investigação tradicional tem por base uma relação “desnivelada” entre o investigador e o sujeito, sendo que o investigador é o elemento ativo por ser o produtor de todo o conhecimento e o investigado um elemento passivo, por fornecer, apenas, as informações. A nova investigação rejeita esta visão dicotómica (entre sujeito e objeto) devido à sua relação assimétrica e unidirecional. Esta nova metodologia surge, então, como uma nova proposta: o conhecimento de todos os intervenientes deve ser respeitado, permitindo assim, um conhecimento co-construído (Esteves, 2008), envolvendo todas as pessoas a quem o problema diz respeito (Silva, 1997).

A Investigação Ação Participativa (IAP) é definida por Erasmie & Lima (1989) como um processo em que os membros de uma comunidade participam ativamente em todas as fases do seu desenvolvimento, com o intuito de identificar problemas, necessidades e eventuais soluções. Assim, as pessoas começam a desenvolver a consciência da existência de problemas, assim como a compreender as suas causas daí a importância da colaboração de todos os participantes num processo interventivo (Esteves, 2008).

A IAP é, então, um processo em que a construção do conhecimento que está nas mãos dos próprios protagonistas de toda a prática social, implicando momentos de análise e reflexão colectiva a partir do contexto em que as pessoas vivem, considerando, assim a investigação com uma produção social do conhecimento (Giorgi, 1989).

Desta forma, esta metodologia centra-se na compreensão de um determinado contexto, encarando todos os participantes como atores principais de todo o processo, privilegiando aquilo que de mais positivo existe numa realidade (Guerra, 2002; Lima, 2003). Esta metodologia apresenta, por

isso, um caracter participativo, uma vez que é através da participação que as pessoas conseguem trabalhar por uma melhoria das suas práticas (Kemmis & McTaggart, 1992).

“Melhoria e envolvimento são conceitos indissociáveis, pelo que a tomada de decisões é competência de todos, é um processo participativo e colaborativo (Esteves, 2008, p.21). Na verdade, apelar à participação de uma pessoa, ignorando tudo aquilo que a acompanha e constrói, é impor e controlar, e não é isto que esta metodologia valoriza (Lima, 2003). Assim:

a participação é (...) entendida como uma relação construída na ação. Esta relação pressupõe uma atitude consciente e informada dos sujeitos para a tomada de decisão, individual ou coletiva, e pressupõe também uma “caminhada”, de construção de conhecimento, construída face a um objetivo conhecido e negociado, implicando cooperação e conflito, em condições aleatórias onde o inesperado pode surgir a cada instante (Vieira, 2015, p.128).

A participação é indispensável para o desenvolvimento da intervenção e educação. Os próprios investigadores tornam-se membros da realidade que estão a conhecer e a analisar. Assim como todos os membros de uma realidade devem ser valorizados e implicados neste processo de conhecimento (Ceballos, 1989; Kemmis & McTaggart, 1992). A comunidade deve, então, desempenhar um papel ativo e participativo em todo o conhecimento, porque:

não se pode considerar investigação participativa quando é um agente exterior que decide fazê-la. Pode todavia acontecer que alguém exterior à comunidade impulse a comunidade para que se decida realizá-la. A execução da investigação deve ser utilizada pela comunidade. O que quer dizer que a comunidade deve organizar e levar a cabo todas as atividades do processo de conhecimento e, nesse sentido, terá que desempenhar o duplo papel de investigador e objeto investigado (...) Também não podemos falar de investigação participativa quando o conhecimento produzido serve a outro destinatário que não é a comunidade (Paredes, 1987, p.11, citado por Silva, 1997, p.41).

A Investigação Ação Participativa apresenta três grandes princípios. Um primeiro diz respeito a esta questão da participação. Neste sentido, todas as pessoas envolvidas devem participar de uma forma ativa, na identificação dos problemas e, em todas as fases do projeto. Em seguida, é importante tomar

consciência dos problemas que afetam uma determinada realidade e, por último, recorrendo a esta metodologia, devem surgir soluções ou alternativas a esses problemas identificados (Erasmie & Lima, 1989; Carr & Kemmis, 1988; Kemmis & McTaggart, 1992). Deve existir, por isso, uma articulação entre a teoria e a ação, de forma a permitir, não só a produção de conhecimento essencial ao grupo, mas também o aumento do poder, através da capacidade de produzir e aplicar o conhecimento (Esteves, 2008).

Desta forma, é importante recorrer a algumas técnicas para aprofundar o conhecimento do contexto em que estamos inseridos, de forma a torná-lo mais real e verdadeiro, daí a necessidade do seguinte ponto.

2.2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO DA REALIDADE

Conhecer a realidade exige que o próprio investigador se implique no contexto e na vida de cada pessoa. Este processo de conhecimento da realidade não deve ser, de forma alguma, banalizado, mas sim valorizado. Cembranos, Montesinos & Bustelo (2007), acreditam que este processo procura transformar uma realidade de forma realista e refletida.

Na verdade, a pessoa que está a investigar não pode ser considerada como uma especialista e uma conhecedora de todo o saber, por isso tudo aquilo que é pensado e tudo aquilo que é descoberto deve ser devolvido aos sujeitos (Lima, 2003; Cembranos, Montesinos & Bustelo, 2007).

Quando pretendemos conhecer um contexto torna-se importante realizar uma caracterização dessa mesma realidade, identificado os respetivos recursos, os problemas e necessidades. Depois deste primeiro momento torna-se importante refletir em conjunto com as pessoas, de forma a interpretar, a questionar, a relacionar e a tentar procurar uma explicação para tudo aquilo que foi encontrado. Depois de tudo isto, as pessoas devem definir aquilo que pretendem alcançar, perspectivando alternativas para essa mudança (Cembranos, Montesinos & Bustelo (2007).

Para conhecer a realidade, existem algumas técnicas que o investigador pode recorrer, como é o caso do inquérito por questionário.

De uma maneira geral, o inquérito por questionário permite conhecer alguns comportamentos, opiniões, crenças, valores e modos de vida das pessoas, assim como a sua situação profissional, social e familiar (Quivy & Campenhoudt, 2008). Esta técnica é bastante usual em investigações quantitativas, mas é igualmente importante em investigações qualitativas.

Uma técnica importante a manter diz respeito aos registos diários que devem ser feitos. Robertis (2011), considera que estes registos diários funcionam como um “diário/caderno de serviço”, sendo um instrumento pessoal do trabalhador social que:

(...)tem por objetivo consignar, de maneira cronológica, as atividades diversas realmente efetuadas no dia a dia. A análise regular deste instrumento de recolha permitirá tirar conclusões sobre o seu perfil como profissional, sobre a evolução das tarefas asseguradas e sobre constatações e os problemas encontrados (Robertis, 2011, p.229).

Os diários são, então, um bom veículo para a construção do conhecimento, sendo igualmente potenciadores da reflexão (Esteves, 2008). Uma outra técnica que acompanhou a construção da realidade foi sem dúvida a observação. Todos os dias, e, em todos os momentos estamos a observar aquilo que nos rodeia e tudo aquilo que se passa à nossa volta. “Vemos, ouvimos, participamos, observamos”, e, quando começamos a sistematizar, a analisar, a demonstrar interesse e a compreender o que está a acontecer estamos a transformar todo isto em conhecimento (Pardal & Lopes, 2011, p.72).

Quando estamos a observar um determinado contexto, quando estamos a observar uma comunidade, devemos participar nas suas vivências e no seu quotidiano, pois desta forma estamos a viver inteiramente a situação, proporcionando um conhecimento mais verdadeiro, realista e próximo. Para além disto, esta técnica permite-nos a percepção e captação de inúmeras informações precisas, no momento imediato e num determinado contexto, ajudando, assim, a compreender um determinado contexto, as pessoas que nele se inserem e as suas interações (Esteves, 2008; Pardal & Lopes, 2011). Porém, quando o investigador está a observar tem que se implicar no próprio contexto, respeitando, sempre o outro, uma vez que:

A penetração na vida colectiva, o acesso a espaços privados, o contacto com costumes e rituais, a divulgação do sentido das práticas e da sua experiência ou história de vida exigem abertura por parte da comunidade

observada e, ao mesmo tempo, que esta aceite culturalmente o observador (...) a aceitação cultural é, certamente, um processo moroso (...) implicando que ambos os protagonistas da ação, indivíduos ou comunidade, numa relação de reciprocidade, orientada para um fim comum que é dar e/ou dar-se a conhecer (...) (Pardal & Lopes, 2011, p.32).

Uma outra técnica tem vindo a ser cada vez mais utilizada, tendo em conta a sociedade atual, nomeadamente o registo através de fotografias e vídeos. As imagens registadas, não devem ser encaradas como meros trabalhos artísticos, mas sim como informação visual importante para serem analisadas, por isso devem ser datadas e referenciadas (Esteves, 2008).

Todo este conhecimento da realidade não é fácil. Na verdade é um processo complexo que exige uma avaliação, à medida que vamos desenvolvendo cada passo, o que nos permite perceber o que é que já se fez até ao momento e o que é que ainda falta fazer e melhorar (Lima, 2003), por isso torna-se importante explorar a questão da avaliação, daí a necessidade do tópico seguinte.

2.3. O MODELO DE AVALIAÇÃO

A avaliação insere-se num processo metodológico, desenvolvida do início ao fim do projeto, sendo esta construída e partilhada com as pessoas envolvidas. A pessoa, que é simultaneamente ator e sujeito da intervenção, deve ser chamada a avaliar a sua própria situação, evolução e mudança. Neste sentido, cada pessoa deve possuir um olhar crítico e um papel ativo em todo o processo, assim como o próprio trabalhador social. Este, deve desempenhar um papel igualmente ativo, tornando-se mais um elemento daquela realidade (Robertis, 2011). Por isso, “a avaliação tem (...) uma função central no próprio processo de formação, por constituir um meio de facilitar a distanciação e análise das práticas, conducente à experiências de novas práticas” (Silva, 1997, p.216).

A avaliação desenvolvida ao longo de todo o processo interventivo implica a reformulação e reflexão de situações, constituindo, assim, uma tomada de consciência da mudança (Silva, 1997). Assim, a avaliação corresponde a um

processo de reflexão que permite explicar, compreender, analisar e reconhecer erros e sucessos de toda a prática, com o objetivo de melhorá-los, devendo ser sempre, uma avaliação participativa, aberta e democrática. Por isso, a avaliação “deve ser contínua, sistemática e flexível” (Serrano, 2008, p.96). Importa referir que a avaliação deve ser encarada como um processo mediante o qual se adquire várias informações importantes para a tomada de decisões (Stufflebeam & Shinkfield, 1987)

É importante que a avaliação seja feita ao longo do tempo, para nos ajudar a refletir, analisar e avaliar o desenvolvimento do projeto. Para Cembranos, Montesinos & Bustelo (2001) avaliar é isto mesmo. Uma avaliação implica a recolha e análise sistemática de informações que nos permita determinar o valor mérito daquilo que se está a fazer. Os presentes autores consideram que a avaliação não é mais do que um processo, onde se pretende obter o máximo de informações sobre um determinado contexto, identificando recursos, potencialidade e eventuais problemas. Assim, a avaliação apresenta uma função central na análise do processo de mudança e dos respetivos resultados (Silva, 1997).

Neste sentido, e tendo em conta que o Projeto de Educação e Intervenção Social, “Há Vida no Bairro!”, integra uma análise da realidade, um desenho/planificação e a sua realização/desenvolvimento, torna-se importante explorar o modelo de avaliação CIPP (*Context, Input, Process, Product*). desenvolvido por Stufflebeam & Shinkfield (1987), uma vez que a avaliação deste Projeto seguiu os princípios deste modelo.

O modelo CIPP é estruturado em quatro passos principais: avaliação do contexto, avaliação de entrada, avaliação do processo e avaliação do produto. Stufflebeam & Shinkfield (1987) descrevem esses mesmos passos na sua obra².

A avaliação do contexto inicia com a análise do próprio contexto, permitindo a identificação dos problemas e das necessidades do Projeto a desenvolverem. Tudo isto constrói-se com os intervenientes, conhecendo a realidade através dos seus olhares e, isto implica conhecer os seus valores, as

² Stufflebeam, D., & Shinkfield, A. (1987): *Evaluación sistemática. Guía teórica y práctica*. Barcelona: Paidós

suas rotinas, as suas virtudes, defeitos, dificuldades e desejos. Uma avaliação do contexto pode ajudar a pessoa e o grupo a estabelecer prioridades nos seus trabalhos. Aquilo que se conseguiu através desta avaliação não deve ficar esquecido, porque mais tarde ser-nos-á útil quando tivermos que (re)pensar nos resultados obtidos (Stufflebeam & Shinkfield, 1987).

Na avaliação de entrada pretende-se que as estratégias a desenvolver sejam identificadas, assim como a planificação dos procedimentos para levar a cabo essas mesmas estratégias. Estas estratégias devem ser adequadas e adaptadas tendo em conta as pessoas e os grupos com quem estamos a trabalhar, por isso, as pessoas, também nesta fase, devem desempenhar um papel ativo. A avaliação de entrada funciona como uma proposta que se irá desenvolver ao longo do tempo, considerando, sempre, as pessoas e o contexto (Stufflebeam & Shinkfield, 1987).

A avaliação do processo implica identificar e analisar aquilo que foi planeado anteriormente. No fundo, esta avaliação centra-se na realização daquilo que foi previamente definido. Aqui é o momento ideal para (re)formular e (re)pensar sobre algo que se tenha planeado anteriormente. É igualmente um momento de retrospeção, em que os intervenientes analisam aquilo que já foi feito e tentam perceber o que é que ainda pode ser trabalhado (Stufflebeam & Shinkfield, 1987).

A avaliação do produto, corresponde à avaliação final e aqui é importante relacionar os objetivos definidos com os resultados obtidos, assim como interpretar e refletir sobre as informações obtidas na avaliação do contexto, de entrada e de processo. De uma maneira geral, o grande objetivo da avaliação do produto é identificar, interpretar e refletir sobre os resultados conseguidos. Esses resultados devem ser relacionados e comparados com os objetivos definidos, para tentar perceber o que se atingiu. Aqui deve-se refletir sobre os efeitos e impactos do Projeto, assim como perceber quais os resultados positivos e negativos de todo o desenvolvimento. Para além disto importa perceber se as necessidades do grupo foram satisfeitas e quais as mudanças ocorridas, quer no contexto, quer no sujeito. Mais uma vez, esta avaliação deve ser partilhada com as pessoas envolvidas para tornar a avaliação final mais autêntica, realista e verdadeira (Stufflebeam & Shinkfield, 1987).

PARTE II: “HÁ VIDA NO BAIRRO!” UM PROJETO DE EDUCAÇÃO E INTERVENÇÃO SOCIAL

Depois de uma primeira parte relativa a um enquadramento metodológico e teórico torna-se importante caracterizar o contexto onde se desenvolveu o Projeto “Há Vida no Bairro!”, assim como as pessoas que nele participaram e os passos dados nesta caminhada. Assim, na segunda parte deste relatório surgem dois grandes capítulos: o primeiro refere a análise da realidade e o desenho do Projeto, enquanto o seu desenvolvimento e avaliação surge no segundo capítulo. O nome do Empreendimento e da Empresa Municipal que o gere será utilizado ao longo do relatório uma vez que isso foi autorizado (anexo 1, p.175).

CAPÍTULO I: ANÁLISE DA REALIDADE E DESENHO DO PROJETO

1.1.O EMPREENDIMENTO SOCIAL PADRE AMÉRICO

O Empreendimento Social Padre Américo localiza-se em Canelas, Vila Nova de Gaia e foi inaugurado em 2011, sendo o primeiro Empreendimento Social a existir nesta freguesia. Apresenta uma capacidade habitacional de 31 casas, distribuídas por quatro blocos com dois andares, abrangendo quatro tipologias diferentes (T1, T2, T3 e T4).

A primeira entrada tem uma rampa que permite o acesso de locomoção a pessoas com dificuldades de mobilidade, sendo que, nesta mesma entrada reside um jovem adulto (21 anos) que se desloca em cadeira de rodas. Todas as entradas apresentam escadas no exterior que fazem a ligação entre os andares e, isto, por um lado proporciona contacto e convívio entre os moradores, por

outro, nos dias de chuva, este mesmo espaço torna-se perigoso, o que impede as pessoas de aí permanecerem.

Durante a tarde fico aqui nas escadas, sentada a falar com as vizinhas e estamos aqui à tarde entretidas e falar disto e daquilo. Eu gosto e dá sempre para ver os miúdos ali a brincar e as outras pessoas a passar. (Moradora, 28/11/2014)

Isto no inverno é complicado. Às vezes evito sair de casa porque chove e as escadas ficam todas molhadas (...) é perigoso porque escorrega (Moradora, 28/11/2014) ³

Na entrada de cada bloco é possível, também, encontrar espaços verdes. Cada bloco apresenta um pequeno canteiro, contornado por uma rede, e que é tratado cuidadosamente pelos moradores do Empreendimento. De manhã, é comum encontrarmos alguns moradores a regar e a plantar as suas flores e plantas. A inexistência de um portão de acesso dificultava o acesso aos jardins, uma vez que os moradores tinham que ultrapassar a rede que protege os canteiros. Esta situação foi resolvida em julho do ano corrente, tendo sido colocada uma cancela, pela Giurb, para facilitar a entrada e saída das pessoas nos jardins.

Contrariamente ao que se verifica nos outros bairros sociais em Gaia, o Empreendimento Social Padre Américo apresenta apenas uma cor nas paredes dos blocos. Os residentes com quem falei demonstraram que gostam do aspeto do bairro, uma vez que os outros Empreendimentos locais apresentam mais do que uma cor:

É um bairro bonito! A cor é bonita não é como alguns que se vê, com duas e três cores fortes. Este tem só uma cor e, quem vem aqui nem se apercebe que é um bairro! Precisa de ser pintado porque a cor já está gasta, mas desde que continue assim, fica bem! (Moradora, 28/11/2014) ⁴

À semelhança dos outros Empreendimentos Sociais em Vila Nova de Gaia, neste Empreendimento existe um Gabinete de Ação Social (GAS), que tem como objetivo prestar apoio, acompanhamento e atendimento às famílias e

³ Conversas estabelecidas a partir do inquérito por questionário.

⁴ Conversa estabelecida a partir do inquérito por questionário

peças que precisem; gerir todo o equipamento habitacional e promover uma melhor qualidade de vida aos moradores, de forma a proporcionar uma (re)integração (Gaiurb, 2012). Estes tipos de gabinetes são:

(...) dinamizados por uma equipa de técnicos altamente qualificados, especializados na intervenção e acompanhamento social das famílias realojadas, de forma a dotá-las de informação e formação que permita lançar as bases de uma permanente e crescente intervenção social e cívica junto dos agregados que vivem no nosso património habitacional, promovendo novas respostas de carácter social, quer em equipamentos, quer em acções imateriais, capazes de promover a auto-estima colectiva destas populações e a sua plena integração cívica e social (Gaiurb, 2012, p.15).

Neste Empreendimento específico, a técnica de apoio social, é Psicóloga e é ainda responsável pelo GAS do Empreendimento há três anos. Todos estes gabinetes, assim como os respetivos Empreendimentos são geridos pela Gaiurb. A Gaiurb é uma Empresa Municipal da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia. Tem vindo a trabalhar com os bairros sociais da freguesia, desde a celebração de dias festivos, passeios, reconstituições de casas a alojamento de pessoas. Especificamente no Empreendimento Social Padre Américo, sempre que há uma data importante a ser celebrada, esta Empresa Municipal assiná-la-á. Esta iniciativa é algo que agrada os moradores, porque muitos dos seus gostos e vontades passam por passear e conviver e, estes eventos proporcionados pela Gaiurb, acabam por ir ao encontro dessas vontades. Durante o período em que permaneci no bairro tive a possibilidade de constatar a existência desses eventos. Em outubro de 2014, participei no Baile de Magusto (apêndice 1, p.92), onde pude ver e sentir a felicidade, o entusiasmo e a alegria dos moradores por participarem num evento como este. O Baile de Magusto decorreu num auditório numa freguesia vizinha (Canidelo) e estiveram presentes outros moradores de outros Empreendimentos Sociais. Para além disso e, apesar de eu não ter participado, pude verificar a existência de outros eventos como: uma sessão de cinema, nas férias de Natal, para crianças e jovens no Auditório Municipal de Gaia (para vários Empreendimentos); o Baile de Reis, em janeiro, e o Dia da Mulher para os dois Empreendimentos de Canelas, numa Academia de Dança Local; o Dia do Vizinho, que se celebrou com um piquenique no Parque da Lavandeira, em

Vila Nova de Gaia. Todas estas celebrações não implicaram um custo aos moradores, uma vez que o transporte foi sempre cedido pela Câmara Municipal.

Importa referir que quando há passeios para fora do bairro e que exigem deslocação em autocarro, este nunca pode ir até à entrada do bairro, uma vez que a estrada é bastante estreita, o que dificulta as manobras do autocarro e, por isso, as pessoas que pretendam ir no autocarro têm sempre que se deslocar até ao cruzamento que antecede a entrada do bairro.

Um aspeto positivo que caracteriza este bairro diz respeito à sua manutenção, essencialmente à sua limpeza. Dentro do bairro existem pequenos caixotes do lixo e, a à sua entrada, os contentores principais. Todas as vezes que estive no bairro, nunca, em momento algum, vi o espaço mal tratado. Aliás, com bastante frequência via as pessoas a limparem não só as suas entradas, assim como os pátios principais, incluindo o tratamento dos jardins. A própria limpeza do GAS está a cargo de uma moradora a quem, no final de cada mês, é entregue um cheque para usufruir no supermercado. A selecção da moradora, que desempenha esta função, é da responsabilidade da técnica do GAS e este processo é realizado anualmente. As pessoas que pretendem assumir esta responsabilidade são moradores que querem participar nesta iniciativa.

Os moradores com quem fui falando, através das conversas intencionais estabelecidas, dos questionários e a reunião comunitária⁵ e, pela minha própria observação, consideraram que a localização do Empreendimento dificulta o acesso a alguns recursos da comunidade importantes.

A Junta de Freguesia, que fica a um quilómetro e meio do bairro, é um dos recursos procurados pelos moradores, porque muitos dos residentes estão desempregados e, por isso, têm que se deslocar à Junta para fazer a sua apresentação quinzenal, pois se não o fizerem o apoio monetário que recebem ser-lhes-á retirado. O Gabinete de Inserção Profissional (GIP) é procurado pelas pessoas por causa das formações financiadas e/ou ofertas de emprego. A

⁵ A reunião comunitária é explorada no tópico “Problemas e Necessidades identificados”

existência deste espaço, na freguesia, é de extrema importância porque evita que, não só os moradores, mas todas as outras pessoas se desloquem ao Centro de Emprego, que se localiza no centro de Vila Nova de Gaia e portanto mais distante do bairro (7,5 km).

Relativamente à rede rodoviária, existe apenas uma empresa de transporte presente em toda a freguesia com uma três direções distintas: Canelas/Porto (todos os dias); Canelas/Espinho (uma vez por semana, à segunda-feira) e Canelas/Carvalhos (uma vez por semana, à quarta-feira)⁶. Contudo, muitos moradores quando precisam de se deslocar de transportes públicos, têm que se dirigir à paragem (a meio quilómetro do bairro) e isto nem sempre é fácil. Durante a semana, existem autocarros entre as 07h00 e as 11h30, de meia em meia hora, mas ao fim de semana entre as 08h00 e as 22h00, de uma em uma hora.

Quanto às respostas ao nível da saúde, existe um Centro de Saúde, que fica a dois quilómetros do Empreendimento e duas farmácias (uma a dois quilómetros e outra a três quilómetros e trinta do bairro). Quanto aos supermercados existe uma grande superfície comercial na freguesia, que fica a três quilómetros do bairro e, por isso as pessoas optam por se dirigir ao supermercado da freguesia vizinha que fica a um quilómetro do bairro.

1.2. OS MORADORES

Neste ponto é apresentada uma caracterização generalizada dos habitantes do Empreendimento Social Padre Américo. No Empreendimento residem 78 pessoas, distribuídas por 29 agregados familiares. Como já foi mencionado anteriormente, num fase inicial, recorri ao inquérito por questionário para iniciar um diálogo com os respetivos moradores. Este tinha como principais

⁶ Informações consultadas, a 26 de novembro de 2015, no site da empresa: www.utc.pt

objetivos caracterizar os residentes do ponto de vista sociodemográfico. Pretendia ainda identificar e perceber as representações e vivências dos moradores (apêndice 2, p.94)

Os questionários foram preenchidos por 29 moradores, correspondentes ao número de famílias existentes no bairro. Tendo como referência teórica a Alarcão (2006)⁷, os agregados familiares foram classificados relativamente às suas variações e tipologias. Assim, verificou-se que existem 14 famílias nucleares, 9 famílias reconstruídas, 2 famílias monoparentais e 4 famílias com apenas 1 elemento. Apesar do tipo de família nuclear ser o que prevalece, esta variação do ciclo familiar apresentou uma característica que necessita ser destacada. Na maior parte das situações (em seis famílias nucleares) existe a presença de uma avó ou de um avó, o que remete para uma família com a presença de várias gerações, denominada por Alarcão (2006) de “geração sanduíche”⁸. Depois existem cinco famílias nucleares (sem presença de avós) e duas correspondentes a casais de idosos⁹ e uma família adoptiva.

Quanto às famílias reconstituídas, verificou-se que em todos os casos os dois membros do casal já tinham tido uma família anterior e que se tinham divorciado, à excepção de um agregado familiar, cujo motivo se centrava na viuvez do conjugue. Relativamente às famílias monoparentais, nos dois casos a mãe é a referência progenitora, sendo que num caso existe uma criança e no outro, duas crianças. Quanto às famílias constituídas apenas por um elemento, duas delas são constituídas por idosos do género feminino (65, 67 e 72 anos) e outra por uma pessoa de 41 anos do género masculino.

Neste sentido residem, no Empreendimento, 43 pessoas do género feminino e 34 pessoas do género masculino, sendo que 14 dessas pessoas são menores de 18 anos. Em idade pré-escolar residem no bairro, três crianças (2, 4 e 5 anos) . A frequentar o 1º ciclo do ensino básico existem dois rapazes com idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos. A frequentar o 2º ciclo do ensino

⁷ Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto

⁸ Geração sanduíche é uma metáfora para definir uma geração intermédia. Em muitas famílias ocorre uma coincidência temporal entre a adolescência do filhos e o apoio às pessoas mais velhas, neste caso os avós (Alarcão, 2006).

⁹ Considerou-se uma pessoa idosa com mais de 65 anos de idade.

básico, existem quatro jovens: dois rapazes de 12 e 13 anos e duas raparigas de 13 e 14 anos. A frequentar o 3º ciclo do ensino básico existem 5 jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos (três rapazes e duas raparigas). Todos os jovens que se encontram a frequentar o 3º ciclo do ensino básico já ficaram retidos uma vez (três deles durante o 2º ciclo e dois no ano que estão a frequentar). Quanto à escolaridade dos restantes moradores, 3 pessoas com idades compreendidas entre os 70 e os 90 anos não apresentam qualquer habilitação literária; 36 moradores concluíram o 1º ciclo do ensino básico; 15 pessoas o 2º ciclo do ensino básico; 6 sujeitos o 3º ciclo do ensino básico e 4 concluíram o ensino secundário.

Relativamente ao percurso profissional destas pessoas percebeu-se que a atividade profissional das mulheres era muito semelhante. Todas elas estavam ligadas à área fabril, costura e limpeza. Curiosamente, esta semelhança também se verificou no setor masculino, uma vez que os homens apresentavam profissões relacionadas com a construção civil. Porém, o número de pessoas em situação de desemprego é significativo neste Empreendimento, sobretudo os Desempregados de Longa Duração (DLD's), o que acaba por fazer com que estas pessoas recorram a outros apoios para conseguirem dar respostas às suas despesas e necessidades, como é o caso do apoio alimentar e apoio à terceira pessoa. Quanto a outros rendimentos, os moradores que trabalham recebem um salário relativo à sua atividade profissional, os que não trabalham recebem uma reforma (8 pessoas), ou subsídio de desemprego ou o Rendimento Social de Inserção (RSI), ou então não têm qualquer tipo de rendimentos. As pessoas que não têm rendimentos monetários estão a viver com outros familiares e essa é a justificação, da Segurança Social, para não possuírem uma contribuição.

Apesar de ter sido importante desenhar uma caracterização sociodemográfica destas pessoas, foi igualmente importante conhecer de uma forma mais aprofundada estes mesmos moradores. Quando questionadas sobre o seu percurso e as suas vivências anteriores ao Empreendimento, todas as pessoas me disseram que sempre viveram em Canelas e que já os seus pais e a maioria dos familiares residiam nesta localidade. Todos estes moradores residem no Empreendimento há 13 ou 14 anos, à exceção de uma família que vive neste local há três anos. Estas pessoas contaram-me que, antes de viver no bairro, habitavam numas pequenas casas perto do bairro, mas devido às

poucas condições destas, acabaram por ser demolidas e, por isso, estas pessoas foram realojadas no Empreendimento.

Em comum estas pessoas tinham a ida ao café perto do bairro, após o almoço. Aí juntavam-se em pequenos grupos para ir ao estabelecimento mais próximo. A seguir a esta saída habitual, eram muitas as pessoas que passavam as suas tardes sentadas nas escadas dos seus prédios a conversar, embora isto não fosse um hábito partilhado por todos. Na verdade, muitos moradores foram partilhando que apesar de se sentirem bem em Canelas, por ser a terra deles, não gostavam de viver no bairro. Acreditavam que viver num bairro implicava não serem totalmente aceites pela restante comunidade.

A par disto, consideravam que o próprio ambiente no bairro era muitas vezes negativo: existiam constantes discussões e sentiam que tudo o que se passava ali era de imediato transmitido à técnica do GAS. Aliás, muitas destas pessoas não se identificavam com a palavra “bairro”, pedindo-me inclusive para não a utilizar. Isto porque elas sabiam que quando utilizavam esta palavra, a reação das outras pessoas era sempre “estranha ou negativa”. Muitas destas pessoas sentiam vergonha em dizer que moravam ali, e não conseguiam imaginar os seus filhos, num futuro, a viver naquele lugar.

1.3. OS PARTICIPANTES

Depois de apresentada uma caracterização dos moradores torna-se importante caracterizar as pessoas que participaram no Projeto “Há Vida no Bairro!” uma vez que nem todos os residentes o integraram. O Projeto envolveu dois grupos diferentes: um grupo constituído mulheres e outro constituído por jovens. Todos eles foram importantes para a construção e definição dos problemas, necessidades, objetivos e ações. Neste tópico é apresentada uma caracterização de grupo, enquanto a caracterização individual poderá ser consultada em apêndice (apêndice 3, p.98). As histórias de cada pessoa foram recolhidas ao longo do tempo do Projeto com os próprios intervenientes.

O grupo das mulheres é constituído por 6 pessoas: a “Joana” de 42 anos, a “Maria” de 67 anos, a “Rosa” de 38 anos, a “Patrícia” de 47 anos, a “Laura” de 54 anos e a “Cátia” de 60 anos¹⁰. Todas estas mulheres encontram-se desempregadas há mais de ano: a “Joana” e a “Patrícia” estão desempregadas há cerca de 10 anos e, atualmente, recebem o Rendimento Social de Inserção; a “Maria” requereu a reforma antecipada quando tinha 63 anos porque não conseguia encontrar emprego; a “Rosa”, a “Patrícia” e a “Laura” recebem o subsídio de desemprego. Todas elas tiveram profissões relacionadas com a costura, tendo, por isso sido as grandes impulsionadoras da primeira ação do Projeto “Há Vida no Bairro!”. Todas elas, conterrâneas da freguesia de Canelas, começaram a trabalhar desde muito cedo para ajudar as suas famílias a responder às necessidades e dificuldades económicas e, por isso, tiveram que abandonar a escola.

A “Maria” foi uma das pessoas que demonstrou interesse pela criação do atelier de costura, tendo estado presente em todas as sessões. Foi sem dúvida alguma uma líder, tendo transmitido os seus conhecimentos não só às suas vizinhas, como aos mais jovens. Participou em todas as atividades deste Projeto, tendo sido um elemento fulcral nas suas organizações. A “Joana” foi uma das pessoas que mais se envolveu, tendo sido ela a procurar algum do material para o atelier de costura (material de tapete de arraiolos). A resistência inicial que a “Laura” tinha a envolver-se no Projeto foi diminuindo, acabando por se tornar num elemento essencial, sobretudo no atelier de costura. À semelhança da “Maria”, conseguiu transmitir os seus conhecimentos às suas vizinhas. A “Cátia” toma conta do seu neto de 5 anos, e, por isso, quando isto coincidia com o atelier de costura, a “Cátia” ausentava-se, tendo sido, por isso, a senhora do grupo que menos vezes esteve presente nos encontros no atelier de costura, apesar disso, esta mulher adorava o atelier, afirmando inúmeras vezes que este era uma iniciativa essencial para conviver com outras pessoas. A “Rosa” e a “Patrícia” foram as mulheres que estiveram presentes em todos os encontros de costura, assim como em todas as outras atividades do Projeto.

¹⁰ Para garantir o anonimato dos participantes foi atribuído um nome fictício.

O grupo dos mais novos é constituído por cinco jovens: o “José” de 14 anos, a “Marta” de 14 anos, o “Bruno” de 15 anos, o “Gonçalo” de 13 e a “Luísa” de 16 anos. O “José” foi o primeiro jovem a tomar a iniciativa de frequentar o atelier de costura, tendo participado em todas as outras respostas que foram sendo proporcionadas. A “Marta” frequenta um ATL e, por isso, nem sempre teve possibilidade de estar presentes em todos os encontros. Contudo todas as sessões desenvolvidas com os jovens, a “Marta” assumiu uma posição de líder. “O Bruno” e o seu irmão “Gonçalo” estiveram presentes em todas as ações do Projeto, assim como nas suas organizações. A “Luísa” foi a jovem que não esteve tão presente por causa do seu horário escolar. Os jovens encontram-se a frequentar a escola da freguesia, à excepção da “Marta” e da “Luísa”. Todos eles já reprovaram uma vez (quarto, sexto e oitavo ano). Estes cinco jovens partilham os gostos musicais, amigos e interesses. Passam muito tempo nos pátios ou nas escadas do bairro a conversar e a jogar futebol e, sobretudo, partilham entre si uma amizade cativante. Todas estas pessoas foram essenciais para o desenho, desenvolvimento e avaliação do Projeto. Sem elas, tudo o que foi definido não seria nem verdadeiro nem realista.

1.4. PROBLEMAS E NECESSIDADES IDENTIFICADOS

Como já foi referido houve a necessidade de realizar um inquérito por questionário para me levar a falar com os moradores. Este questionário estava dividido em duas partes, sendo que a primeira correspondia à caracterização sociodemográfica e, a segunda às representações sociais. Depois dos 29 questionários terem sido preenchidos tornou-se importante devolver as informações recolhidas aos moradores e, por isso desenvolvemos uma reunião comunitária para discutir estes assuntos (apêndice 4, p.112). Nesta reunião devolvi os problemas apontados pelos moradores que tinham sido partilhados comigo. Também a envolvimento dos jovens, embora mais tardia, foi importante na identificação dos problemas e necessidades. Assim surgiram os seguintes problemas:

1: Sentimentos de isolamento e de exclusão/discriminação: os moradores do Empreendimento Social Padre Américo, por viverem num bairro social, são muitas vezes excluídos e discriminados pela sociedade e isto acontece entre os diversos sistemas que interagem e influenciam cada pessoa. O facto de já terem passado por situações em que se sentiram discriminados, faz com que eles próprios aceitem estes rótulos e estereótipos que lhes são atribuídos. O facto das pessoas se desvalorizarem, acaba por desencadear sentimentos de exclusão e discriminação social (Azevedo, 2011; Barros & Moreira, 2015). Estas pessoas sabem que os bairros socialmente estão mal representados e, isso, é um problema que acaba por ser alimentado pelos próprios sujeitos e, exemplo disso é a comunicação social, que manifestas imagens, notícias e comentários negativos sobre estes locais. Isto faz com que se vá criando representações negativas sobre os bairros sociais. Os próprios moradores apresentam essas representações e isso verifica-se pela forma como distinguem o seu bairro dos outros bairros. Contudo, o que se verificou é que os moradores não gostam do local onde vivem porque isso influencia de forma negativa a sua vida, como foi o caso da “Laura”. Esta moradora considera que o seu negócio de costura foi prejudicado a partir do momento em que ela foi viver para o bairro. Assim como alguns moradores (12 pessoas) nos questionários, afirmaram que foram viver para o bairro porque não tiveram alternativa. Muitas das pessoas estão desmotivadas com a falta de emprego, com a falta de ocupações e, por isso, sentem-se tristes, incapazes e inúteis. A localização do bairro acaba por não ajudar e, isto foi algo sentido pelas pessoas mais velhas. Para além do bairro ser rodeado por um pinhal, alguns recursos utilizados com mais frequência pelos moradores, situam-se longe do bairro (como é o caso da Junta de Freguesia e o Centro de Saúde). As condições das estradas e a única rede de transportes existente, acaba por aumentar um sentimento de isolamento nestas pessoas. Perto do bairro existe um café, mas que só está aberto até à hora do almoço e, além disso, não existe, num raio de um quilómetro, mercearias e outras superfícies comerciais, obrigando as pessoas a deslocarem-se ao supermercado mais próximo (que fica na freguesia vizinha).

2: Conflitos relacionais entre os moradores: um problema apontado por todos os moradores, quer nos questionários, quer na reunião comunitária, foi a questão dos conflitos entre os moradores. Todos deram o exemplo da limpeza das escadas. Na verdade, cada morador tem um dia destinado para

limpar as escadas, mas nem sempre o faz e, quando o faz muitas vezes é criticado pelos outros residentes. Também os estendais se torna num motivo de discussão entre as pessoas, embora não seja com tanta frequência como o problema anterior. As discussões entre os adultos e os mais novos também foi algo destacado na reunião (algo que não tinha sido apontado nos questionários). Muitas vezes os jovens moradores estão no polidesportivo a jogar futebol ou a brincar e, as pessoas reclamam por causa do barulho que eles estão a fazer. Isto acaba por envolver os pais dos jovens na discussão, os jovens e os outros moradores.

3. Monotonia no quotidiano das pessoas: Grande parte dos moradores do Empreendimento está desempregada. Estas pessoas acabam por passar muito tempo em casa e acabam por sentir os seus dias demasiado rotineiros e monótonos. Através dos questionários, as pessoas disseram que muitas vezes não têm vontade para sair de casa porque não têm nenhuma ocupação que as faça sentir bem. O seu quotidiano é muito semelhante e passa essencialmente pelas tarefas domésticas, no caso das mulheres e de um senhor (que vive sozinho). Também os jovens apontaram a monotonia como um problema (nas sessões desenvolvidas em grupo) porque não encontram, no bairro, atividades para ocupar os seus tempos livres.

4. Baixos recursos económicos: Dos 29 agregados familiares que preencheram os questionários verificou-se que, relativamente às 14 famílias nucleares, 8 agregados encontravam-se em situação de desemprego (6 famílias com o casal desempregado; 2 famílias com um dos elementos desempregados); Relativamente às 9 famílias reconstituídas: 4 agregados têm o casal em situação de desemprego e 3 agregados com 1 elemento desempregado; Quanto às famílias monoparentais, os dois agregados familiares existentes, encontram-se nesta situação (duas mulheres); Relativamente às famílias constituídas por um só elemento, dos 4 agregados, um deles apresenta-se desempregado. Ainda relativamente às famílias constituídas por um só elemento, as restantes (3 agregados) são constituídas por idosos, já reformados, o que significa que existem apenas 4 famílias no Empreendimento em que nenhum elemento está numa situação de desemprego. Contudo, o facto do desemprego ser uma realidade, não significa que seja o único fator que determina o grau dos recursos económicos dos moradores. Porém, todos os que se encontram nesta situação sentem

dificuldades em responder às necessidades do dia-a-dia. Uma moradora partilhou comigo (no momento em que estávamos a preencher o questionário) que há várias semanas que estava sem luz em casa porque não tinha possibilidades de pagar tal recurso. Também, a procura de apoio alimentar acaba por ser uma alternativa dos moradores. Como possuem baixos recursos económicos, os moradores, acabam por procurar ajuda junto de algumas associações, essencialmente para combater esta necessidade alimentar. Embora fosse um problema geral, este problema apresentava uma grande componente individual, e, por isso não foi discutido na reunião.

Para simplificar a identificação dos problemas e das necessidades, é apresentada a tabela 1:

Tabela 1: Problemas e Necessidades identificados

Problemas	Necessidades
Sentimentos de isolamento e de exclusão/discriminação	<ul style="list-style-type: none"> - alterar as representações negativas que os moradores têm acerca do bairro onde moram; - trabalhar o sentimento de pertença no bairro e na comunidade; - identificar as potencialidades dos moradores.
Conflitos relacionais entre os moradores	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolver as redes de vizinhança; - promover o convívio entre as pessoas; -promover o estabelecimento de dinâmicas relacionais.
Monotonia no quotidiano das pessoas	<ul style="list-style-type: none"> - participar em atividades de lazer e ocupação dos tempo livre; -diversificar o quotidiano das pessoas (para encontrar uma maior satisfação pessoal).
Baixos recursos económicos	<ul style="list-style-type: none"> - desenvolver estratégias de procura ativa de emprego; - otimizar os recursos sociais.

1.5. FINALIDADE

Depois do contexto ter sido conhecido e, depois dos problemas, necessidades e recursos terem sido identificados e explorados, tornou-se necessário começar a delinear o caminho, juntamente com os moradores, a partir da definição da finalidade do Projeto. A finalidade diz respeito a uma motivação necessária para o desenvolvimento de uma ação e traça uma linha geral daquilo que se pretende obter com o Projeto (Guerra, 2002).

A finalidade definida para este Projeto é a seguinte:

Melhorar a qualidade de vida das pessoas residentes do Empreendimento Social Padre Américo.

A qualidade de vida é um conceito extremamente complexo e que não está unicamente direcionado para a área da saúde. Esta é sinónimo de felicidade, satisfação pessoal, condição e estilo de vida. Tudo isto varia de pessoa para pessoa, tendo em conta os valores culturais e contexto em que a pessoa está integrada (Pereira, Teixeira & Santos, 2012).

Apesar de não existir um consenso sobre a sua definição, qualidade de vida segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) é entendida como “a percepção do indivíduo de sua posição na vida no contexto da cultura e sistema de valores dos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (Fleck, 2000, p.34). Assim, este conceito relaciona-se com aspetos físicos, psicológicos, relações e crenças sociais e com o próprio ambiente/contexto em que a pessoa está inserida (Fleck, 2000), quer isto dizer que para algumas pessoas a qualidade de vida está associada à duração e extensão da vida, outros associam este conceito ao nível financeiro e à posição social que o sujeito ocupa na sociedade e, outros associam-na à sua satisfação pessoal, social e profissional (Ogden, 2004). Na verdade, a qualidade de vida determina uma variedade de condições que permitem a felicidade e o bem-estar como é o caso da satisfação com a sua profissão, com a sua orientação financeira e com o seu estado de saúde (Jesus, 2007).

Tendo em conta a situação atual, a qualidade de vida de algumas pessoas tem vindo a alterar-se, devido à crise económica e social que se faz sentir. Há cada vez mais pessoas desempregadas; há cada vez mais alterações e perdas

nas relações sociais; há cada vez mais pessoas com dificuldades para responder às suas necessidades e há cada vez menos pessoas satisfeitas com a sua vida, pouco valorizadas e ocupadas (Ogden, 2004) e é nestas dimensões que a finalidade deste Projeto se centra. Tendo em conta os problemas identificados pelos próprios moradores verificou-se que estas pessoas sentem-se discriminados e excluídos pela sociedade por viverem num bairro social e, a este elemento juntam-se outros, como a falta de emprego e poucos recursos económicos. Tudo isto provoca, nestas pessoas, tristeza e desvalorização pessoal e social. Como passavam bastante tempo em casa, os residentes, sentiam que no seu quotidiano não ocorriam diferenças significativas que os fizessem sentir-se bem e ocupados durante os seus tempos livres.

Neste sentido, tornou-se importante definir uma finalidade que fosse ao encontro de todos estes problemas, daí a necessidade de enquadrar e trabalhar o conceito de qualidade de vida no Projeto “Há Vida no Bairro!”. Depois da finalidade tornou-se, igualmente importante, definir objetivos gerais e objetivos específicos que fossem ao encontro dos problemas, necessidade e da própria finalidade.

1.6. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

OG1: *Combater os sentimentos de exclusão social dos sujeitos.*

- OE1: Alterar as representações sociais negativas e valorizar-se enquanto membro do Empreendimento e enquanto pessoa.
- OE2: Partilhar ideias, sentimentos e experiências e construir um sentimento de pertença no Empreendimento.
- OE3: Desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais.

OG2: *Promover dinâmicas relacionais satisfatórias, entre os moradores, de forma a desenvolver uma maior coesão e espírito de comunidade.*

- OE4: Ampliar as redes de contacto no bairro, o conhecimento e a interação entre os moradores.

- OE5: Ocupar o tempo livre de forma significativa e partilhada, contribuindo para a realização pessoal, através de atividades diversificadas.
- OE6: Partilhar ideias, sentimentos e experiências relacionadas com a vivência no Empreendimento.
- OE7: Conhecer e utilizar estratégias diversificadas para a resolução de conflitos interpessoais.

1.7. ESTRATÉGIAS UTILIZADAS

As estratégias utilizadas passaram pela realização de reuniões comunitárias; participação nos eventos do Empreendimento, nomeadamente no Baile de magusto que decorreu em novembro de 2014; activação dos recursos da comunidade (fornecimento de materiais/bens de consumo); criação de atividades de lazer e tempo livre no Empreendimento (ateliers/oficinas de costura, dança e culinária); criação da página de *facebook* “Há vida no bairro” com os moradores, com o objetivo de divulgação do Projeto; exercícios de dinâmica de grupo; brainstorming; discussão em grupo; criação de um filme e de uma música sobre o Empreendimento.

1.8. AÇÕES E ATIVIDADES DESENHADAS

Tendo em conta os objetivos definidos foram desenhadas três ações a serem desenvolvidas com os moradores do Empreendimento Social Padre Américo. **Ação 1:** “*Entre dedal e agulha: atelier de costura*”: a primeira ação foi a mais duradoura e envolveu seis mulheres e cinco jovens. Surgiu por iniciativa das mulheres por possuírem um passado profissional relacionado com a área e por pretenderem ocupar o seu tempo de uma forma partilhada e satisfatória. Tendo funcionado como um espaço de partilhas, aprendizagens e

aproximação, esta primeira ação relaciona-se com todos os objetivos definidos. **Ação 2:** “*O bairro a mexer*” integra as atividades: “Passeio de Natal”; “Dança com todos”; “Vamos todos cozinhar!”; “Arraial de Verão” e “Festa de Halloween”. Esta ação envolveu, igualmente as mulheres e os jovens, apesar de outros moradores terem participado em algumas dessas iniciativas. Esta ação pretendia alcançar os objetivos específicos: 3, 4, 5.

Ação 3: “*Os jovens e o bairro*” apresentou três grandes iniciativas: “O bairro ente (pre)conceitos”; o filme “Viver no bairro” e a música “Há vida no bairro!”. Esta ação envolveu cinco jovens moradores, tendo, por base, os seguintes objetivos específicos: 1, 2, 4 e 6.

CAPÍTULO II: DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DO PROJETO

Torna-se, agora, importante perceber como cada uma das ações desenhadas foram desenvolvidas e avaliadas, daí a necessidade de um segundo capítulo

2.1. AS AÇÕES

Para este projeto foram definidas três grandes ações: Ação 1- “Entre dedal e agulha: atelier de costura”; Ação 2 – “O Bairro a mexer!” e Ação 3 – “Os jovens e o Bairro”. Estas ações foram sendo construídas ao longo do tempo envolvendo sempre os moradores do Empreendimento. Neste ponto é apresentada, caracterizada e explicada cada uma delas.

AÇÃO 1 – “ENTRE DEDAL E AGULHA: ATELIER DE COSTURA”

“Entre dedal e agulha: atelier de costura” foi a ação que se desenvolveu com mais frequência, mas importa perceber como se chegou até ela e como se desenvolveu todo o processo. Como referido anteriormente, numa fase inicial foi organizada uma reunião comunitária no bairro de forma a devolver os problemas identificados pelos próprios moradores. Depois desta primeira fase de conhecimento agendamos então uma reunião comunitária onde surgiu a ideia de desenvolvermos um atelier de costura, visto ser uma das áreas de interesse das moradoras.

No dia 7 abril de 2015 reunimo-nos, na sala facultada pela Gaiurb, para dar início ao atelier de costura (apêndice 5, p.112). Neste dia apareceram 12 mulheres, as mesmas que tinham estado presentes na reunião comunitária. Começamos a explorar estratégias para avançar com o atelier e, por isso, cada uma das presentes falou sobre os seus interesses e conhecimentos na área de costura. Duas destas mulheres tinham conhecimentos de costura diversificados; três mulheres tinham trabalhado especificamente com tapete de arraiolos, e, por isso apresentavam interesse e saberes nesta área, e, as restantes pessoas tinham vontade em aprender determinadas técnicas, como era o caso do crochet e da malha, e que até à data não tinham conseguido aprender. Contudo, para dar início a um atelier deste género, era necessário adquirir materiais imprescindíveis para colocar tudo isto em prática. Algumas das pessoas disponibilizaram-se para facultar material que tinham em casa (agulhas, dedais, tesouras e algumas linhas) mas isto não era suficiente e, por isso, tivemos que pensar em outras estratégias. Uma das ideias que surgiu centrava-se num peditório a lojas e empresas locais, de forma a aproveitar e ativar os recursos da comunidade.

Assim, a “Joana” iria a algumas lojas do seu conhecimento para procurar e adquirir algum material, relacionado com o tapete de arraiolos e, explicaria que os contributos fornecidos seriam utilizados no atelier. A par disto, eu fiquei encarregue de contactar algumas empresas na tentativa de perceber a sua disponibilidade de colaboração. As senhoras indicaram-me os locais mais adequados a contactar, visto que eu não tinha conhecimentos sobre esta área. Os contactos que estabeleci foram feitos das seguintes formas: contacto

telefónico seguido de *e-mail* (para formalizar o pedido) e contacto pessoal. As três empresas¹¹ contactadas responderam afirmativamente, facultando diversos materiais: tintas; tecidos; colas e retalhos. Importa referir que a empresa da área têxtil contactada disponibilizou-se a colaborar com o Projeto de uma forma contínua, assumindo que, sempre que tivesse materiais (tecidos e retalhos) que não utilizasse daria ao atelier.

No dia 29 de abril de 2015 (apêndice 6, p.114) voltamo-nos a encontrar para perceber se já tínhamos reunido as condições necessárias para avançar com o atelier. As 12 senhoras iniciais estavam presentes neste dia, e, assim que entramos na sala verificamos que existiam vários materiais essenciais para dar início ao atelier: diversas linhas de costura e respetivo material; tecidos; lãs; tintas entre outros utensílios. Contudo faltavam dois recursos materiais importantes: as mesas e as cadeiras. Estes recursos tinham sido pedidos junto da técnica do GAS, logo após a reunião comunitária. Apesar deste processo ter sido um pouco moroso conseguimos uma resposta positiva por parte da Gaiurb, com indicação que poderíamos utilizar a sala a partir de maio. Foi necessário retirar todos os materiais¹² que se encontravam na sala para ser possível colocar as mesas e as cadeiras.

No dia 27 de maio inauguramos oficialmente o atelier (apêndice 7, p.116). Neste dia estavam presentes seis mulheres e o objetivo passava por organizar todo o material que tínhamos conseguido adquirir e organizar o espaço. Contudo quando cheguei à sala verifiquei que já estava tudo direito, uma vez que a “Maria”, que normalmente é a pessoa que fica com a chave do gabinete, já tinha organizado a sala. Aproveitei, então, o momento para conhecer melhor estas pessoas e por isso pedi-lhes para falarmos um pouco, antes de iniciarmos com os trabalhos de costura. Formamos um círculo e pedi a cada uma para desenhar um semáforo num papel. Cada cor tinha um significado e a cada uma

¹¹ Não foi pedido autorização para utilizar o nome das empresas, por isso optou-se por não os referenciar. Contudo é importante mencionar que uma das empresas era da área têxtil; outra de materiais de colagem e outra de imagem e grafismo.

¹² Os materiais correspondiam a utensílios escolares (lápiz, canetas, capas, livros e cadernos) e outros recursos materiais: uma banheira, um tanque, tubos e sacos de terra dos jardins do Empreendimento.

delas deveria ser atribuído: duas qualidades (cor verde); dois defeitos (cor vermelha) e algo que gostassem de mudar na sua vida (amarelo). Embora um pouco hesitantes, numa fase inicial, este momento foi importante, não só para o conhecimento das pessoas, mas para o desenvolvimento e construção do grupo. Este momento foi privilegiado pela partilha de histórias, vivências, emoções e sentimentos. Depois desta primeira hora de hétero-conhecimento, demos início aos trabalhos de costura, trabalhos esses que elas ansiavam. Perguntei-lhes como nos íamos organizar e o que queriam fazer e, rapidamente pegaram no material e começaram a trabalhar. A “Maria” sendo uma das senhoras com vastos conhecimentos começou a ensinar a “Rosa” e a “Patrícia” a técnica de crochet, enquanto a “Joana” e a “Sandra”¹³ ocupavam-se com o tapete de arraiolos. A “Cátia” deu início ao seu trabalho de malha. À medida que elas iam trabalhando iam partilhando situações do seu quotidiano, as suas histórias, os seus desagrados e dificuldades. Esta partilha tornou-se mais uma vez num importante elemento no desenvolvimento do grupo, pois desta forma as pessoas começavam a aproximar-se, a conhecer-se e a sentir à vontade suficiente para partilhar os seus assuntos com os outros.

Voltamo-nos a encontrar no dia 3 de junho (apêndice 8, p.118), para dar continuidade aos trabalhos de costura. Estavam presentes as mesmas pessoas à exceção da “Sandra”. À semelhança do encontro anterior, as pessoas à medida que iam costurando iam conversando sobre os mais diversos assuntos. A “Maria” continuou a assumir o seu papel de “professora” e ensinava as suas vizinhas os truques da costura. Dia 17 de junho foi a data escolhida para mais um dia de atelier (apêndice 9, p.120). O encontro começou com um desabafo positivo por parte da “Cátia” relativamente ao atelier. Esta senhora partilhou com o restante grupo a sua satisfação por frequentar este espaço e por o partilhar com as suas vizinhas, uma vez que tudo isto a fazia sentir-se importante e útil. Esta partilha proporcionou um diálogo entre os elementos. Estas cinco mulheres sentem-se muitas vezes inferiores, inúteis e incapazes

¹³ A “Sandra” foi uma senhora que, inicialmente, envolveu no Atelier mas a sua presença foi diminuindo ao longo do tempo neste atelier, acabando mesmo por deixar de o frequentar. Na verdade a “Sandra” participou nas outras ações do Projeto, mas por motivos pessoais optou por não continuar no Atelier.

por já não assumirem um papel ativo no mercado profissional. À medida que íamos conversando, as mulheres, iam identificando situações reais pelas quais já se tinham confrontado. Esta questão da discriminação e do sentimento de exclusão foi sendo desconstruída o que nos levou a abordar um outro tema: a questão da empregabilidade. Tentei perceber se elas costumavam procurar emprego e que estratégias utilizavam para o fazer. Disseram que muitas vezes recorrem ao GIP da freguesia. A par disto costumam perguntar a pessoas que conhecem, em m cafés ou restaurantes, mas infelizmente o *feedback* é sempre negativo.

Esta conversa levantou muitas questões e assuntos importantes o que nos levou a falar sobre os conceitos negativos que existem em torno das pessoas que recebem como apoio social, o RSI. Todas as presentes afirmam saber o que se diz sobre elas e sobre todas as pessoas que recebem este subsídio, apesar de não se identificarem com os estereótipos e rótulos que lhes são atribuídos, pois se recebem este apoio é porque realmente precisam dele, e, na sociedade não existem outras respostas para elas. Um dos assuntos debatidos foi a adaptação destas pessoas. Estas pessoas estão habituadas a viver com poucos recursos económicos e, por isso, conseguem dar uma resposta e adaptar-se mais facilmente a uma situação do que as outras pessoas que sempre tiveram poder económico e deixaram de o ter. Tudo isto ia sendo discutindo à medida que as pessoas iam costurando, o que me levou a pensar sobre a importância que este atelier estava a ter na vida destas pessoas. O facto de conseguirem partilharem não só um espaço, mas assuntos de extrema relevância para elas, estavam a fazer com que elas se conhecessem de uma forma mais detalhada, próxima e verdadeira. Estas mesmas pessoas estavam a ser autênticas, a respeitar aquilo que estava a ser transmitido, a ajudarem-se e a apoiarem-se.

Na semana seguinte, o encontro ficou marcado para o dia 6 de julho (apêndice 10, p.122). A “Rosa” assim que se apercebeu da minha presença foi ter comigo e deu continuidade ao assunto abordado na semana anterior. Disse-me que a nossa conversa foi muito importante porque a tinha a deixado a pensar, referindo que as ideias negativas que existem sobre as pessoas que recebem o RSI deveriam ser alteradas. Abordou especificamente o exemplo do café, em que muitas vezes são apontadas de uma forma pejorativa por terem poucos rendimentos mas por frequentarem este espaço comum a tantas outras

peessoas. Disse-me claramente que o faz e que não o vai deixar de fazer porque é um dos momentos do dia em que ela se sente pessoa..

No dia 15 de julho decorreu mais um encontro do atelier (apêndice 11, p.123). O assunto, deste dia, centrou-se na partilha feita pela “Maria”, uma vez que no fim de semana anterior esta senhora tinha ido ao cabeleireiro e ouviu uma conversa entre algumas pessoas cujo tema era centrado nos sujeitos que vivem nas habitações sociais. Na verdade as pessoas que estavam a falar as habitações sociais não sabiam que a “Maria” era uma dessas moradoras e por acabou por reagir. As suas vizinhas identificaram-se com este tipo de situação, confessando que elas próprias já tinham passado por algo semelhante nos mais diversos contextos. Com estes testemunhos, a conversa sobre o bairro desenvolveu-se e, apesar de estarem presentes apenas quatro pessoas, acabou por ser um momento de discussão e reflexão.

Voltamos a encontrarmo-nos no dia 22 de julho (apêndice 12, p.124) e desta vez com uma nova tarefa. Como fui mencionado, o atelier funcionou muito mais como um espaço de aprendizagem de técnicas de costura e, por isso este espaço era aproveitado para outras iniciativas, neste caso específico: a preparação do “Arraial de Verão”. Conversamos sobre a organização do Arraial e quem é que as pessoas queriam convidar (fora do bairro). As sugestões passaram pelo Presidente da Junta de Freguesia e pelo Administrador da Gaiurb. De imediato contactamos o Presidente, através da nossa página de *facebook* e, o convite direcionado ao Administrador da Gaiurb foi feito através da técnica do GAS uma vez que não existia um contacto direto com o mesmo. A par disto, foi feito um cartaz e divulgado nas redes sociais. Para além disso, cada moradora presente, ficou encarregue de colocar esse mesmo cartaz em cada entrada. Depois deste momento as senhoras voltaram aos seus trabalhos manuais.

No dia 29 de julho (apêndices 13, p.125; 14, p.126) decorreu mais um encontro de costura tendo sido frequentado por cinco moradoras. A estas moradoras juntaram-se quatro jovens, entre os 13 e os 15 anos, que curiosamente apareceram no atelier. Na verdade, um dos jovens, o “José” já tinha demonstrado alguma vontade em conhecer o atelier, porque sempre que a mãe (a “Rosa”) se encontrava no atelier ele aparecia. Neste dia fez-se acompanhar com três jovens vizinhos. Inicialmente muito curiosos e ao mesmo tempo hesitantes foram apreciando aquilo que se estava a passar,

acabando por se envolver no atelier. De imediato pediram às senhoras para lhes ensinar aquilo que elas estavam a fazer. Na verdade, as relações de vizinhança foram sendo trabalhadas ao longo do tempo através deste atelier e, o facto dos mais novos, se envolverem intensificou essas mesmas relações. Importa referir que os jovens e os restantes moradores foram tendo contacto em outras ações do Projeto (ação 2 e ação 3), daí terem decidido envolver-se no atelier.

O dia 19 de agosto foi mais um dia marcado pelo atelier de costura (apêndice 15 p.127; 16, p.128). As pessoas estavam um pouco tristes e zangadas, porque o Sr. Presidente da Câmara tinha¹⁴ agendado uma visita ao Empreendimento que acabou sempre por desmarcar e, por isso, estas pessoas sentiam-se frustradas. Na verdade, tinham-se organizado para receber o Sr. Presidente: limpavam a nossa sala, o GAS, as escadas e os pátios de cada entrada e, trataram dos respetivos jardins. Todas estas tarefas já eram executadas pelos moradores, mas reforçaram –nas. Por isso, nesta sessão, o tema central era este. Apesar da visita não ter acontecido alertei-as para a importância de se terem organizado enquanto comunidade. Tudo o que estas pessoas estavam a conseguir e a forma como se estavam a envolver fez-me perceber que o Projeto só estava a ter resultados porque as própria pessoas estavam implicadas em todo o processo. Depois de refletirmos sobre tudo isto demos início às tarefas de costura com as quatro senhoras presentes e com cinco jovens. Enquanto as pessoas se concentravam nos seus trabalhos eu apercebi-me que havia muito material que não estava a ser utilizado. Perguntei-lhes se queriam algum material, mas apenas a “Patrícia” quis ficar com alguns tecidos. A “Maria” lembrou-se que a “Laura” poderia querer algum material uma vez que ela costuma fazer alguns trabalhos manuais e de costura. Esta senhora, desde o início, demonstrou-se resistente a participar no Projeto e a envolver-se com as pessoas do bairro e na sua dinâmica, por isso, percebi que esta poderia ser uma boa oportunidade para chegar até ela.

¹⁴ A visita do Sr. Presidente da Câmara foi sempre agendada com a Gaiurb e era esta Empresa Municipal que nos informava o dia da visita.

Pedi a um dos jovens a ir chamar e, passado algum tempo a “Laura” apareceu. Extremamente hesitante ao entrar no atelier, mas ao mesmo tempo observadora, dirigiu-se a mim. Perguntei-lhe se ela precisava de algum material uma vez que este não estava a ser todo utilizado nas tarefas. Sempre atenta àquilo que as senhoras e os jovens estavam a fazer, a “Laura” aproximou-se da “Rosa” e começou a dar-lhe algumas sugestões, acabando por permanecer no atelier o resto da tarde ajudando, não só a “Rosa”, como os jovens presentes. Importa destacar que a “Laura”¹⁵ estava a envolver-se no atelier e que a forma como o fez partiu das próprias moradoras.

No dia 26 de agosto decorreu mais um encontro (apêndice 17, p.129) e confesso que estava um pouco ansiosa para saber se a “Laura” ia aparecer, o que acabou por se confirmar. Para além disso, estiveram presentes a “Joana”, a “Rosa”, a “Maria”, a “Patrícia” e a “Cátia” e três jovens: o “José”, o “Bruno” e a “Marta”. Contrariamente às habituais tarefas de costura, o atelier hoje transformou-se num espaço de jogos entre os mais novos e os mais graúdos. Estes três jovens tinham preparado algumas atividades para desenvolver com as suas vizinhas, e, entre o jogo da mímica ao jogo da força, todas as pessoas participaram e divertiram-se (apêndice 18, p.131). A “Maria” e a “Laura” acabaram por partilhar que já não faziam jogos deste género há muitos anos e que tinham gostado bastante. O “José”, sendo um dos jovens mais participativos no Projeto, sugeriu, também, uma ida ao cinema. Começamos então a pensar em formas de conseguirmos concretizar esta ideia e, de imediato, percebemos que não ia ser possível deslocarmo-nos ao cinema e, para além disso, nem todos poderiam pagar o bilhete que esta atividade implicaria. Porém o “José” não desistiu desta ideia e sugeriu que fizéssemos a sessão de cinema no próprio bairro e, desta, os moradores poderiam participar. A ideia inicial era que esta sessão fosse direcionada para os mais novos mas, as senhoras que estavam no atelier também quiseram participar. Como ninguém se opôs, a ideia avançou. Assim, os jovens fizeram os cartazes para colocar em cada entrada, ficaram encarregues de avisar os restantes

¹⁵ A “Laura”, para além de ter começado a participar no atelier, foi a pessoa que disponibilizou o ponto de luz para a atividade “Dança com todos” (explicada na ação 2)

moradores e, em seguida contactamos, por chamada telefónica, a técnica do GASa pedir a colaboração quando ao projector que de imediato nos confirmou. A sessão de cinema ficou marcada para o dia 30 de agosto (assunto explorado na ação 2).

No dia 2 de setembro decorreu mais um encontro do atelier de costura (apêndice 19, p.132; 20, p.135). Neste dia, o tema foi iniciado pela “Rosa” pois partilhou algumas preocupações que teve com o seu filho “José”. Este jovem jogador de futebol, há cerca de dois anos, estava numa equipa em que não jogava com muita frequência e, o seu treinador disse-lhe que, ele passaria a ser um jogador mais assíduo se perdesse peso. Este jovem começou rapidamente a deixar de comer e a praticar cada vez mais exercício físico. Contudo, a “Rosa” e o seu marido estiveram muito atentos e aperceberam-se desta situação, tendo contactado não só a escola do “José”, como o médico de família. Na verdade esta situação conseguiu ser controlada e, o jovem nunca chegou a atingir pesos preocupantes. Acabamos por falar da atenção, interesse e envolvimento que estes pais tiveram e, isso era algo que merecia ser valorizado. Houve ainda espaço para as senhoras mostrarem alguns dos seus trabalhos já concluídos. A “Joana” tinha concluído um tapete de arraiolos, com o nome do Empreendimento, que andava a preparar já há algum tempo. Depois de terminado, mostrou-nos e disse que o gostaria de o expor na sala (apêndice 21, p.136).

No dia 7 de setembro (apêndice 22, p.137) as senhoras começaram a falar sobre as prendas de natal e, disseram que iriam utilizar as aprendizagens feitas no atelier para elaborar as prendas para os seus familiares. O facto das pessoas estarem a mobilizar os conhecimentos adquiridos no atelier para colmatar ou minimizar as suas necessidades fez-me, mais uma vez, perceber a importância deste espaço para elas.

No dia 30 de setembro voltamos a ter encontro marcado (apêndice 23, p.138). Nesta altura do ano, os mais novos já tinham iniciado o seu período escolar e, por isso, tornava-se difícil a presença no atelier. Como o atelier, normalmente, decorria às quartas-feiras, pelo menos três jovens (o “José”, o “Bruno” e o “Gonçalo”) conseguiam frequentar o atelier porque tinham a tarde livre. Porém, os pais destes jovens só os deixavam estar no atelier depois de concluir os seus estudos e, isto levou ao surgimento de uma nova necessidade: apoiar os jovens com as tarefas escolares. Depois dos jovens falarem comigo e

com as senhoras, ficou acordado que o atelier passaria a funcionar, também, como um espaço de estudo. O que se verificou com esta iniciativa foi que, tanto as senhoras, como eu própria, tentávamos ajudar os jovens, assim como eles se ajudavam mutuamente, tentando dar resposta às dificuldades sentidas em algumas matérias escolares.

Nos dias 7 de outubro (apêndice 24 p.139), 14 de outubro e 21 de outubro (apêndice 25, p.141) ainda decorreram outros encontros de atelier focados, essencialmente, nos trabalhos de costura, à excepção do encontro do dia 21 de outubro em que eu preparei um pequeno filme com fotografias e vídeos de todas as atividades do projeto e, aproveitando o dia de atelier, mostrei aos moradores. É de salientar que neste dia não estiveram apenas as habituais pessoas do atelier, mas sim alguns moradores que participaram nas outras ações do Projeto. Importa referir que, apesar desta ação ter sido de extrema importância para o projeto, não foi a única a ser desenvolvida e, muitas outras atividades foram desenvolvidas com datas coincidentes com esta. De mencionar, também, que à data de escrita deste relatório o atelier continua a ser desenvolvido com o mesmo grupo de mulheres.

Neste sentido e ,tendo em conta os problemas referenciados, este atelier veio diminuir três grandes problemas identificados pelos moradores: sentimentos de isolamento e de exclusão/discriminação; conflitos relacionais entre os moradores e a monotonia no quotidiano das pessoas. Quanto ao primeiro problema as pessoas reconheceram, em si algumas competências que há muito tempo estavam escondidas e, mesmo aquelas pessoas que numa fase inicial, não tinham conhecimentos de costura, ao longo do tempo foram desenvolvendo as suas capacidades e potencialidades. O facto de ter existido um intercâmbio de conhecimentos, acabou por não só facilitar a aproximação das pessoas, como desenvolver as relações de vizinhança, promovendo assim, bons momentos de convívio entre as pessoas, dando resposta ao segundo problema identificado. Para além disso, este atelier proporcionou uma ocupação dos tempos livres das pessoas através de algo que elas gostavam e que se identificavam, desenvolvendo, assim, uma satisfação pessoal. Todas elas reconheceram a importância deste atelier e de tudo aquilo que se conseguiu criar.

“Entre dedal e agulha: atelier de costura” foi uma iniciativa que surgiu com as moradoras e só conseguiu desenvolver-se e obter resultados satisfatórios

porque as pessoas estiveram envolvidas no processo desde o início. Tudo aquilo que foi construído foi feito com elas, e só assim foi possível transformar este espaço, num espaço de aproximação, de identificação e de partilha de vivências, histórias, experiências e dificuldades.

AÇÃO 2- “O BAIRRO A MEXER”

A segunda ação do Projeto “Há Vida no Bairro!”, denominada “Bairro a mexer” , foi sendo construída e desenvolvida ao longo do tempo com os moradores. O próprio nome desta ação foi sugerido pelos moradores, ainda quando estávamos numa fase de escolha do nome do Projeto. “O Bairro a mexer” foi um dos nomes sugeridos, mas como não foi o mais votado acabou por ficar decidido que o enquadraríamos no Projeto, e, por isso, esta segunda ação ficou denominada desta forma.

Foram, então, definidas cinco atividades: “Passeio de Natal”; “Dança com todos”; “Vamos todos cozinhar”; “Arraial de Verão” e “Festa de Halloween”. Embora fossem definidos objetivos específicos para cada atividade alguns são transversais a todas. Importa agora perceber como é que cada uma destas respostas surgiu e como se desenvolveu.

“PASSEIO DE NATAL”

O “Passeio de Natal” foi a primeira iniciativa desenvolvida no âmbito do Projeto (apêndice 26, p.142). Depois de dois meses no Empreendimentos Social Padre Américo fui percebendo que os residentes partilhavam entre si a vontade e o prazer de passear e conhecer outros sítios, apesar de não terem oportunidade e possibilidade económica para o fazer com frequência.

Como estávamos em plena época natalícia e, eu continuava a desenvolver os inquéritos por questionário junto dos moradores, fui lhes perguntando o

que gostariam de fazer nesta época. A resposta foi convergente: “Passear!”; “Ir a qualquer lado”. Sabia que existiam alguns passeios ao longo do ano para assinalar alguns dias festivos organizados pela Gaiurb, mas este ano ainda não estava nada planeado, por isso pedi-lhes para me indicarem locais onde quisessem e gostassem de ir. Normalmente quando são organizados passeios as pessoas não costumam escolher ou sugerir sítios onde gostassem de ir. Habitualmente são informadas da data dos passeios, já depois de estar tudo organizado, por isso, nesta fase em que eu ainda estava a conhecer as pessoas, estranharam a minha pergunta.

Uma das senhoras com quem falei disse-me que já tinha ouvido falar, essencialmente através da comunicação social, sobre o maior presépio do Mundo se realizar em Santa Maria da Feira, não muito longe de Canelas e, que seria um bom lugar para irmos. Uma outra moradora disse que já lá tinha estado há uns anos atrás e que na altura não se pagava entrada. O entusiasmo começou a sentir-se e as pessoas começaram a gostar desta ideia. Contudo, havia algumas questões que tínhamos que tratar: verificar se isto implicava algum custo e como nos deslocaríamos até lá. A recolha de informações relativamente ao primeiro ponto estava facilitada, pois bastaria uma pesquisa na internet, mas, efetivamente iria existir problema se fosse obrigatório pagar a entrada e o transporte, dadas as condições económicas daqueles moradores. Quanto à questão do transporte, os moradores disseram que quem normalmente tratava desses assuntos era a técnica da Gaiurb e propuseram que eu falasse com ela. Depois de saber que a entrada do presépio não implicava qualquer custo decidi falar com a técnica sobre aquilo que se estava a passar, e, assim, desta forma, esta profissional estaria, também, a ser envolvida.

Relativamente ao transporte, a técnica disse que teria que ser feito um pedido à Gaiurb, através dela, com referência ao local pretendido e, para além disso, existia um requisito obrigatório: incluir os moradores das habitações sociais locais, para além daqueles moradores do Empreendimento Social Padre Américo. Como em Canelas existem dois Empreendimentos Sociais, era obrigatório as pessoas dos dois Empreendimentos participarem. Na verdade, as pessoas já tinham partilhado isto comigo, uma vez que, sempre que existia um passeio eram convidadas todas essas pessoas.

Depois de devolver esta informação aos moradores, ficou acordado que na eventualidade de ser possível desenvolver este passeio, os habitantes do outro Empreendimento seriam convidados.

Posto isto, o pedido de transporte prosseguiu e, ao fim de uma semana, obtivemos uma resposta positiva por parte da Gaiurb. O transporte seria cedido pela Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia e não implicaria qualquer custo para os moradores. Contudo, existia apenas um único dia em que o autocarro estava disponível: dia 18 de dezembro, de manhã, mas não houve problemas, porque pessoas aceitaram realizar o passeio nesse dia.

O passo seguinte foi fazer os cartazes e colocar em cada entrada com indicação de inscrição no GAS do próprio Empreendimento. Tivemos 13 pessoas inscritas, o que significou que poderiam ir 10 pessoas do outro Empreendimento. Os outros dois lugares foram destinados para a técnica do GAS e para mim. O grupo era constituído por 23 moradores, sendo que nenhuma criança poderia ir porque o autocarro não tinha as condições necessárias e exigidas para transportar os mais novos.

A hora prevista de partida era às 09h30, mas por volta das 09h00 as pessoas, tal como eu, já se estavam a juntar na rua. Sentia-se felicidade e ansiedade, e eu aproveitei o momento para falar com as pessoas na tentativa de me tonar um elemento mais próximo. A conversa que se desenvolveu foi uma conversa simples e essencialmente sobre o presépio.

Assim que chegamos ao local, as pessoas começaram a tirar fotografias. A visita durou cerca de duas horas repletas de muitas emoções. Na verdade, este presépio englobava uma parte que caracterizava diversos locais de norte a sul de Portugal e, as pessoas foram-se identificando com aquilo que observavam, desde as roupas e utensílios, às músicas que tornavam aquele ambiente muito mais acolhedor e realista.

O momento final deste passeio foi algo inesperado. Neste mesmo presépio existia um espaço infantil onde as crianças podiam brincar e usufruir de cada carrossel sem pagar. O nosso grupo foi convidado, por um dos funcionários, a experimentar um carrossel, que estava preparado para receber adultos. Embora um pouco reticentes, as pessoas aceitaram o convite e embarcaram nesta aventura. Tivemos que repetir a viagem de carrossel devido ao entusiasmo e felicidade demonstradas por aquelas pessoas, incluindo um

senhor, residente do Empreendimento Social Padre Américo, que nunca tinha andado num carrossel.

No final deste passeio, eu só ouvia “obrigado(a)!” e foi então que eu percebi que tinha dado um grande passo na minha integração naquela comunidade e na vida daquelas pessoas e que elas próprias, apesar de todos os problemas relacionais apontados, estavam a conviver e a contactar com os seus vizinhos, com muito prazer, indo, assim, ao encontro de alguns objetivos específicos deste Projeto: ampliar as redes de contacto no bairro, o conhecimento e a interação entre os moradores (OE4) e ocupar o tempo livre de forma significativa e partilhada, contribuindo para a realização pessoal, através de atividades diversificadas (OE5).

“DANÇA COM TODOS”

A ideia do “Dança com Todos” foi uma das primeiras atividades propostas pelos moradores, mesmo quando ainda estávamos numa fase de identificação dos problemas e respetivas necessidades. Essencialmente por parte das moradoras, que desde muito cedo demonstraram vontade de dançar. Esta sugestão das moradoras exigiu o conhecimento dos recursos disponíveis na zona próxima do bairro. Assim, cometi um erro nesta fase, porque depois de saber esta informação prontifiquei-me a contactar os professores no sentido de perceber qual a possibilidade e disponibilidade para dar umas aulas de zumba no bairro. Na verdade deveria tê-lo feito com os moradores, ou até mesmo deslocar-me lá com as pessoas, mas pelo entusiasmo e também pela novidade, quis obter logo uma resposta.

Depois de uma resposta positiva por parte dos professores de Zumba e, tendo em conta a sua disponibilidade, era necessário agendar um dia e divulgar informação pelo restante bairro. Na verdade, numa fase inicial, pensou-se em oferecer uma aula de bairro para os habitantes do bairro, mas depois surgiu a hipótese de se abrir à comunidade envolvente, uma vez que os próprios moradores pretendiam trazer outras pessoas para as aulas (amigos), e, assim, surgiu a ideia de aulas de dança abertas à comunidade exterior ao

bairro, que poderiam ser feitas noutra sítio qualquer, mas que iam ser desenvolvidas ali, no Empreendimento Social Padre Américo, no polidesportivo do próprio Empreendimento. Com esta iniciativa, pretendia-se abrir o bairro à comunidade envolvendo e incentivando as pessoas, que não habitavam no Empreendimento, a deslocarem-se àquele espaço, para conhecerem os seus moradores e, assim, confrontarem, de alguma forma, as representações sociais negativas associadas aos bairros sociais e aos seus moradores. Este, poderia ser apenas um pequeno passo para se desconstruírem preconceitos e diminuir o isolamento e risco social, mas seria um começo.

Como referido, ao longo de todo este processo foi necessário construir cartazes e divulgar informação. Assim, foi necessário pedir a colaboração da Gaiurb, que rapidamente se prontificou a assumir a impressão dos cartazes. A exposição dos cartazes ficou a cargo dos próprios residentes e, a construção dos mesmos foi desenvolvida no GAS com a presença de algumas senhoras. Como as senhoras não sabiam elaborar cartazes, eu combeí com elas uma data e juntas desenvolvíamos os cartazes.

Decorreram três aulas de zumba: uma no dia 30 de maio (apêndices 27, p.142 e 28, p.143) outra no dia 15 de julho (apêndices 29, p.145 e 30, p.146) e outra no dia 25 de julho (apêndices 31, p.147 e 32, p.148).

Na verdade, o que se verificou é que de aula para aula o número de participantes do bairro e fora do bairro foi crescendo. Depois de termos a página do *facebook* (construída dia 9 de julho), a divulgação começou a ser mais fácil e a chegar a um maior número de pessoas. Aliás, algumas pessoas, através desta rede social, iam pedindo pontos de referência para conseguir chegar ao bairro. Os próprios moradores iam facultando estas informações e, simbolicamente, iam colocando o bairro no mapa do conhecimento das pessoas externas ao bairro e dos próprios moradores.

No site da Gaiurb as aulas de zumba foram sempre sendo destacas e noticiadas (anexos 2, 3 e 4, pp. 5, 6 e 7). Depois de cada aula a técnica do Gabinete do bairro fazia chegar informação à Gaiurb, através de relatórios de atividades semanais, que ela própria elaborava e, conseqüentemente esta Empresa Municipal divulgava informações relativas às aulas “Dança com todos”.

No fundo estas aulas de zumba proporcionaram um momento agradável e um momento de convívio entre os moradores e algumas pessoas externas ao bairro. De destacar a envolvimento da “Laura”, que apesar de nunca ter participado nas aulas acabou por ser um elemento essencial em todas, uma vez que se disponibilizou a facultar o ponto de luz. Relembro que esta senhora, inicialmente, era resistente ao bairro e aos seus moradores. O número de participantes foi variando de aula para aula, mas o que se verificou é que pessoas de diferentes idades foram participando de uma forma espontânea. Inclusive as pessoas com algumas dificuldades de mobilidade que permaneceram sentadas junto do polidesportivo, local onde decorreram as aulas.

“VAMOS TODOS COZINHAR”

Ao longo destes meses foram partilhadas experiências, sentimentos, ideias e conhecimentos. Um bom exemplo disso foram as atividades de culinária desenvolvidas pelos e com os moradores.

Com o aproximar das férias de Verão consegui estabelecer um contacto mais próximo com as crianças e jovens do bairro. Este contacto já era há muito tempo desejado por mim, mas até à data não tinha conseguido esta aproximação porque os meus horários profissionais não o permitiam, e, sempre que eu estava no bairro, estes jovens estavam na escola. Este foi um dos motivos que fez com que mantivesse no bairro após o mês de julho do ano corrente. Enquanto profissional, mas essencialmente enquanto pessoa, precisava de conhecer o bairro também através dos olhares e representações dos jovens moradores e precisava de conhecer as suas histórias, as suas rotinas, os seus gostos; no fundo, precisava e queria conhecê-los. Neste sentido passei a estar cada vez mais presente e envolvida nas vivências destas pessoas.

Através de conversas que fui desenvolvendo com os jovens, fui percebendo que todos eles se conheciam, que frequentavam a escola básica e secundária da freguesia, e que, embora com algumas dificuldades a uma ou outra disciplina tinham conseguido transitar de ano. Disseram-me que passavam muito tempo

em casa e que às vezes jogavam futebol, uns com os outros, no polidesportivo do bairro. Quando lhes perguntei o que gostavam de fazer, a resposta foi imediata “qualquer coisa que nos ocupe”. Ao explorar esta questão, percebi que, em anos anteriores, na época de férias, um professor de Educação Física, no âmbito das férias de verão organizado pela Gaiurb, ia ao fazer uma ou outra atividade, mas que este ano ainda nada estava programado. Foi então que surgiu a ideia de desenvolvermos atividades diferentes e que eles próprios gostassem. Os primeiros contactos com os jovens surgiram, essencialmente, através do atelier de costura e das aulas de zumba, e, assim que eles entraram de férias pediu-lhes para nos reunirmos um dia para falarmos sobre o bairro e, para nos conhecermos melhor.

A ideia da culinária foi sugerida, através de uma conversa estabelecida com os jovens, depois da primeira aula de zumba. Quando se levantou a questão sobre o que é que os jovens gostariam de fazer, a ideia de culinária surgiu e foi, então, que começamos a desenhar a atividade; a perceber como é que cada um poderia contribuir e quando e como iríamos fazer, visto que não tínhamos qualquer tipo de material. Ficou decidido que a primeira atividade de culinária iria ser orientada por mim e a seguinte seria assegurada por uma moradora “Maria”, que assim que soube desta iniciativa ofereceu-se para ajudar.

Na primeira sessão, que decorreu no dia 8 de julho, como estava bom tempo decidimos desenvolver a atividade no exterior. Cada pessoa trouxe um material e começamos a preparar a nossa receita de “Croissants de Nutella”. À medida que o tempo passava, os moradores do bairro iam-se juntando a nós, uns por curiosidade, outros para ajudar e outros apenas para ver (apêndice 33, p.149). Sem nos apercebermos, tínhamos vários moradores a participar na sessão, sem que nada disto tivesse sido previsto. A receita que confecionamos, neste primeiro encontro, exigiu um material de cozinha, que nós não tínhamos. Como todos os utensílios (colheres, pinceis e pratos) tinham sido disponibilizados pelas moradoras “Maria” e “Patrícia”, eu levei um mini-forno para que a receita fosse concretizada.

Os jovens acabaram por partilhar, com os outros moradores, a receita aprendida e, as pessoas mais velhas acabaram por felicitá-los e dar-lhes algumas dicas para melhorar a própria receita. Quando foi necessário arrumar e lavar todo o material utilizado, as pessoas dividiram tarefas e trataram de

tudo. No final, desta primeira sessão falei com estes jovens sobre esta primeira atividade, pedindo-lhes que eles dessem a sua opinião, como se tinham sentido e o que tinha corrido bem e/ou mal. Tendo em conta estes parâmetros de avaliação foi entregue uma ficha (apêndice 34, p. 150) a cada jovem, uma vez que nem todos se sentiam à vontade para partilhar aquilo que queriam em grupo e, assim, puderam fazê-lo de forma anónima e individual. Ainda sobre esta sessão, no dia seguinte, os jovens informaram-me que durante a tarde quatro dos jovens presentes (o “José”; o “Gonçalo”; o “Bruno” e a “Luísa”) repetiram a receita nas suas casas, distribuindo não só pelos familiares, como pela vizinhança.

Foi ainda realizada mais sessão de “Vamos Cozinhar”, com a “Maria”, onde os jovens aprenderam a confeccionar “coquinhos”. Na verdade, houve uma condicionante nesta atividade que acabou por ser ultrapassada e solucionada pelos moradores. Esta atividade implicava ter materiais e alimentos e, por isso, dificultava o desenvolvimento da própria atividade. Contudo, o que para mim parecia ser um “bicho de sete cabeças”, porque não queria que ninguém saísse prejudicado a nível económico, para estas pessoas a solução era muito simples: a “Maria” e a “Rosa”, duas senhoras que frequentavam o atelier de costura, organizaram-se e facultaram os seus materiais e alimentos. Apesar desta atividade não ter continuado, ficou decidido entre as senhoras e os jovens que sempre que eles estivessem de férias poderiam desenvolver sessões de culinária no bairro. Esta atividade foi uma forma de envolver várias pessoas de diferentes idades, mas foi igualmente uma forma de aproximação entre estes moradores. Quando os moradores identificaram os problemas existentes no bairro, reconheceram os conflitos entre vizinhos como um obstáculo e, alguns desses conflitos correspondiam às discussões entre os jovens e os adultos. Esta atividade, como implicava a envolvência das duas faixas etárias, fez com que todos interagissem e partilhassem um momento de convívio e prazer.

“ARRAIAL DE VERÃO”

A ideia do “Arraial de Verão” foi sendo falada e discutida ao longo do mês de julho .Os moradores sentiam falta de animação e espetáculos que há uns anos atrás se faziam, o que agora não acontecia. Foi necessário falar com a técnica do bairro para perceber até que ponto seria possível desenvolver uma atividade deste género. Antes de avançarmos com esta ideia, a técnica entrou em contacto com a Gaiurb para perceber quais eram as condições necessárias para desenvolver um evento deste género. Foi-nos, então, informado que o evento poderia decorrer desde que não fosse de noite, isto porque era necessário requerer uma licença, e, o seu custo não seria assumido pela Gaiurb. Essa licença permitia que durante a noite pudesse haver música e algum barulho.

Neste sentido, ficou acordado com os moradores, que estavam a organizar o evento, que o Arraial iria decorrer durante a tarde. Num dos dias de atelier de costura estivemos a ver possíveis cantores que pudessem atuar no bairro a “custo zero”, uma vez que não tínhamos apoio financeiro para o evento. Uma moradora sugeriu que contactássemos um cantor local, através da nossa página do *facebook*. Esta iniciativa resultou em sucesso pois, rapidamente, o cantor disponibilizou-se para estar presente.

O arraial decorreu no dia 3 de agosto e contou com a presença de diversos moradores do Empreendimento e algumas pessoas da comunidade envolvente (apêndices 35, 36 e 37, pp.151;152 e 155). O número total de participantes foi difícil de precisar porque este evento decorreu no polidesportivo do Empreendimento e as pessoas estavam em constante movimento. O facto do Arraial ter sido dirigido a todas as pessoas, habitantes e não habitantes do Empreendimento, fez com que mais um passo tivesse sido dado relativamente sua abertura a toda a comunidade envolvente.

Desta forma as pessoas conseguiram ocupar o seu tempo de uma forma significativa, uma vez que o Arraial era uma atividade que já desejavam há algum tempo e, para além disso os moradores conseguiram conviver e interagir com os seus vizinhos, partilhando assim um momento prazeroso e agradável.

“FESTA DE HALLOWEEN”

A ideia da festa surgiu por iniciativa dos mais jovens. Num dos nossos encontros, os jovens partilharam que todos os anos os seus amigos participavam em festas de Halloween e que este ano gostavam de organizar uma no bairro, direccionada a todos os moradores.

Um dos objetivos pretendidos por este grupo era enfeitar a sala onde decorriam todas os encontros no âmbito do Projeto. No entanto, foi levantado um obstáculo relativamente a este objetivo, nomeadamente, a questão do material necessário. Tínhamos alguns materiais fornecidos pelas empresas colaboradoras do Projeto, como cartolinas, colas e tintas, e, por isso começamos a pensar em estratégias de utilizar o material disponível, evitando, assim, a compra do mesmo.

Uma das jovens, a “Marta”, deu a sugestão de colocarmos “a sala escura”; mas como faríamos isto? Então, um outro jovem, o “Bruno”, pensou em colocarmos sacos de plástico pretos nas paredes, porque era um material que facilmente arranjaríamos em casa. Como esta conversa estava a decorrer ao mesmo tempo que algumas mulheres realizavam as suas atividades no atelier de costura, as senhoras foram acompanhado a conversa e sugerindo algumas ideias. Uma delas, a “Maria”, disse que facultava os sacos de plástico pretos, por isso, este problema estaria resolvido.

No dia seguinte (22 de outubro de 2015), por volta das 17 horas, reunimo-nos e começamos a colocar os sacos nas paredes. Ao mesmo tempo que íamos colocando os sacos, íamos discutindo algumas ideias e, à medida que o tempo ia passando, as ideias pareciam cada vez mais concretizáveis. Como tínhamos algumas cartolinas, alguns jovens começaram a desenhar aboboras, bruxas e caveiras para colar nas paredes e pendurar no teto.

Ao fim de duas horas já tínhamos a sala repleta de sacos e alguns desenhos. Como os nossos horários não eram muito compatíveis, combinámos um novo encontro para o sábado seguinte à tarde, dia 24 de outubro, pelas 14h30. Assim que cheguei ao bairro, uma senhora veio ter comigo e entregou-me um material que serviria para fazer de teias de aranha (era algo semelhante a algodão que serve para encher as almofadas). Na verdade, os jovens tinham contactado os restantes moradores do bairro e explicado que estavam a

organizar uma festa de Halloween no bairro, que todos eram bem-vindos e cada pessoa poderia dar uma sugestão ou contribuir com algum material característico do Halloween, visto que tínhamos poucos recursos materiais para isso. Ao longo da tarde fomos decorando a sala com tudo aquilo que os moradores tinham facultado (sacos de plástico, algodão, velas, aranhas, tecidos escuros e plástico) e fomos construindo algumas coisas.

Uma das jovens, a “Marta”, tinha feito duas abóboras com o seu pai para decorar a sala, outros tinham feito fantasmas com lenços de papel, outros tinham facultado velas e elementos decorativos e ,assim, conseguimos decorar a nossa sala.

A festa foi marcada para dia 28 de outubro (quarta-feira) pelas 15horas. Então, os jovens fizeram cartazes, com as cartolinas que tinham sobrado, e colocaram uma em cada entrada do bairro a convidar todos os moradores.

No dia da festa, cheguei ao bairro um pouco mais cedo que a hora marcada, para verificar se estava tudo direito. Assim que abri a porta ouvi um grito: “SURPRESA!”. Deixei cair todos os sacos que transportava e abracei aquelas pessoas e agradei! Agradei muito! Agradei por cada dia de partilhas, aprendizagens e carinho! Ofereceram-me um ramo de flores em nome de todas os moradores do bairro e, os mais jovens, um cartaz com a assinatura e dedicatória de cada um.

Na verdade estas pessoas tinham ido para a sala, na noite anterior, para preparar o momento e toda a festa. Uma das moradoras tinha feito um bolo e as outras pessoas tinham contribuído com bebidas e batatas fritas (apêndice 38,p.156).

Para além do lanche, houve ainda momentos de dança e karaoke. Ao longo da tarde as pessoas foram dizendo que este tinha sido um dos melhores momentos e que gostavam muito que este continuasse. Na verdade o bairro uniu-se para esta festa e apareceram algumas pessoas que habitualmente não o faziam.

AÇÃO 3: OS JOVENS E O BAIRRO

A participação dos jovens em diferentes atividades , já explanadas nas ações anteriores, são testemunho da importante ligação que estes jovens tiveram com os restantes moradores do Empreendimento e da envolvência que tiveram ao longo do Projeto. Contudo a sua participação foi intensificada com a chegada das férias de verão.

Com a chegada das férias de verão tornou-se mais fácil a minha aproximação com os jovens e a partir desse momento o contacto tornou-se cada vez frequente. Assim nasceu a necessidade de desenvolver mais uma ação no âmbito do Projeto, englobando três atividades centrais: “O bairro entre (pre)conceitos; Construção do filme “Viver no bairro” e Elaboração da música “Há vida no bairro!”.

O BAIRRO ENTRE (PRE)CONCEITOS

A ideia de “O Bairro entre (pre)conceitos” surgiu depois de contactar algumas vezes com os jovens, quer no atelier de costura, quer nas atividades de culinária e zumba. Eu disse-lhes que gostava de os conhecer melhor e que gostava de falar com eles sobre o bairro, então marcamos um dia e uma hora para o fazer.

A primeira sessão decorreu no dia 1 julho (apêndices 39 , p. 157) e, nesse dia apareceram cinco jovens (“José”; o “Bruno”; o “Gonçalo”; a “Marta” e a “Luísa”) cujo objetivo era proporcionar uma discussão sobre o Bairro. Pedi-lhes para escreverem, numa cartolina, a palavra “Bairro”, depois pensarem sobre aquele conceito e o que é que aquilo representava e significava para eles.

Ao longo da tarde fomos conversando, desconstruindo e desmistificando o conceito, bem como as representações a ele ligadas. Palavras com um sentido mais pejorativo foram surgindo, como “pobre”, “desprezo”, “marginalidade” e “droga”. Contudo eram representações com as quais estes jovens não se identificavam; segundo eles, eram ideias que as outras pessoas que não vivem em bairros tinham sobre estes locais. Estes jovens consideravam que o bairro era efetivamente um local diferente, mas era diferente porque para além de

viverem com as famílias, viviam com os amigos e não era qualquer pessoa que tinha essa possibilidade.

Todos compartilharam momentos em que se tinham sentido discriminados por morarem ali, sobretudo na escola, local onde eles consideravam que isto não deveria acontecer. Tentei perceber como eles reagiam quando enfrentavam estas situações e o que diziam às pessoas que os discriminavam. Disseram que muitas vezes ignoravam, que não diziam nada e que outras vezes explicavam que não havia problema em morar num bairro social.

Uma das jovens presentes compartilhou a sua história. Ela vive no bairro há quase três anos e era bastante resistente ao bairro. Não queria morar lá porque ouvia falar mal do bairro e, por isso, tinha medo e vergonha. Quando mudou para o bairro, esta jovem ignorava as pessoas que lá moravam, mas quando realmente começou a conhecê-las, encontrou uma realidade diferente daquela em que acreditava. Começou a conhecer as pessoas, os seus costumes e rotinas e começou a identificar-se com aquele meio. Ao fim de algum tempo, já conhecia as pessoas e já tinha feito amigos. Esta primeira sessão acabou por ultrapassar o tempo que estava previsto, mas como ainda havia muito para discutir, marcámos uma outra.

A segunda sessão decorreu no dia 13 do mesmo mês (apêndice 40, p.161) com os mesmos jovens que participaram na sessão anterior. Começamos a sessão de uma maneira diferente da anterior. Começamos por falar sobre nós, sobre quem éramos, sobre os nossos medos e gostos. Como eu não sabia se todos estariam preparados para falar em grupo, entreguei a todos uma tabela para preencherem (apêndice 41, p.163) e, depois se, alguém se sentisse à vontade para partilhar, poderia fazê-lo. Na verdade todos o fizeram.

Depois desta apresentação disse-lhes que gostaria de continuar a conversa que tínhamos iniciado, e, então, coloquei uma nova pergunta na cartolina “*O que é que as pessoas que não vivem no bairro pensam sobre ele e sobre as pessoas que aqui vivem?*”. Esta pergunta levou a mil e uma partilhas e algumas surgiram no seguimento da primeira sessão. Muitas das representações negativas sobre os bairros surgem das pessoas que vivem fora do bairro, e, para estes jovens, uma grande parte da comunicação social era responsável por isso. Os jovens disseram que quando se fala de bairros sociais na televisão é sempre de uma forma negativa, quer seja no telejornal, em novelas ou filmes. Não há notícias sobre os bairros que sejam positivas, são

sempre enunciadas as más e as pejorativas, como os crimes e os roubos, e isto acaba por criar uma imagem na sociedade que vai passando de geração em geração, construindo assim representações sociais erradas sobre estes locais.

Estes jovens disseram também que como as pessoas acham que os bairros são maus, as pessoas que lá vivem são igualmente más: são pessoas sem educação, criminosas, marginais e com poucos cuidados de higiene. Apesar de saberem isto, estes jovens não se identificam com estes rótulos e acreditam que é preciso mudar mentalidades e mostrar que as pessoas do bairro são simplesmente pessoas. Depois de todos terem partilhado as suas experiências e opiniões, colocámos o cartaz na parede e agendámos uma nova sessão.

A terceira sessão decorreu no dia 17 de julho e iniciou com uma nova pergunta “*Como é viver no Empreendimento Social Padre Américo?*”. Pedilhes para pensarem um pouco antes de responder e depois começámos a falar. Os cinco jovens presentes enumeraram aspetos positivos e negativos sobre o seu bairro. À semelhança do que disseram na primeira sessão, os jovens consideraram que era bom viver num bairro porque partilhavam o mesmo espaço, não só com a família, mas com os amigos. Outro aspeto positivo passava pela (entre)ajuda de vizinhos. Disseram que quando precisavam de alguma coisa (como um pacote de arroz, por exemplo) pediam ao vizinho que automaticamente respondia afirmativamente. Por outro lado, identificaram a falta de privacidade como um aspeto negativo. Quanto a esta falta de privacidade, os jovens disseram que todas as pessoas se conhecem e todos sabem a vida dos seus vizinhos e, por isso, quando alguma coisa menos boa acontece no bairro, discutem uns com os outros ou informam a técnica do GAS.

Quando lhes perguntei o que achavam que deveríamos fazer relativamente a tudo o que tínhamos conversado ao longo destas sessões, um dos jovens presentes disse que gostaria de fazer uma espécie de curta-metragem onde identificassem aspetos positivos e negativos do bairro. Depois de todos os presentes concordarem, decidimos marcar uma nova sessão para estruturar melhor as ideias.

Todos os encontros com os jovens decorreram na sala do atelier de costura. Assim esta sala deixou de ser exclusiva do atelier, e, passou a ser a sala do Projeto “Há Vida no Bairro”. Estas três sessões sobre o bairro, proporcionaram momentos de discussão e reflexão em grupo, relacionando-se,

assim, com alguns objetivos específicos do Projeto, tais como: alterar as representações sociais negativas e valorizar-se enquanto membro do Empreendimento e enquanto pessoa (OE1); partilhar ideias, sentimentos e experiências e construir um sentimento de pertença no Empreendimento (OE2); ampliar as redes de contacto no bairro, o conhecimento e a interação entre os moradores (OE4) e partilhar ideias, sentimentos e experiências relacionadas com a vivência no Empreendimento (OE6).

O FILME: “VIVER NO BAIRRO!”

No seguimento das sessões de “O Bairro entre (pre)conceitos” surgiu a vontade, por parte dos jovens, de desenvolver um vídeo sobre o bairro. Nesta primeira sessão (dia 21 de julho) estavam presentes seis jovens cheios de ideias e energia (apêndice 42, p.163). Quando começamos a explorar esta questão do vídeo, perguntei-lhes se eles achavam que poderíamos integrar outras pessoas do bairro, como os seus vizinhos e familiares. Depois de alguma discussão, disseram que pelo menos neste vídeo não queriam, porque a ideia seria eles fazerem o filme e posteriormente apresentarem aos moradores.

Começamos, então, a pensar o que queríamos ver retratado no filme. Uma das ideias que surgiu de imediato, e que já havia sido discutida, foi a questão da discriminação na Escola por viverem num bairro social. Eles queriam retratar uma cena que envolvesse alunos e professores, uma vez que um dos jovens já tinha passado por uma situação destas. Mais ideias foram surgindo, como a questão dos amigos (e aqui consideraram importante retratar algo positivo e negativo) e, por fim, a questão da ajuda entre vizinhos. As ideias e sugestões estavam a ser diversas e, por isso, sugeri que eles comessem a representar de uma forma espontânea e improvisada. Dos seis jovens presentes (“José”; “Bruno”; “Gonçalo”; “Marta”; “Patrícia” e uma jovem moradora de 14 anos), apenas quatro (“José”; “Bruno”; “Gonçalo” e “Marta”) quiseram aparecer no filme, contudo todos eles participaram e contribuíram com ideias, dicas ou conselhos.

Inicialmente um pouco envergonhados, mas rapidamente à vontade, começaram a representar aquilo que estavam a pensar e a sentir. Começamos pela cena da Escola, e até chegar ao resultado final, os jovens foram trocando de papéis para ver em qual deles se sentiam mais identificados e o mesmo se passou nas cenas seguintes. Depois de terem definido as cenas principais, agendámos um dia para gravarmos.

No dia 28 do mesmo mês demos continuidade ao vídeo (apêndice 43, p.165). Como estava bom tempo, começamos por gravar a cena dos amigos uma vez que implicava gravar no exterior. Esta cena baseava-se num momento entre amigos a jogar futebol, em que um deles começava a discutir com outro, afirmando que ele não sabia jogar futebol porque tinha aprendido a jogar no bairro. A par disto, surgiu uma outra cena entre amigos, numa vertente mais positiva, em que todos apareciam a dançar e a divertir-se, igualmente no exterior do bairro, visto ser um espaço onde as pessoas se encontram regularmente.

As cenas no interior (realizadas na nossa sala) passavam pela representação de uma sala de aula em que um professor culpava um aluno pela falta de educação atribuída ao facto de viver num bairro social e ser, por isso, expectável tal comportamento do jovem. A outra cena passava pelo pedido de ajuda de um vizinho por um bem alimentar. Neste dia conseguimos gravar todas as cenas pretendidas, mas combinamos um novo encontro para começar a realizar o filme.

A terceira sessão decorreu no dia 6 de agosto, com a presença de cinco jovens (apêndice 44, p.166). Um dos jovens tinha alguns conhecimentos sobre edição de vídeos e por isso assumiu a liderança. Entre cortes e edições de todas as cenas, o vídeo começava a ganhar vida. Entretanto, os outros jovens presentes começaram a pensar como deveriam juntar tudo de forma simples e realista. Lembraram-se então de associar músicas ao vídeo e algumas frases que tinham partilhado ao longo de todas as sessões. Como isto exigia mais tempo, marcamos uma nova sessão, para juntar as cenas, as músicas e as frases. Importa referir que todas as filmagens foram realizadas com uma câmara de filmar da irmã da “Marta”.

No dia 8 de agosto (apêndice 45,p.167) reunimo-nos, escolhemos as músicas, as frases e juntamos tudo. Demorou cerca de duas horas e meia para tudo ficar direito. Ao fim desse tempo, os seis jovens presentes conseguiram

cumprir o seu objetivo. Vimos o filme mais do que uma vez, para verificar se estava tudo de acordo e começamos a definir um dia para o mostrar aos moradores. Desta vez sem cartazes, ficou acordado que eram os próprios jovens que iam convidar os seus vizinhos a aparecer no dia 12 de agosto e explicar-lhes o que iam ver. E assim foi.

No dia combinado apareceram 15 pessoas de diferentes idades, incluindo a técnica do GAS, para ver o filme (apêndice 46, p.168). Depois da demonstração do filme surgiu um pequeno momento de discussão com os presentes, onde se abordou a questão da discriminação, do estigma e das representações negativas que existem em torno das pessoas que vivem em bairros sociais. Todos eles, de uma forma, ou de outra já se tinham sentido assim em diversos contextos e com diferentes pessoas (no cabeleireiro; no local de trabalho; entre amigos). Este assunto já tinha sido discutido numa das sessões de costura, mas apenas com as senhoras que o frequentam. Esta visualização do filme acabou por ser um momento em que, para além da partilha de opiniões, houve a partilha de sentimentos e emoções. Contudo, três senhoras que estavam presentes nesta sessão, habitualmente não participavam nas ações do Projeto, mas desta vez, estes mesmos jovens tinham conseguido trazê-las até nós. Enquanto o filme passava eu estava a observar algumas reacções das pessoas, e, foi muito curioso aperceber-me que estas três mulheres estavam um pouco indignadas por os outros jovens moradores não aparecerem no filme (incluindo os seus filhos). No momento de debate, que se seguiu ao filme, aproveitei para reforçar a ideia de que os jovens que participaram foram os que se disponibilizaram a colaborar, até porque a ideia tinha sido deles, mas que apesar disto, qual um dos jovens moradores tinha sido convidado a aparecer em todas as sessões que tivemos e, que o convite ainda se mantinha.

Logo a seguir à visualização do vídeo, os jovens disseram que queriam continuar o seu trabalho e por isso aproveitamos este momento para falarmos. Um deles disse que deveríamos fazer um hino sobre o projeto ou sobre o bairro. Assim que o “Bruno” transmitiu esta ideia, sentiu-se o entusiasmo e uma certa agitação e, por isso, marcamos um novo encontro para falar sobre isto.

A MÚSICA “HÁ VIDA NO BAIRRO!”

No dia 14 de agosto, juntamo-nos (os cinco jovens habituais e eu) para clarificar esta ideia da música. Primeiro era preciso perceber o que eles queriam fazer e que mensagem queriam transmitir. Entre ideias sobre o Projeto e ideias sobre o bairro, ficou decidido o nome da música: “Há Vida no Bairro!”. Nitidamente queriam falar sobre o bairro e, por isso, pedi-lhes para se juntarem e escreverem aquilo que quisessem. Fomos discutindo ideias e ao fim de algum tempo eles já tinham escrito algumas frases.

Na semana seguinte (dia 19 de agosto) voltamos a encontrar-nos. Os jovens já tinham algumas ideias e muitas já tinham sido transmitidas através do Facebook. Na verdade, ao longo desta semana foram partilhando muitas ideias através do Facebook e por isso era importante juntá-las. A elaboração da música não foi um processo assim tão complicado, porque os jovens sabiam exatamente aquilo que queriam transmitir,

Depois de concluída e de todos concordarem com o que estava escrito, fizeram um cartaz com a música (apêndice 47, p.169) e colocaram na sala para que todos a pudessem ver. Os jovens queriam fazer um vídeo-clip em que os moradores do bairro fossem envolvidos e, por isso, isto implicava encontrarmo-nos mais vezes e acertar pormenores. Como as aulas já tinham recomeçado os nossos encontros começaram a diminuir e tornava-se difícil juntar mais pessoas.

O vídeo clip não chegou a acontecer mas decidimos que nas próximas férias de natal trataríamos da continuidade e concretização desta iniciativa. A música que os jovens construíram é a seguinte:

RAP “Há vida no bairro”

(música construída por: “José”; “Bruno”; “Gonçalo”; “Marta” e “Luísa”)

“Viver no bairro é diferente, culturalmente,

Simplesmente...é altamente!

Temos orgulho no nosso bairro, não há muitas confusões, nem agressões...

Às vezes umas pequenas...situações!

Nem sempre é o que parece, um pouco de tudo aqui acontece!

*Mas quando a polícia aparece, o bandido?!
Desaparece!
Aqui nós jogamos à bola, todos temos amor à camisola
E quando algo se pede ninguém nega...
mal se chega do Supermercado logo se entrega!!
Diz-se muita coisa sobre o bairro,
É má informação, má reputação , é tudo difamação!
Nós ouvimos : “Falta civilização , falta organização, falta educação!”
Nós dizemos : “Falta aceitação, falta integração, falta coração!!”*

2.2. PÁGINA DO FACEBOOK “HÁ VIDA NO BAIRRO!”: UMA ESTRATÉGIA IMPORTANTE

A criação da página de facebook “Há vida no bairro!” (apêndice 48, p.170), foi uma estratégia bastante importante no desenvolvimento do Projeto, e, por isso merece ser explorada. A página foi criada pelos moradores após a escolha do nome em julho. Foi sem dúvida alguma uma forma de divulgação do projeto e de tudo o que se estava a passar, funcionando como uma espécie de jornal online, tendo sido um meio de me aproximar dos mais jovens, visto serem eles os grandes utilizadores desta ferramenta. Um dos jovens (o “José”) criou um espaço de conversa onde integrou todos os outros jovens moradores do bairro que nos permitiu falar diariamente sobre tudo o que eles quisessem. Assuntos como a escola, amigos, gostos musicais, namoros, família, entre outros, foram sendo partilhados não só comigo, mas com todos. Assim, o facebook tornou-se numa ferramenta importante na aproximação e integração das pessoas não só no projeto, mas no próprio bairro. Como sabemos, o facebook é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo, funcionando assim como espaço de troca de informações, integração e discussão de ideias (Moreira, Januário & Monteiro, 2014). Esta rede social permitiu também a interação com pessoas externas ao bairro, uma vez que estas iam deixando os seus comentários sobre o projeto na própria página.

Na verdade, cada vez mais se ouve falar das redes sociais e do seu impacto na vida das pessoas, e, de facto, “as redes sociais têm-se assumido como espaços de aprendizagem informal inclusivos onde todos os cidadãos, têm a possibilidade de reutilizar, reconstruir e redistribuir conhecimento” (Moreira, Januário & Monteiro, 2014, p.17).

Desta forma, o facebook foi e continua a ser um canal de partilha extremamente importante para o Projeto “Há Vida no Bairro!”.

2.3. AVALIAÇÃO FINAL DO PROJETO

A avaliação final do Projeto corresponde à avaliação de produto tal como é concebida para Stufflebeam & Skinfeld (1987), e é altura de interpretar aquilo que se conseguiu com o Projeto: quais as respostas dadas aos problemas e necessidades das pessoas e qual o seu verdadeiro impacto naquela realidade e na vida das pessoas (Stufflebeam & Skinfeld, 1987).

Tratando-se de um Projeto que foi desenvolvido sob a Metodologia de Investigação Ação Participativa, um dos indicadores que se tornou importante avaliar foi a participação dos moradores e a sua envolvimento em todo o projeto. Dependendo da ação, o número de participantes foi variando. Relativamente à primeira ação “Entre dedal e agulha: atelier de costura”, o número de pessoas presentes foi oscilando, tendo variado entre 6 e 13 mulheres. Contudo, existiu um grupo de 6 mulheres que se manteve sempre presente, as restantes nem sempre apareceram.

Porém importa perceber que este indicador relativo à participação precisa de ser analisado relativamente à envolvimento dessas pessoas. Destacam-se as seguintes considerações relativamente à primeira ação “Dedal e agulha: atelier de costura”:

- 1ª consideração: O envolvimento da moradora “Laura” que inicialmente era resistente ao bairro, às pessoas e ao projeto. Começou por facultar o ponto de luz na primeira aula de zumba desenvolvida em maio e isto foi a alavanca para se integrar no projeto. A sua presença começou a ser cada vez mais a ser sentida,

acabando por se tornar numa orientadora das outras vizinhas, no atelier de costura.

- 2ª consideração: O envolvimento dos mais jovens no atelier é outro aspeto que merece ser destacado. Este atelier de costura surgiu devido ao interesse de algumas mulheres nesta área, mas o que se verificou é que esta ação despertou a curiosidade dos mais novos, rapazes e raparigas. Assim que começaram as férias de verão começaram a integrar o atelier e a aprender algumas técnicas com as senhoras.
- 3ª consideração: As aprendizagens feitas por estas mulheres também foram muito importantes. Na verdade, todas elas estavam ou estiveram ligadas à área de costura, mas nem todas partilhavam os mesmos saberes e isto fez com que todas aprendessem e todas ensinassem. Efetivamente, houve duas senhoras que sabiam fazer tudo (a “Laura” e a “Maria”) que acabaram por assumir um papel mais de liderança. A “Rosa” sempre quis aprender a fazer crochet e nunca tinha tido a oportunidade para o fazer; com a ajuda das suas vizinhas, conseguiu aprender e realizar alguns trabalhos que foram valorizados por todos.
- 4ª consideração: O atelier de costura funcionou muito mais que um espaço de intercâmbio de conhecimentos. Sem dúvida alguma funcionou como espaço de partilhas de histórias, de experiências e vivências, permitindo, assim, a aproximação das pessoas, facilitando a sua interação e o seu relacionamento. Em cada dia de atelier havia uma nova história, uma novidade ou algo que as pessoas queriam partilhar, desde desabafos a sorrisos, tudo foi permitido naquele atelier, tendo, por isso, funcionado como um meio de aproximação.
- 5ª consideração: O envolvimento destas pessoas neste atelier foi igualmente importante na procura e aquisição de materiais necessários. Na verdade nós não tínhamos qualquer tipo de material para iniciar um atelier como este e foi necessário recolher alguns recursos materiais. Neste sentido, todas as mulheres se organizaram, incluindo eu, para contactar lojas, empresas e entidades locais na tentativa de conseguir elementos necessários

para este atelier. Algumas pessoas disponibilizaram ainda o seu próprio material e mais do que isto, predispuseram-se a ensinar e a ajudar as suas vizinhas que não sabiam costurar.

Desta forma as pessoas começaram, não só, a aproximar-se, mas passaram a ocupar o seu tempo que, anteriormente, consideravam monótono, começaram a valorizar mais o seu bairro e, essencialmente, começaram a valorizar-se enquanto membros da sua comunidade. Não só este atelier, como todas as outras ações permitiram que os vizinhos interagissem, conhecessem e se deixassem conhecer. Tudo isto fez com que as pessoas comesçassem a diminuir os seus conflitos e ensaiassem estratégias de negociação para resolver alguns problemas. Exemplo disso foi a o conflito inicialmente existente por causa da limpeza das escadas, em que nenhuma entrada se organizava para tratar desta necessidade, à excepção de uma entrada onde reside a “Maria”. A “Maria” assumiu, uma vez mais, a liderança, mas neste caso relacionado com manutenção e organização da sua entrada, onde explicou às suas vizinhas, presentes no atelier, como fazia toda essa gestão: existia uma tabela onde era evidenciado o nome e respetivo dia de cada pessoa e mesmo que uma pessoa não pudesse limpar, uma das suas vizinhas assumia essa tarefa. O importante aqui foi o facto de ter sido uma moradora a explicar como resolveu o problema comum a vários moradores. Desta forma, esta primeira ação “Entre dedal e agulha: atelier de costura” trabalhou várias dimensões, tendo alcançado, por isso, todos os objetivos definidos.

A segunda ação, “O Bairro a mexer!”, contribui igualmente para que muitos dos objetivos fossem atingidos, como: alterar as representações sociais negativas e valorizar-se enquanto membro do Empreendimento e enquanto pessoa (OE1); partilhar ideias, sentimentos e experiências e construir um sentimento de pertença no Empreendimento (OE2); ampliar as redes de contacto no bairro, o conhecimento e a interação entre os moradores (OE4); ocupar o tempo livre de forma significativa e partilhada, contribuindo para a realização pessoal, através de atividades diversificadas (OE5); partilhar ideias, sentimentos e experiências relacionadas com a vivência no Empreendimento (OE6) e conhecer e utilizar estratégias diversificadas para a resolução de conflitos interpessoais.(OE7). Assim:

- 1ª consideração: O Passeio de Natal permitiu que eu me aproximasse do grupo, e que o próprio grupo comesçasse a aceitar a

minha presença. A par disto, importa referir que foi o primeiro momento em que as pessoas do bairro organizaram algo que elas queriam, tendo realmente participado neste processo, contribuindo, assim, para a valorização dos moradores, para a partilha de experiências entre eles, e para o desenvolvimento de pertença na comunidade.

- 2ª consideração: “Dança com todos” (aula de zumba para a toda a comunidade) foi uma das iniciativas mais sugeridas pelas mulheres, mas foi igualmente uma das respostas que integrou mais pessoas, mesmo as que não frequentavam o atelier. A par disto, foi através desta atividade que se começou a abrir o bairro à comunidade e que algumas pessoas o começaram a conhecer, embora não tivesse alcançado um grande número de pessoas. Acabou, também, por ser uma forma de eu começar a contactar com outras pessoas, sobretudo com os mais jovens.
- 3ª consideração: “Vamos todos cozinhar” permitiu o conhecimento entre os moradores e a partilha de ideias entre eles. Permitiu também a envolvimento de pessoas de diferentes idades numa só atividade o que foi positivo, pois alguns dos conflitos apontados numa fase inicial, passavam por esta relação entre as pessoas mais velhas e mais novas, que nem sempre corria da melhor forma. O facto dos mais jovens terem repetido as receitas e distribuído pelos vizinhos que não estavam presentes foi algo muito positivo, porque permitiu a interação entre vizinhos.
- 4ª consideração: O Arraial de Verão foi uma das iniciativas que mais agradou aos moradores. Era algo que já há muito desejavam fazer e, por isso, envolveram-se nesta experiência. Apareceram muitos moradores e, por isso, foi difícil contabilizar o número de pessoas presentes, mas foi sem dúvida alguma um dos momentos altos do Projeto. As pessoas sentiram-se bem, divertiram-se e ocuparam o seu tempo de uma forma, para elas, significativa e partilhada com os seus vizinhos.
- 5ª consideração: A festa de *Halloween* envolveu jovens e adultos e muitas das pessoas que colaboraram não o costumavam fazer. Os jovens do bairro tiveram um papel muito importante porque foram

eles que falaram com todos os moradores e pediram apoio para a organização e respetiva realização da festa.

A terceira ação foi a última a surgir, mas foi extremamente importante para a concretização de alguns objetivos, tais como: alterar as representações sociais negativas e valorizar-se enquanto membro do Empreendimento e enquanto pessoa (OE1); partilhar ideias, sentimentos e experiências e construir um sentimento de pertença no Empreendimento (OE2); desenvolver competências pessoais, sociais e profissionais (OE3); ampliar as redes de contacto no bairro, o conhecimento e a interação entre os moradores (OE4): ocupar o tempo livre de forma significativa e partilhada, contribuindo para a realização pessoal, através de atividades diversificadas (OE5); partilhar ideias, sentimentos e experiências relacionadas com a vivência no Empreendimento (OE6).

A ação 3 teve como principais protagonistas os jovens moradores do bairro. Como já foi mencionado neste relatório, numa fase inicial as pessoas que se estavam a envolver no Projeto eram pessoas adultas e todo o conhecimento que eu tinha sobre o bairro tinha sido construído com elas. Contudo, sentia a necessidade de falar com os mais novos, conhecer o bairro através deles e ainda não tinha tido a oportunidade de o fazer. Por isso, decidi continuar no bairro e esperei pelas férias de verão para tentar conhecer os jovens residentes. Esta foi uma decisão importante pois os jovens tornaram-se elementos importantes para divulgar o Projeto e catalisadores de ligação entre os outros habitantes do bairro. Através desta ação e respetiva envolvimento dos jovens as outras ações acabaram por se intensificarem e correrem melhor:

- 1ª consideração: Esta ação envolveu os jovens desde a sua concepção, tendo-se realizado num verdadeiro processo co-construído.
- 2ª consideração: “O bairro entre (pre)conceitos” permitiu ao grupo partilhar ideias, sentimentos e experiências relacionadas com a vivência no bairro, assim como valorizar-se enquanto elementos do Empreendimento, ocupando o tempo de forma partilhada e significativa. Acredito que do ponto de vista do desenvolvimento pessoal e social também resultou desta atividade impactos significativos ao nível da valorização e reconhecimento pessoal, bem como de reflexão acerca das representações sociais.

- 3ª consideração: A construção do filme “Viver no bairro!” permitiu aos jovens partilhar ideias, pensar e alterar representações sociais negativas. Esta atividade fez com que os jovens trabalhassem em equipa e desenvolvessem o sentimento de pertença no bairro. O facto de terem apresentado o filme às pessoas do bairro proporcionou um momento de reflexão e partilha entre todos.
- 4ª consideração: À semelhança do filme, a construção da música permitiu que estes jovens partilhassem, refletissem e ocupassem o seu tempo de forma significativa. Os jovens desenvolveram um trabalho de equipa e conseguiram passar a sua mensagem. Esta iniciativa pretende ser continuada e envolver mais pessoas do bairro, sobretudo na gravação do vídeo-clip.

Importa referir que em todas as ações a liderança nos grupos foi sendo assumida por pessoas diferentes em função dos seus conhecimentos.

A celebração de alguns dias festivos também foi importante. Um dos nossos jovens (“José”) fez anos em outubro e nós preparamos-lhe uma festa surpresa. Esta festa implicou, mais uma vez, a envolvimento de vários moradores, não só familiares, mas vizinhos. Assim como aconteceu na festa de Halloween que coincidiu com o aniversário de um dos moradores. Outro marco importante foi a iniciativa que as pessoas começaram a ter para desenvolver elas próprias aquilo que pretendiam, como foi o caso de uma sessão de cinema organizada por um dos jovens. Foi ele que tratou do convite aos moradores e de toda a organização (apêndices 49 e 50, pp.171 e 172).

A par disto, dois jovens que sempre estiveram presentes entregaram-me dois textos escritos por eles sobre o bairro e sobre o projeto. Fizeram-no de uma forma espontânea, sem que nada lhes tivesse sido pedido (apêndices 51 e 52, pp.173 e 174). Algumas notícias foram surgindo sobre o Projeto, quer a nível online, no site e página de facebook da Gaiurb (anexo 5, p.179) quer na imprensa local – “Jornal P.24” (anexo 6, p.180).

Contudo, tudo aquilo que se conseguiu com o Projeto “Há Vida no Bairro!” requereu muito trabalho e nem sempre foi um processo fácil, apresentando por isso algumas fragilidades.

Uma das fragilidades evidentes centrou-se na pouca envolvimento da técnica do GAS. Na verdade, esta profissional tem uma relação excelente com estes moradores, e isso percebeu-se pelo *feedback* das próprias pessoas e, por isso,

esta relação e proximidade poderia ter sido aproveitada da melhor forma no Projeto. É evidente que falta uma visão da técnica sobre o próprio bairro, sobre as pessoas e o Projeto, mas efetivamente não se conseguiu isso, porque pouco lhe foi perguntando neste sentido. É evidente que fui falando com ela sobre o Projeto, até porque tudo o que se fazia tinha que ser autorizado por ela. A técnica manteve, assim, uma envolvimento no Projeto, embora de forma indireta e passiva. É de salientar que apesar de tudo isto, esta profissional foi sempre acompanhando o Projeto e chegou a estar presente em algumas atividades.

Uma outra fragilidade foi a falta de envolvimento dos moradores do género masculino. Foi realmente difícil mover estas pessoas, mesmo na fase inicial em cujo objetivo passava por conhecer o bairro, tendo sido por isso difícil a sua colaboração e participação.

A questão de se abrir o bairro à comunidade também representou uma dificuldade. Na verdade, foram feitas algumas tentativas para cumprir este objetivo, mas sem muito sucesso. Nas aulas de zumba, poucas pessoas externas ao bairro apareceram, assim como no Arraial de Verão. Aliás, foi feito um convite ao Presidente da Junta da Freguesia para estar presente neste Arraial, pois era um momento importante para aquelas pessoas e representava o órgão máximo da localidade, mas infelizmente não chegou a aparecer. Por outro lado, o Administrador da Giaurb, assim como a técnica do bairro marcaram a sua presença neste evento, algo que agradou bastante os moradores.

Porém, nenhum Projeto é perfeito e é com as fragilidades existentes que conseguimos mudar e construir algo melhor, por isso é preciso continuar a trabalhar neste sentido. Apesar disto, existem alguns aspetos que merecem ser destacados.

Como sabemos, não é possível prever que resultado vai surgir depois de desenvolvermos uma ação, mas efetivamente o Projeto “Há Vida no Bairro!” começou a provocar alguns impactos na vida dos participantes.

Devido à existência do atelier de costura, fui contactada pela técnica que coordena as formações da freguesia a informar-me que iria abrir uma formação financiada de Costura, em Canelas e se havia alguma possibilidade das pessoas que frequentavam o atelier de participarem nesta formação. Falei com o grupo que rapidamente se dirigiu ao GIP para efetuar a sua inscrição. Das seis pessoas envolvidas no Projeto, três foram integradas, bem como uma

outra moradora que não colaborava no atelier. Importa referir que esta formação é financiada e, portanto, as pessoas recebem um valor monetário mensal. A formação começou na última semana de outubro e tem a duração de 250 horas.

Uma outra iniciativa que surgiu, embora ainda haja poucas informações sobre ela, diz respeito a um Projeto de valorização ambiental, financiado, que vai ser desenvolvido em Vila Nova de Gaia, ainda sem data de começo definida. Este Projeto é destinado aos Empreendimentos Sociais, sendo que o Empreendimento Social Padre Américo é um dos que vai participar. O projeto centra-se num acordo estabelecido entre a Gaiurb, a SUMA e a Escola Virtudes e prevê a transformação de resíduos industriais em novos produtos. Ou seja passa por elaborar, arranjar e restaurar algumas peças e a cada peça é atribuído um valor. Este trabalho será desenvolvido no próprio bairro pelas pessoas que estavam a integrar o atelier. A SUMA cede os resíduos em excesso e os alunos da Escola das Virtudes formam as moradoras e, conseqüentemente, os novos produtos são colocados no mercado.

Importa referir, também, que no dia 14 de novembro de 2015 fomos convidados, pela Professora Doutora Ana Bertão, para participar na unidade curricular “Terapias familiares e de grupo” do plano de estudos do segundo ano do Mestrado em Educação e Intervenção Social- Especialização em Acção Psicossocial em Contextos de Risco, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Neste dia, para além de mim, estiveram presentes quatro jovens moradores e participantes, nomeadamente o “José”, o “Bruno”, o “Gonçalo” e a “Marta” onde tiveram a possibilidade de falarem sobre as suas experiências e vivências que têm vindo a desenvolver enquanto grupo e enquanto elementos da comunidade.

Como já foi referido, neste relatório, em dezembro de 2014 organizamos um passeio de natal ao maior Presépio do Mundo em movimento que decorre todos os anos em São Paio de Oleiros, Santa Maria da Feira. Este ano, no mesmo mês o passeio irá novamente decorrer mas, desta vez com uma diferença. O ano passado o autocarro facultado pela Câmara Municipal de Gaia não apresentava as condições necessárias para transportar crianças e, por isso, apenas os adultos participaram no passeio. Este ano, o autocarro facultado pela Câmara, já apresenta essas condições o que significa que as crianças já podem participar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É verdade que os habitantes dos bairros sociais são extremamente rotulados pela sociedade e os moradores do Empreendimento Social Padre Américo sentiram-no no seu quotidiano, mas apraz-me saber que durante este ano tentamos, enquanto grupo e enquanto comunidade, demonstrar que aquelas pessoas não são diferentes de outras pessoas que habitam em outros locais, Pessoas que merecem ser respeitadas, pessoas que merecem ser valorizadas e pessoas que merecem ser aceites e integradas e, por isso, são pessoas que merecem ser tratadas como tal. São pessoas repletas de sonhos, de vontades e desejos. Como a própria letra da canção elaborada por eles diz “*Nós ouvimos: falta civilização, falta organização, falta educação! Nós dizemos: falta aceitação, falta integração, falta coração!*”.

É importante perceber que, com o Projeto “Há Vida no Bairro!” os moradores conheceram-se melhor e tornaram-se mais próximos. Conseguiram, juntos, desenhar o seu próprio caminho, definir os seus objetivos e as suas estratégias. As representações sociais negativas existente, foram sendo desconstruídas ao longo do tempo, assim como os sentimentos de exclusão e discriminação que os acompanhava.

Um longo caminho ainda precisa de ser percorrido, mas acredito que ao longo destes meses demos um importante por continuar com o Projeto “Há Vida no Bairro!” e se possível envolver cada vez mais pessoas. O Projeto foi crescendo e nele participaram cada vez mais moradores, e, mais uma vez, destaco a importância da integração dos mais novos, pois foram elementos facilitadores de todo o processo. O meu envolvimento ajudou na aproximação das pessoas e conseqüente integração no bairro. Ter-me tornado mais um elemento daquela comunidade facilitou toda esta caminhada. Os princípios da metodologia utilizada (Investigação Ação Participativa) foram importantes para a construção e desenvolvimento do Projeto, uma vez que esta metodologia privilegia o sujeito como protagonista de todo o processo interventivo (Santos, 2001) e foi isso que aconteceu no bairro. A voz foi

sempre atribuída aos moradores e os seus olhares privilegiados, e, assim tudo se tornou mais único, realista e verdadeiro.

Desenvolver um Projeto deste âmbito fez com que eu crescesse, desenvolvesse e me transformasse numa pessoa e profissional melhor. Este último ano foi repleto de experiências, aprendizagens e conhecimentos importantes. Apesar das dificuldades sentidas, o processo de integração no bairro foi facilitado pelas próprias pessoas.

Acima de tudo, importa nunca esquecer que... “HÁ VIDA NO BAIRRO!”

REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Arruda, R. (2014). Visíveis e invisíveis – inquietações e fragilidades no dilema da inclusão e da exclusão social. In R. Arruda, J. Colaço, & A. Baia, (Eds). *O que é exclusão social?* (pp. 15-30). Lisboa: Escolar Editora.
- Azevedo, S. (2011). *Técnicos superiores de educação social. Necessidade e pertinência de um estatuto profissional*. Porto: Fronteira do caos editores
- Baia, A. (2014). Das desigualdades às exclusões sociais. In R. Arruda, J. Colaço, & A. Baia. (2014). *O que é exclusão social?* (pp.57-72). Lisboa: Escolar Editor
- Baptista, C. (1999). *Cidade e habitação social. O Estado Novo e o programa das casas económicas em Lisboa*. Oeiras: Celta Editora
- Bateman, A., Brown, D., & Pedder, J. (2003). *Princípios e prática das psicoterapias*. Lisboa: Climepsi Editores
- Barros, R., & Moreira, A. (2015). Desemprego, autoestima e satisfação com a vida: estudo exploratório realizado em Portugal com beneficiários do rendimento social de inserção. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho (online)*, 15(2), 146-156
- Campiche, C., Hippolyte, J., & Hipólito, J. (1992). *A comunidade como centro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Capul, M., & Lemay, M. (2003). *Da educação à intervenção social*. Porto: Porto Editora
- Carneiro, M.(2001). *Riscos de uma ausência*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Carr, W., & Kemmis, St. (1988). *Teoría crítica dela enseñanza: investigación-acción en la formación del profesorado*. Barcelona: Martínez Roca

- Carvalho, A., & Baptista, I. (2004). *Educação Social. Fundamentos e estratégias*. Porto: Porto Editora
- Carvalho, M., & Pinto, C. (2015). *Intervenção do serviço social com indivíduos e famílias*. In M. Carvalho, (pp. 81-107). Serviço social com famílias. Lisboa: Pactor,
- Ceballos, P. (1989). *Un método para la investigacion-accion participativa*. Madrid: Editorial Popular
- Cembranos, F., Montesinhos, D., & Bustelo, M. (2001). *La animación sociocultural: una propuesta metodológica*. Madrid: Editorial Popular
- Clavel, G. (2004). *A Sociedade da Exclusão – Compreendê-la para dela sair*. Porto: Porto Editora
- Colaço, J. (2014). Pobreza e exclusão social – problematização e dinâmica na sociedade moçambicana. In R. Arruda, J. Colaço, & A. Baia. (2014). *O que é exclusão social?* (pp.31-54). Lisboa: Escolar Editora
- Costa, A.; Baptista, I.; Perista, P., & Carrilho, P. (2008). *Um olhar sobre a Pobreza – Vulnerabilidade e exclusão social no Portugal contemporâneo*. Lisboa: Gravida
- Delors, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez Editora
- Erasmie, T., & Lima, C. L. (1989). *Investigação e projectos de desenvolvimento em educação*. Braga: Universidade do Minho, Unidade de Educação de Adultos
- Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto: Porto Editora
- Fernandes, L. (1994). Topografia urbana do medo. *Revista do Ministério Público*, 59, 11-27.
- Fernandes, L. (2001). Criminogénese e Perigosidade a propósito do “Bairro Social Degradado”: Problematizações. *Temas Penitenciários*. Série II 6 e 7, pp. 9-14
- Fleck, M. (2000). O instrumento de avaliação de qualidade de vida da Organização Mundial de Saúde (WHOQOL -100): características e

- perspectivas. *Revista Ciência e saúde colectiva* (online), vol.5, n.1, 33-38
- Gaiurb, EM. (2012). *Habitação em Gaia: 2000-2012*. Vila Nova de Gaia: Gaiurb urbanismo e habitação, EM.
- Giorgi, V. (1989). Investigación-acción participativa: una opción metodológica. In *Investigación participativa: cuarto seminario latino americano*. Chile: Consejo de Educación de Adultos de América Latina (pp.24-29).
- Gomes, A. (2002). *O Rendimento Mínimo Garantido – Da exclusão à Inserção Social*. Coimbra: Quarteto Editora
- Gonçalves, A. (1988). Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*. I série, vol. IV, Porto, 15-31
- Guerra, P. (2002). *O Bairro do Cerco do Porto: cenário de pertenças, de afectividade e de simbologias*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto, Portugal.
- Jesus, S. (2007). *Psicologia positiva, educação e saúde e bem-estar*. Universidade do Algarve.
- Kemmis, S., & McTaggart, R. (1992). *Cómo planificar la investigación-acción*. Barcelona:Laertes
- Leitão, J. (1998). Combater a exclusão, alargando a cidadania social, pp.55-62. In Araújo, H.; Santos, P. & Seixas, P. (1998). *Nós e os outros: a exclusão em Portugal e na Europa*. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.
- Lewin, K.(1990). La investigación-acción y los problemas de las minorias. In K., Lewin, S. Tax, R, Stavenhagen, O.Borda, L. Zamosc, S. Kemmis, & A. Rahman, (1990). *La Investigación-Acción Participativa. Inicios y Desarrollos*. Madrid: Editorial Laborativo Educativo.
- Lima, R. (2003). *Desenvolvimento levantado do chão... com os pés assentes na terra. Desenvolvimento Local – Investigação Participativa Animação Comunitária*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Porto, Portugal

- Matos, L. (1994). Os bairros sociais no espaço urbano do Porto: 1901-1956. *Análise Social*, 29, pp.677-695
- Menezes, I. (2007). *Intervenção comunitária – uma perspectiva sistémica*. Porto: Livpsic
- Morais, I. (1990). Intervenção do Presidente da Câmara de Oeiras no Seminário realizado em 1 e 2 de outubro de 1990. In *Bairros Sociais. Novos Rumos. Novas Realidades. Intervenções* (1990). Oeiras: Instituto Nacional de Habitação Câmara Municipal de Oeiras.
- Moreira, A., Janúario, S., & Monteiro, A. (2014). *A educação à distância e elearning na web social*. Santo Tirso: Universidade Aberta
- Nunes, R. (2002). *O inter-cultural em construção. A Centralidade da comunicação na obra de Boaventura de Sousa Santos do sujeito/objecto ao eu-tu*. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Ogden, J. (2004). *Psicologia da saúde*. Lisboa: Climepsi
- Paula, R. (2010). *Pequenos Passos Para o Futuro: A mediação sócio-educativa no contexto de um bairro social*. Tese de Mestrado em Ciências da Educação. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal
- Pardal, L., & Lpoes, E. (2011). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal Editores
- Pereira, B. (2003). Uma imensa espera de concretizações...Ilhas, bairros e classes laboriosas brevemente perspectivadas a partir da cidade do Porto. *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 13, pp. 139-148
- Pereira, B. & Queirós, J. (2012). *Na modesta cidadezinha: génese e estruturação de um bairro de casas económicas do Porto (Amial, 1938-2010)*. Porto: Edições Afrontamento
- Pereira, M., & Brito, M. (2006). Desemprego e subjetividade no contexto brasileiro: Uma análise interpretativa sob a ótica dos excluídos do

- mercado de trabalho industrial. *Revista Mal-estar e Subjetividade (online)*, 6(1), 143-181.
- Queiroz, M., & Gros, M. (2002). *Ser jovem num bairro de habitação social*. Porto: Campo das letras
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Grávida
- Ramos, J. (1998). A pobreza na cidade e a pobreza no campo como expressões diferentes da inexistência de bem-estar. In *Pobreza, exclusão: horizontes de intervenção. Debate promovido pelo Presidente da República durante a deslocação a Projetos de luta contra a Pobreza (1998)*. Coimbra: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, pp.173-176.
- Rêgo, X. & Fernandes, L. (2012). As falas do medo: Convergências entre as cidades do Porto e do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27, pp.51-65
- Robertis, C. (2011). *Metodologia da intervenção em trabalho social*. Porto: Porto Editora
- Rogers, C. (1985). *Tornar-se pessoa*. 7ª edição. Lisboa: Moraes Editores
- Rogers, C. (2009). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editores
- Santos, B. (2001). *Um discurso sobre as ciências sociais*. Porto: Edições Afrontamento
- Seixas, C. (1997). Identidades de uma cidade: As ilhas e o Porto. In Iturra, R. & Jorge, V. (1997). *Recuperar o espanto: o olhar da Antropologia*. Porto: Edições Afrontamento.
- Serra, N. (2002). *Estado, território e estratégias de habitação*. Coimbra: Quarteto Editora
- Serrano, G. (2008). *Elaboração de projetos sociais. Casos práticos*. Porto: Porto Editora
- Serrano, G. (2010). *Pedagogía Social. Educación Social. Construcción científica e intervención práctica*. Madrid: Narcea
- Silva, L. (2001). *Intervenção psico-social*. Lisboa: Universidade Aberta

- Silva, M. (1997). *Práticas educativas e construção de saberes: metodologias da investigação-acção*. Cacém: Instituto de Inovação Educacional
- Schwartzman, S. (2004). *Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo*. São Paulo: Augurium Editora
- Stufflebeam, D., & Shinkfieçd, A. (1987): *Evaluación sistemática. Guía teórica y práctica*. Barcelona: Paidós.
- Teixeira, C. (1994). A habitação popular no século XIX – características morfológicas, a transmissão de modelos: as ilhas do Porto e os cortiços do Rio de Janeiro. *Análise Social*, 29, pp. 555-579
- Timóteo, I. (2010). *Educação Social e Relação de Ajuda. Representações dos Educadores Sociais sobre as suas práticas*. Tese de mestrado não publicada. Universidade de Évora. Évora, Portugal.
- Torremorell, M. (2008). *Cultura de mediação e mudança social*. Porto: Porto Editora.
- Vala, J. (2006). *Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano*. In Vala, J. & Monteiro, M. (2006). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Veiga, S. (2009). *Palcos de Conhecimento. Espaços de Transformação. Contributos da metodologia sociodramática para a formação dos Educadores Sociais*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade de Évora.
- Vieira, I. (2015). *A participação. Um paradigma para a intervenção social*. Lisboa: Universidade Católica Editora
- Weber, P. (2011). *Dinâmicas e práticas do trabalhador social*. Porto: Porto Editora
- Zimerman, D. & Osorio, L. (1997). *Como trabalhar com grupos*. Porto Alegre: Artmed

APÊNDICES/ ANEXOS

Apêndice 1: Baile de Magusto

No dia 11 de novembro de 2014 decorreu um Baile de Magusto, organizado pela Gaiurb, direcionado para os Empreendimentos Sociais de Vila Nova de Gaia. Eu ainda estava há pouco tempo no bairro e com alguma dificuldade em conhecer as pessoas e toda a dinâmica bairrista e, o Baile, pareceu-me um bom momento para me envolver, integrar e relacionar com os moradores.

Depois de falar com a técnica do Gabinete de Ação Social do bairro sobre isto, ficou decidido que eu também iria participar. Na verdade estava um pouco ansiosa com este evento porque não sabia como interagir, mas isto foi sendo facilitado pelas próprias pessoas. Na camioneta fazia-se sentir a animação e a alegria daquelas pessoas e, entre histórias e cantigas, comecei a falar com algumas pessoas. Como a distância não era assim tão longa a conversa também não o foi, acabando por ser impulsionada por um senhor:

“Então? Também veio ao bailarico?! (...) Eu gosto muito de vir. Quando há estas coisas venho sempre eu e a minha mulher. Faz-nos bem passear (...) às vezes não vimos porque ela está a trabalhar e eu gosto de ir com ela para darmos um pezinho de dança” (Morador).

“Eu venho quando posso e faz-nos bem conviver com as pessoas. Eu venho com ele porque gostamos de dançar” (Moradora).

Uma vez que já tinha iniciado uma conversa com este casal, tentei estar sempre próxima deles, para que desta forma conseguisse chegar a outras pessoas. Inicialmente estava a sentir-me um bocado perdida porque não estava a conseguir perceber quem era quem (uma vez que estavam pessoas de outros bairros presentes). Contudo, pouco tempo depois, fui estando mais à vontade e já falava com as pessoas e, quando dei por mim, já estava a dançar! Não sei bem como...mas o certo é que estava!

No meio de tudo isto a tarde foi passando e eu fui conhecendo alguns dos moradores do bairro. Na verdade não estavam muitos moradores do bairro Padre Américo, apenas seis pessoas (cinco mulheres e um homem).

Questionei a técnica sobre isto e ela disse-me que quando haviam passeios nem toda a gente vinha e como haviam algumas pessoas que estavam em formação não podiam vir. Perguntei também, aos moradores, que me dram a mesma informação.

Apesar de estarem poucas pessoas do bairro, considero que esta minha participação foi bastante importante, não só para conhecer alguns moradores, mas para eu própria começar a sentir-me mais à vontade com as pessoas. Foi um evento diferente, fora do bairro mas com as pessoas que nele residem.

Pelo que percebi a Gaiurb organiza alguns eventos para celebrar as épocas e os dias festivos. Como é direcionado para todos os bairros não pode organizar um evento tendo em conta apenas um bairro.



Apêndice 2: Inquérito por questionário

O presente inquérito por questionário é desenvolvido no âmbito do Mestrado de Educação e Intervenção Social, Especialização em Ação Psicossocial em Contextos de Risco, pela Escola Superior de Educação do Porto. Os objetivos são: caracterizar aos residentes do Empreendimento; identificar e perceber as representações que os habitantes do Empreendimento Social “Padre Américo” têm acerca do mesmo e compreender a forma como decorrem as suas vivências. A confidencialidade é garantida e todos os dados fornecidos serão utilizados meramente para este estudo. Não existem respostas corretas ou erradas e por isso pedimos que responda com sinceridade a todas as questões. A sua colaboração é fundamental.

I Parte: Caracterização sociodemográfica

1. Constituição do agregado familiar:

a) Atualmente, com quem vive?

Pessoas	Idade	Género	Grau de parentesco	Habilitações académicas	Situação face ao emprego*	Profissão
1						
2						
3						
4						
5						
6						

***Se trabalha:**

- a) Há quanto tempo trabalha? _____
- b) Com que idade começou a trabalhar? _____
- c) Qual é a sua profissão? _____
- d) Atualmente:

exerce a sua profissão
trabalha em outra área?

e) Se trabalha em outra área, qual é? _____

Se está desempregado(a) e/ou é reformado(a):

- a) Há quanto tempo de encontra nesta situação? _____
- b) Com que idade começou a trabalhar? _____
- c) Qual é a sua profissão? _____
- d) Em que áreas trabalhou?

Se está à procura do primeiro emprego:

- a) Há quanto tempo está à procura? _____
- b) Tem alguma profissão? _____
Qual? _____

2. Apoios sociais do agregado familiar

Rendimento social de inserção	Subsidio de desemprego	Subsidio social de desemprego	Apoio alimentar (cabaz alimentar)	Outro:

3. Habitação:

- a) Número da entrada: _____
- b) Tipologia da habitação:
 - T1
 - T2
 - T3
 - T4

c) As condições da sua habitação correspondem às suas necessidades?

Porquê?

II PARTE: Representações sobre o Empreendimento “Padre Américo”

1. Há quanto tempo vive no Empreendimento Padre Américo? _____

2. Onde vivia antes de viver aqui? (identificar percurso)

3. Como é o seu dia-a-dia aqui? (explorar os recursos: transportes, centro de saúde/farmácias, educação, centro de emprego...)

4. Gosta de viver aqui? Porquê?

5. O que é que acha que as outras pessoas pensam do bairro e das pessoas que aqui vivem?

6. Imagina os seus filhos a viver aqui? Porquê?

7. Quais são os aspetos que mais e menos lhe agradam no bairro?

8. O que gostaria de mudar no bairro?

Apêndice 3: Caracterização individual dos participantes

“Joana”:

A Joana tem 42 anos, está divorciada há dois anos e vive com o seu filho de dois anos e a sua mãe de 70 anos. Quando era casada, a Joana já vivia no Empreendimento na mesma casa que vive atualmente, com o seu ex-marido e os seus pais. O seu pai faleceu há quatro anos e para ela representava uma fonte de força, orgulho e dedicação. Ainda hoje fala dele com saudade e lembra-o com carinho (“*O meu pai era tudo para mim*”). A juntar à morte do seu pai, a Joana atravessou um processo de divórcio o que acabou por a debilitar a nível emocional. Entre o primeiro e segundo ano de luto, pensou várias vezes em colocar um término na sua vida, confessando nunca o ter feito por causa do seu filho. Foi sendo acompanhada por um Psicólogo no Hospital São João, por indicação da sua médica de família, e atualmente frequenta essas consultas de meio em meio ano.

A relação com a mãe é caracterizada por alguns períodos de discussões, essencialmente, por causa dos rendimentos. A Joana como não trabalha, não recebe um salário, e por viver com a mãe não tem direito a qualquer outro tipo de rendimento, uma vez que o valor mensal do agregado familiar (neste caso a reforma da mãe, juntamente com a reforma de viuvez) ultrapassa o valor que o Estado define como mínimo de sobrevivência. Para conseguir ganhar mais algum dinheiro, a Joana vai frequentando algumas formações financiadas na freguesia. Nos últimos anos já frequentou a de Agente de Geriatria; Assistente Familiar e de Apoio à Comunidade e Jardinagem. Por cada dia de formação a Joana tinha direito a uma bolsa de formação (1,13€ por hora), ao subsídio de alimentação (4.27€ por dia) e subsídio de transporte (20€ por mês). Por ter um filho menor e por este frequentar um infantário também lhe era atribuído um complemento monetário por frequência no infantário.

Contudo, nem sempre consegue frequentar estas formações, até porque nem sempre estão disponíveis. Então, teve que chegar a um acordo com o seu ex-marido, relativamente ao pagamento do infantário do filho, concordara, em dividir as despesas.

Quanto ao seu percurso profissional, as suas atividades foram oscilando entre as limpezas e a tapeçaria. Desde muito cedo (com apenas 12 anos) começou a trabalhar com tapete de arraiolos, tendo desenvolvido um enorme

gosto por esta área. Ao fim de 23 anos perdeu este emprego que tanto lhe dava prazer, mas não foi por isso que “baixou os braços”. De imediato conseguiu arranjar um novo trabalho numa empresa de higiene e limpeza em grandes superfícies comerciais, onde permaneceu durante cinco anos. Aos 37 anos viu-se numa situação de desemprego da qual não tem conseguido sair. Concluiu o primeiro ciclo do ensino básico, mas não deu continuidade aos seus estudos e começou a trabalhar para ajudar a sua família com as despesas diárias.

Atualmente, já tem um pedido de habitação social na Gaiurb, pois assim conseguiria beneficiar de um apoio social (Rendimento Social de Inserção). Este sem dúvida alguma é o principal motivo por querer mudar de casa. A par disto junta-se a relação com a mãe e o pouco espaço que ela considera ter. A Joana partilha o quarto com o seu filho, incluindo a cama, e diz que apesar de não ser para já um problema, poderá a ser no futuro, quando ele for maior. Para além disto, a Joana diz discutir muitas vezes com a mãe por causa da falta de rendimentos (*“ela está sempre a dizer que me sustenta, a mim e ao meu filho. O que não deixa de ser verdade...mas eu não tenho culpa”*). A mãe da Joana frequenta um Centro de Dia da freguesia e por isso só regressa a casa ao final do dia. A Joana muitas vezes está nesse mesmo Centro, como voluntária, a fazer alguns trabalhos de costura.

A Joana foi uma das pessoas que mais se envolveu neste projeto tendo sido ela a procurar algum do material para o atelier de costura, nomeadamente o material de tapete de arraiolos.

“Maria”:

A Maria é uma senhora de 67 anos, viúva e, atualmente, vive sozinha. Tem um filho casado, que neste momento está emigrado, mas que a visita sempre que pode. Não se lembra de quando começou a trabalhar porque desde criança que ajudava os seus pais no campo. Gosta de cozinhar, de jardinagem e costura. Trata diariamente de alguns canteiros do bairro “com todo o carinho e dedicação”. Sempre que há um evento no bairro ou fora do bairro, faz questão de fazer um bolo e oferecer. Aliás, utiliza este seu gosto e jeito pela cozinha para fazer alguns preparados para venda. A costura é outra paixão. Apesar de ter ajudado os seus pais desde muito cedo na agricultura, começou igualmente muito cedo na área da costura. Começou a aprender com a sua mãe a bordar e

diz não ter sido um processo fácil devido à exigência e persistência da sua mãe. Contudo, hoje sente-se como uma profissional nesta área e capaz de ensinar os outros. É uma pessoa extremamente ativa, preocupada e atenciosa. Tem uma boa relação com os seus vizinhos, sobretudo com as crianças e jovens e nunca lhes nega um doce, mas quando tem que os chamar a atenção é a primeira pessoa a fazê-lo. É uma pessoa bastante respeitada, acarinhada e é conhecida por utilizar o seu nome no diminutivo, de tal forma quando alguém não o faz ela e os outros não a identificam.

Vive em Canelas desde muito nova, mas parte da sua infância foi passada em Gondomar. Aos 12 anos foi viver para Canelas, com os seus pais e é lá que se tem mantido. É residente, neste bairro há 14 anos, tendo sido a primeira moradora da sua entrada.

Foi uma das pessoas que demonstrou interesse pela criação do atelier de costura, tendo estado presente em todas as sessões. Foi sem dúvida alguma uma líder neste atelier, tendo transmitindo os seus conhecimentos não só às suas vizinhas, como aos mais jovens. Participou em todas as atividades deste projeto, tendo sido um elemento fulcral nas suas organizações.

“Rosa”:

A Rosa tem 38 anos, vive com o seu marido de 35 anos, o seu filho de 14 anos e a sua mãe de 71 anos. Vive há 13 anos no bairro e atualmente encontra-se desempregada. Estudou até ao sétimo ano, não tendo completado o terceiro ciclo do ensino básico. É uma pessoa extremamente preocupada com o seu filho e tenta acompanhá-lo sempre que pode, quer na escola quer no futebol, uma vez que é atleta numa equipa relativamente perto do seu local de residência. Faz questão de estar presente em todos os treinos e jogos do filho porque sabe que é algo que é importante para o filho. Trabalhou sempre como empregada fabril na área têxtil apesar de ter passado por várias.

Está desempregada há dois anos e, à semelhança da “Joana”, vai frequentando as formações financiadas na freguesia para que consiga receber algum dinheiro, uma vez que não recebe qualquer outro tipo de rendimento, ou apoios sociais, à excepção do abono de família. O seu marido trabalha na área da construção civil e a sua mãe está reformada. O filho frequenta o oitavo ano.

Sempre viveu em Canelas e já seus familiares o eram. Nunca aprendeu a costurar, mas demonstrou uma enorme vontade em fazê-lo, mais especificamente “a arte do crochet”.

“Patrícia”:

Divertida, “sem papas na língua” e lutadora, são algumas das características da Patrícia. A Patrícia tem 47 anos e está desempregada há 12 anos. Há dois anos usufruiu de uma medida do IEFP (Contrato de Emprego e Inserção) que lhe deu a possibilidade de trabalhar como cantoneira na Junta de Freguesia local. Isto significava que para além do Rendimento Social de Inserção, recebia uma percentagem (mais 20%) por estar a usufruir desta medida, apesar de não contar como tempo de trabalho. A Patrícia recebe o Rendimento Social de Inserção há nove anos e anteriormente recebia o subsídio de desemprego. Frequentemente desloca-se ao Gabinete de Inserção Profissional da freguesia para procurar ofertas de emprego. Contudo, não tem obtido respostas positivas por parte das entidades empregadoras. A última procura que fez foi numa loja de roupa e no primeiro contacto que teve foi negativo (*“Disseram-me que eu era velha para trabalhar, que queriam pessoas mais novas”*). A Patrícia vive com a sua filha de 20 anos que está a concluir o 12^o ano na área de turismo, numa Escola Profissional. Tem ainda um outro filho, de 29 anos, que vive numa cidade da zona do centro do país e que se encontra a trabalhar na área do marketing visto ter sido à área de estudo que seguiu. Apesar de estar distante, a relação estabelecida entre os dois torna-se perto. Falam todos os dias por telefone e, sempre que pode, o filho, desloca-se a Canelas.

Quanto às habilitações literárias, a Patrícia concluiu o terceiro ciclo do ensino básico através do RVCC (Reconhecimento, validação e certificação de competências) do qual muito se orgulha. Um outro projeto que se mostra orgulhosa é do seu estágio, como jardineira, que surgiu no seguimento de uma formação, nesta mesma área, que desenvolveu o ano passado. O seu empenho, interesse e dedicação no seu trabalho, qualificado com 18 valores, faz-se sentir sempre que se fala nisso, mostrando o diploma com um brilhozinho nos olhos. Contudo, sente-se um pouco desiludida, porque foi-lhe sempre dada a esperança de continuar a trabalhar no local onde desenvolveu o Estágio e tal não veio a acontecer.

Quanto ao seu percurso profissional, para além desta experiência na jardinagem, trabalhou durante muitos anos numa fábrica na área têxtil e com tapete de arraiolos. Esta área mais direccionada para a costura e tapeçaria levou-a a frequentar uma formação de costura de 250 horas, através do IEFP. Agora pretende investir na área da geriatria, por considerar que o tratamento aos idosos é importante e que é um trabalho “do futuro”, com maiores possibilidades de emprego. Apesar de atualmente não existir nenhuma formação nesta área, já deixou a sua inscrição junto da entidade coordenadora das formações em Canelas, para assegurar a sua entrada numa possível formação.

“Laura”

Inicialmente um pouco resistente a envolver-se no projeto, foi uma pessoa que com o passar do tempo se foi interessando e integrando neste grupo e neste bairro. No atelier de costura acabou por funcionar como uma orientadora das outras senhoras e nas atividades que decorreram no exterior (no polidesportivo) foi sempre a pessoa que se disponibilizou a facultar um ponto de luz.

A Laura tem 54 anos e vive no bairro há 13 anos, com a sua afilhada (“Luísa”) de 16 anos. A Laura adoptou Luísa quando esta ainda era uma bebé porque na altura os pais da Luísa abandonaram-na.

Quanto às habilitações académicas, a Laura concluiu o primeiro ciclo do ensino básico e não continuou com os estudos porque tinha de ajudar a sua família com as despesas diárias, começando a trabalhar aos 11 anos de idade, na área da tapeçaria, onde se manteve até aos 18 anos. Depois trabalhou como costureira e aprendeu a gostar desta área. Aos 35 anos o local onde trabalhava fechou e a Laura viu-se numa situação de desemprego. Como nunca foi “uma pessoa de desistir”, rapidamente encontrou um novo trabalho, como empregada doméstica em casas particulares. Foi mantendo estas funções ao longo dos anos, assim como a atividade de costura, pois para além de ser um hobby era uma forma de conseguir ganhar um dinheiro extra. Aos 52 anos ficou novamente desempregada e desde então tem sentido dificuldades em arranjar um novo trabalho.

Importa referir que, a Laura, desde que foi viver para o bairro, sentiu o seu negócio de costura a diminuir e atribui a causalidade deste decréscimo ao seu local de residência.

Apesar disto, a sua resistência a envolver-se no Projeto foi diminuindo, acabando por se tornar um elemento essencial, sobretudo no atelier. Conseguiu transmitir os seus conhecimentos, e, acima de tudo conseguiu ensinar as suas vizinhas algo que elas não sabiam.

“Cátia”:

A Cátia foi a senhora do grupo que menos vezes esteve presente nos encontros do atelier de costura. É casada, tem 60 anos e vive no Empreendimento há 13 anos. O seu marido já está reformado há dois anos e a Cátia requereu a reforma este ano. Viu-se obrigada a pedir este apoio, porque ficou sem o seu trabalho, como empregada de limpeza, devido a um problema de saúde. Ainda sem saber exatamente o diagnóstico do seu problema de saúde, Cátia foi aconselhada pelo seu médico, após a realização de alguns exames médicos, a deixar de trabalhar, visto que a sua profissão exigia grandes esforços físicos.

A Cátia nunca teve um trabalho relacionado com a costura, mas desde muito nova aprendeu esta arte com a sua mãe e por isso sempre foi mantendo esta atividade ao longo dos anos.

A Cátia toma conta do seu neto de 5 anos, descrevendo-o como o “menino dos seus olhos” e, por isso, quando isto coincidia com o atelier de costura a Cátia ausentava-se. Embora sendo a pessoa mais pacata e tranquila do grupo adorava o atelier, afirmando inúmeras vezes que este era uma boa iniciativa essencial para conviver com outras pessoas.

No Projeto “Há Vida no Bairro” participaram também alguns jovens, e, por isso torna-se igualmente importante caracterizá-los:

“José”

O José tem 14 anos e é filho da “Rosa”. Está a frequentar o oitavo ano na Escola da Freguesia e reprovou uma vez no sexto ano, mas considera que “aprendeu a lição”, pois desde aí começou a aplicar-se mais nos estudos. É um fervoroso adepto de futebol, praticando esta modalidade desde os seis anos de

idade. Tem treinos três vezes (entre as 19h e as 21h) e jogos ao fim de semana. Faz-se sempre acompanhar pelos seus pais, quer nos treinos quer nos jogos, e conta com o seu apoio incondicional, mesmo que em dias de jogos não seja convocado.

Ao contrário dos restantes jovens, o José apresenta uma visão mais positiva sobre o bairro. Gosta de viver no bairro, exatamente por ser diferente das outras casas, pois apesar de viver com a sua família vive com os seus amigos.

O José foi um dos jovens que mais se envolveu neste Projeto. Foi o primeiro que tomou a iniciativa de frequentar o atelier de costura, tendo participado em todas as outras respostas que foram sendo proporcionadas.

O primeiro contacto que tive com o José foi numa aula de zumba organizada por outros moradores (pelas pessoas que frequentavam o atelier). Na verdade eu já tinha ouvido falar deste jovem por causa da constante presença da sua mãe no atelier.

Quando as férias de verão se iniciaram, o José começou a aparecer no atelier, por iniciativa própria, tendo sido ele um elemento fundamental, pois, através dele, outros jovens começaram a ter interesse pelo Projeto.

O José para além de ter participado no atelier de costura, onde aprendeu a fazer crochet, participou em todas as ações do “Há vida no bairro”. A par disto organizou uma sessão de cinema no bairro para os próprios moradores. Foi ele que tratou de convidar as pessoas e de organizar esta tarde.

As sessões de culinária também foram um interesse para este jovem. Na verdade na primeira sessão que decorreu em julho de 2015, o José repetiu a receita e distribuiu-a pelos vizinhos.

“Marta”:

A jovem Marta de 14 anos vive no bairro há três anos, com a sua irmã mais velha, os seus pais e o seu avô. Está a frequentar o oitavo ano numa escola de uma localidade perto do bairro. Quando não está na escola frequenta um ATL local onde a mãe trabalha. A sua irmã mais velha (de 20 anos) trabalha num supermercado local, o seu pai na área de construção civil e o seu avô é reformado.

A Marta sonha ser Animadora Sociocultura, para trabalhar num infantário ou numa escola. Reprovou uma vez no oitavo ano e tem grandes dificuldades

na de francês, porque este ano letivo mudou de escola e até à data tinha frequentado as aulas de espanhol.

Gosta de estar com os amigos e adora dançar. É uma jovem extremamente entusiasta, querida e sensível. Quando soube que ia morar para o bairro, não queria ir. Sentia vergonha, medo do próprio bairro e medo de ser rejeitada pelos amigos. Na verdade, a Marta tinha uma representação negativa dos bairros sociais e acreditava que morar numera ficar ao lado de pessoas “criminosas e marginais”. Contudo, o processo de adaptação foi mais fácil daquilo que ela imaginava. Começou a identificar algumas pessoas e a reconhece-las a temida rejeição por parte dos amigos acabou por não acontecer, apesar de saber o que as outras pessoas continuam a pensar sobre o bairro.

Conseguiu perceber que nem tudo aquilo que se diz sobre os bairros é verdade e, a descobrir que também nesta comunidade pode ter amigos.

A Marta tem uma boa relação com a sua família e alguns daqueles jovens são os seus melhores amigos. Partilhou comigo grandes histórias, desabafos, choros e risos. Por frequentar o ATL, a Marta não conseguiu frequentar o atelier de costura, apesar de o querer. Contudo participou em todas as sessões desenvolvidas com os jovens assumindo sempre uma posição de líder. Porém, num ou outro momento faltou ao atelier, com autorização da mãe, para conseguir estar presente em alguns eventos que decorreram (como foi o caso da sessão de cinema organizada pelo José; de uma festa de aniversário e da festa de Halloween).

“Bruno”:

O Bruno faz 15 anos em novembro e vive com o seu irmão mais novo (de 13 anos) e a sua mãe. O Bruno frequenta o oitavo ano na mesma escola que o José. É um menino vaidoso, humilde e valoriza as mais pequenas coisas. Adora futebol e já praticou essa modalidade, apesar de não o fazer atualmente. Adora computadores, vídeo, fotografia, desenho e trabalhos manuais. Sonha ter uma profissão relacionada com a área da multimédia e internet.

Apesar de já não jogar futebol, o Bruno pratica andebol como desporto escolar. Gosta de estar na internet, de jogar futebol no bairro com os seus amigos e de estar nas escadas da sua entrada, com o seu irmão, para ver e falar

com os outros. Gosta igualmente de ouvir música e está constantemente a fazê-lo.

Diz que tem muitos amigos, mas que já teve episódios menos bons, com alguns amigos, por morar no bairro (“Quando alguns descobriram que eu morava aqui, deixaram de ser meus amigos”).

Desde muito cedo que o Bruno foi habituado a ajudar a sua mãe nas tarefas domésticas, por isso ele tem algumas responsabilidades em casa como lavar a louça, arrumar o quarto e colaborar em outras tarefas, e até mesmo cozinhar (“Eu não faço só a cama, como a maior parte dos jovens...eu faço tudo lá em casa!”).

“Gonçalo”

O Gonçalo tem 13 anos e é irmão do Bruno. Está a frequentar o sexto ano e já reprovou duas vezes (uma no segundo ano e outra no quarto). À semelhança do irmão, o Gonçalo considera-se bastante vaidoso. Tem muito cuidado com aquilo que veste e, sobretudo, com o seu cabelo. A nível de hobbies, partilha os mesmos que o irmão: jogar futebol, estar na internet, ouvir música e estar nas escadas. Também frequenta um desporto escolar, o basquetebol. Adora ver filmes, mas tem medo de filmes de terror. Gosta de passear e um dos seus locais preferidos é a Serra de Canelas, local que considera ser bom para fazer um piquenique, correr e andar de bicicleta.

Todos os dias partilha a sua rotina com o seu irmão Bruno e vizinho José. Saem de casa por volta das 07h30, apanham a camioneta e chegam à escola por volta das 08h00. Sabe que a sua mãe não tem muitas possibilidades económicas e por isso diz que um dia vai conseguir ter um bom emprego, com um bom salário para conseguir dar um vida melhor à sua família, só ainda não sabe qual vai ser essa profissão.

O Gonçalo foi um dos atores que frequentou o atelier todas as quartas (uma vez que era a tarde que tinha livre) onde aprendeu a fazer um pouco de malha e crochet. Esteve envolvido na organização de todas as outras atividades tendo participado em todas.

“Luísa”:

A Luísa tem 16 anos. Uma jovem extremamente responsável e que neste ano letivo (15-16) mudou de escola por ter tido alguns problemas. Considera a sua madrinha Laura mais do que sua madrinha. Considera-a como um mãe! Ao contrário dos outros jovens a Luísa não tem tardes livres, mas isso não a impediu de se envolver no projeto.

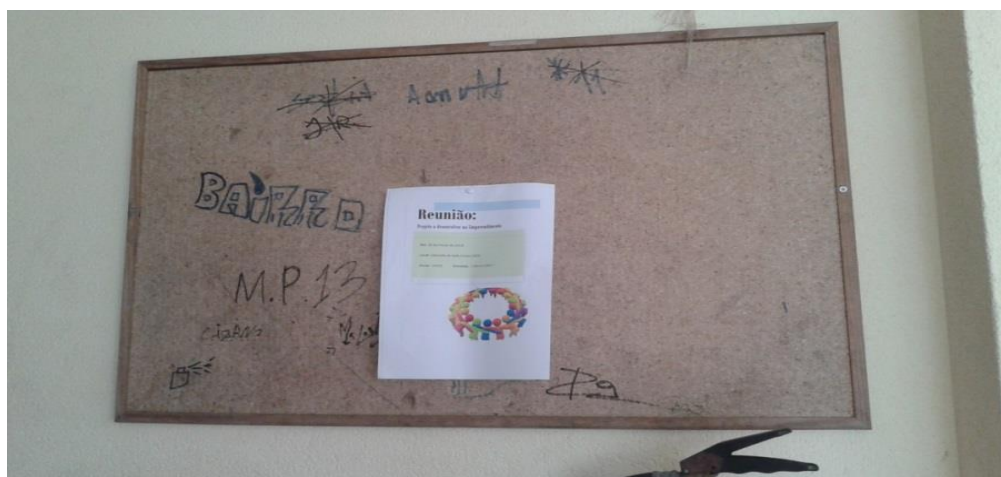
Esteve presente nas sessões “os jovens e o bairro” assim como nas outras ações, à exceção do atelier de costura. É uma jovem com responsabilidades domésticas que passam por qualquer tarefa necessária em casa e diz fazê-lo sem sacrifício, não só porque gosta mas porque sabe que é importante ajudar a sua madrinha Laura.

Gosta de ouvir kizomba e dançar. Já praticou danças de salão, mas teve que desistir porque é uma modalidade que exige muito investimento financeiro e ela sabe que a madrinha não tem grandes possibilidades económicas para sustentar, financeiramente, este interesse. Contudo, o gosto pela dança não desapareceu e, sempre que pode frequenta umas aulas de zumba relativamente perto do bairro.

Apêndice 4: Registo da Reunião Comunitária

No dia 16 de março de 2015 decorreu a primeira reunião comunitária no bairro Padre Américo. Para este encontro se realizar, coloquei um cartaz em cada entrada do Empreendimento, convidando os moradores a participar numa

reunião. Na verdade este encontro representou um enorme desafio para mim. Eu nunca tinha participado numa reunião deste género, muito menos orientado uma sessão assim.



Estava receosa que não aparecesse ninguém, e, estava igualmente receosa que aparecesse muita gente e eu não conseguisse controlar a situação. Esta reunião tinha como objetivo devolver aos moradores as informações recebidas e recolhidas até à data e fazer algumas perguntas que haviam sido feitas individualmente, mas que seriam colocada em grande grupo.

À hora marcada as pessoas começaram a chegar, um pouco curiosas e apreensivas pois não sabiam bem o que esperar da reunião. Algumas pensavam que se tratava de uma reunião organizada pela Gaiurb para tratar dos assuntos habituais, como era o caso da limpeza ou o caso dos estendais:

“Vamos falar sobre o quê? Se for para discutir vou-me já embora. Não quero chatices” (Moradora)

Expliquei-lhes que não estava ali enquanto membro técnico da Gaiurb e que o meu papel e a reunião tinham objetivos diferentes daqueles a que eles estavam habituados. Comecei por lhes lembrar sobre as conversas iniciais que tivemos (através do inquérito por questionários) e por dizer que era importante falarmos sobre os resultados que tinham surgido através dessas mesmas conversas.

Comecei por lhes perguntar o que é que eles achavam da palavra “bairro”:

“Eu não gosto da palavra bairro. Eu não digo que moro num bairro. Digo que moro num Empreendimento, assim as pessoas não pensam logo mal. Sim dizer que uma pessoa mora num bairro é mau. Os outros pensam logo mal” (Moradora).

“Eu digo que moro no bairro, não tenho problemas. É onde eu moro, mas eu sei que as outras pessoas olham logo de lado. Pensam logo que nós somos maus e drogados. E não somos! Quem faz o bairro são as pessoas! Se as pessoas são boas os locais são bons, se as pessoas são más, os locais são maus. Mas isto dos bairros serem sítios com gente assim e assado já não é de agora, já é de há muito tempo. Eu ainda não morava num bairro e já ouvia falar mal...” (Moradora)

“Eu quando vim morar para aqui e quando as pessoas souberam que era um bairro passaram a procurar-me menos vezes. Eu sou costureira e sempre fiz disso profissão, dentro e fora de casa. De repente venho para aqui, as minhas clientes deixam de procurar os meus serviços. No início algumas ainda vinham aqui, depois deixaram de vir...por vergonha ou medo, não sei...mas deixaram” (Moradora)

“Aqui há muitas pessoas e por isso há de tudo. Basta haver uma pessoa má ou que fez alguma coisa má que os de fora vão pensar que somos todos assim e depois esquecem-se que nós também somos pessoas e põem-nos nomes (...) tantos nomes, tantos rótulos para quê? Nós não somos garrafas ou embalagens! Somos pessoas, não precisamos desses rótulos para dizer que somos diferentes dos outros (...) aliás não somos diferentes vivemos é num sitio diferente do deles” (Moradora)

Tudo o que estava a ser partilhado, tinha-me sido dito individualmente, mas o que se foi verificando é que estas pessoas sentiam o mesmo em relação à comunidade externa ao bairro. Este sentimento de exclusão/discriminação poderia ser um problema, mas era algo comum àqueles moradores. Todos eles se sentiam rotulados por pessoas fora do bairro essencialmente por representações negativas que predominavam e continuavam a predominar.

Depois pedi-lhes para pensar no bairro deles, não noutra, mas no bairro Padre Américo e me explicassem como era viver lá, o que faziam, como eram as pessoas e as suas relações/interações. Entre alguns sorrisos começaram a falar. Disseram que existiam alguns problemas entre vizinhos, essencialmente por considerarem que todos sabem a vida de todos e que isso acaba por ser prejudicial. Disseram que às vezes as pessoas zangam-se por causa da limpeza, porque muitas vezes as pessoas não cumprem essa tarefa no dia que lhes está atribuído. Acrescentaram que muitas vezes zangam-se por causa dos estendais (ou porque não são suficientes ou porque as pessoas usam durante muito tempo impedindo os outros de o usar). Disseram também, que viver no bairro tinha um lado positivo, mas outro igualmente negativo.

A zona em que este bairro está localizado, há uns anos atrás, era um local caracterizado pelo tráfico de droga e pela pobreza que existia e esta ideia foi predominando ao longo dos tempos, e por isso quando os moradores assumem que residem no bairro Padre Américo são muito associados a esses estereótipos.

Um outro assunto discutido nesta reunião foi a falta de ocupações que estas pessoas diziam ter. Todos os presentes encontravam-se em situação de desemprego há mais de ano e alguns já estavam reformados, e, queixaram-se da monotonia do seu dia-a-dia:

“Os meus dias são todos iguais. Se tiver formação, de manhã vou para lá se não fico por aqui em casa. Às vezes vou ao café a seguir à hora de almoço e depois volto para aqui e aqui fico (...) era muito bom que existisse aqui alguma coisa que nos ocupasse, porque estar com as outras pessoas faz-nos bem!” (Moradora)

“Eu estou sempre por aqui. Vou aos recados, às compras e ao médico quando tenho que ir e depois estou por aqui. Arrumo a casa e trato do jardim e aqui fico.” (Moradora)

“Durante a manhã estou por casa. A seguir ao almoço vou tomar o meu café e se tiver bom tempo fico nas escadas a falar com alguém. Depois à hora do lanche vou passear a minha cadela e está o dia passado. Não tenho nada de mais para fazer. Faço isto porque não tenho mais nada.” (Moradora)

A par disto estas pessoas demonstraram vontade em fazer alguma coisa ali no bairro e foi então que surgiu a hipótese de se fazer algo relacionado com a

costura, uma vez que muitas destas pessoas estavam ligadas a esta área. Neste sentido marcamos uma sessão para falarmos sobre o que fazer relativamente a esta ideia.

Apêndice 5: Registo da sessão de costura nº 1

Na reunião desenvolvida com os moradores, foram muitas as pessoas que demonstram vontade em fazer algo no bairro. Uma das ideias mais apontadas pelas moradoras (visto terem sido estas a estar presente na reunião) foi direccionada para a costura. Posto isto decidimo-nos juntar para ver o que se poderia fazer.

As mesmas pessoas que estiveram presentes na reunião apareceram neste dia. Cada uma começou a dizer aquilo que sabia fazer e aquilo que queria aprender. Isto porque algumas pessoas, apesar de não saberem fazer demonstraram vontade em aprender:

“Eu não sei fazer nada, mas sempre quis aprender a fazer (...) sempre quis fazer crochet, só que nunca tive ninguém que me ensinasse, se houvesse aqui alguma coisa em que eu aprendesse seria bom”
(Moradora)

“Durante muitos anos fiz trabalhos de costura. Se fazer um pouco de tudo, até porque a minha mãe me ensinou a costurar ainda eu era menina” (Moradora)

“No outro sitio que eu morava havia uma senhora que nem sabia pegar numa agulha e eu ensinei-a, e sabe? Passados uns tempos já sabia fazer tudo” (Moradora)

Todas as presentes demonstraram vontade em fazer alguma coisa relativamente à costura. Não sabíamos bem o quê, nem como, porque efetivamente não tínhamos materiais para avançar. Tínhamos sim, uma sala vazia, sem mesas nem cadeiras, e pessoas com vontade.

Ficou claro que as pessoas queriam fazer alguma coisa, mas no bairro:

“Eu quero muito participar, mas quero que seja aqui. Assim até é mais fácil para nós. Se precisarmos de alguma coisa vamos a casa, ou se tivermos algum recado para fazer é melhor” (Moradora)

Pensamos, então, em perceber de que forma é que cada uma poderia contribuir para avançar com esta ideia que estava a nascer. Tendo em conta a variedade de conhecimentos, que iam desde o crochet ao tapete de arraiolos, passando pelas malhas, ficou decidido que íamos tentar angariar o máximo de material possível e necessário para dar inicio ao nosso “atelier”.

Inicialmente senti-me um pouco preocupada com isto porque definitivamente costura não era uma área de conforto para mim e, por isso, não sabia bem como fazer as coisas. Neste mesmo momento, uma das senhoras presentes disse que conseguia arranjar algum material para fazer tapete de arraiolos:

“Eu já trabalhei com tapete de arraiolos. Conheço um senhor que de certeza que nos dá alguma coisa. Se não se importarem eu vou lá e explico para que é o material e vejo se ele quer colaborar ou não”
(Moradora)

Outras disponibilizaram-se a facultar algum material de costura que tinham em casa e que não precisavam e eu fiquei encarregue de contactar algumas empresas locais (algumas recomendadas pelas próprias senhoras). Concordamos em deixar o material na sala à medida que o fossemos adquirindo.

Havia um outro problema que tínhamos que resolver relativamente à falta de mesas e cadeiras essenciais para começar com o atelier. Neste encontro foi-me dito que há uns tempos atrás aquela mesma sala, por causa do apoio à matemática, tinha mesas e cadeiras, mas que tinham sido retiradas devido à atual inexistência desse projeto.

Aliás o grande obstáculo não eram as cadeiras porque as senhoras disseram que cada uma delas poderia trazer um banco/uma cadeira de casa para o atelier. Neste sentido a pessoa mais indicada a contactar seria a técnica do gabinete de ação social do bairro para explorar esta possibilidade da Gaiurb disponibilizar.

Tendo a lista de tarefas definidas decidimos então que o mês seguinte seria para tratar do material e à medida que o fossemos conseguindo devíamos deixá-lo na sala.

Apêndice 6: Registo da sessão de costura nº 2

29 de abril foi a data combinada para verificar o material conseguido. Entre caixotes e sacos começamos a ver o que havia sido angariado. Na verdade ficamos todas surpreendidas com os materiais pois vimos que era material suficiente para avançarmos com o atelier.



A técnica do Gabinete do Bairro também estava presente, por ser dia de atendimento, acabou por ser integrada na nossa eufórica conversa. Entre linhas, tecidos e agulhas vimos que continuavam a faltar as mesas para podermos avançar com o atelier e por isso reforçamos o pedido junto da técnica.



Começamos a ver o material e verificamos que tínhamos linhas de crochet; tecidos; material de costura (tesouras, agulhas, linhas básicas, fita métrica e alfinetes); tapete de arraiolos; lãs e outros materiais que não passavam diretamente por esta área, como os jornais; cartolinas esponjas; tintas e pinceis.



Este foi encontro pequeno e as conversas centraram-se no material. Isto pensava eu até me despedir das pessoas. Estava a dirigir-me para o meu carro quando parei para falar com uma senhora. Começamos a falar sobre o atelier e sobre a sua disponibilidade e vontade de integrar o projeto.



“Eu vou estar presente sempre que puder. Quando não for é porque o meu filho está aqui. Eu espero que não haja problemas, sabe é que nem toda a gente se dá bem e isto de ter muita gente junta às vezes dá mau resultado, ainda por cima mulheres (...) olhe que não é fácil” (Moradora).

A esta conversa juntou-se uma outra moradora. Moradora esta que eu já conhecia há alguns anos, mas que desconhecia que viva ali. Esta senhora quando me vê vem sempre cumprimentar-me, assim como as filhas.

“Fico tão feliz por estares aqui. É sempre bom ter boas pessoas por perto e tu és uma boa menina, agora mulher. Espero ver-te muitas vezes aqui” (Moradora).

A conversa ficou por aqui, despedi-me das pessoas e fui embora.

Apêndice 7: Registo da sessão de costura nº 3

Ontem (26 de maio) recebi uma chamada da técnica do GAS a dizer que a Gaiurb ia colocar as mesas na manhã do dia seguinte (hoje dia 27). Combinei passar pelo bairro nessa mesma tarde.

Dirigi-me para lá, estacionei no local habitual e assim que o acabo de fazer uma moradora que se apercebeu da minha chegada informou-me que um senhor tinha ido lá de manhã colocar seis mesas e oito cadeiras brancas. A senhora estava tão contente que até me disse que já tinha ido à sala limpar e organizar todo o espaço e acompanhou-me até ao local:

“Foi hoje de manhã. Eles vieram aí e trouxeram as mesas que tínhamos pedidos e mais! Trouxeram também algumas cadeiras. A Doutora ontem disse que eles vinham e vieram. Agora já podemos começar. É só avisar as pessoas e marcar um dia!” (Moradora)

Eu tinha mais alguns materiais no carro e, uma outra senhora ofereceu-se logo para me ajudar a levar as coisas para a sala. Reparei que as cadeiras tinham umas almofadas e uma senhora disse que tinha sido elas a deixá-las para torna-las mais agradáveis.

A minha ideia era organizar o espaço, mas visto que as moradoras já tinham tratado disso, acabamos por marcar uma data para iniciar a atividade. Todas concordaram que na próxima semana comesse o atelier.

Aproveitei o momento para conhece-las melhor, e, elas a mim. Uma das senhoras começou a falar da suas vida mais pessoas. Disse-me que tinha dois filhos: um rapaz (o mais velho) e uma rapariga (mais nova). Esta senhora de 45 anos vivia com a sua filha bairro há 14 anos, embora tivesse mudado há pouco tempo para outra entrada.

“Eu tive que sair daquela casa. Já não se aguentava a humidade. Todos os dias, baldes e baldes cheios de água. Eu vivia no último andar e ainda é pior. Tinha muitos problemas! Tinhas as paredes todas estragas, os moveis, tudo, tudo, tudo! Eu tinha mesmo que sair dali e no inverno, então é que era!”.

Esta senhora disse-me que está desempregada há vários anos mas que não desiste de procurar, e, que embora não arranje emprego tem vindo a

frequentar formações financiadas na freguesia para se manter ativa e ganhar algum dinheiro. Contudo, confessou-me que estava bastante descontente com estas formações isto porque a última que frequentou foi a de “Jardinagem e Agricultura” onde se sentiu um pouco explorada. Quando eu lhe perguntei o porquê e o que se tinha passado, disse-me que trabalhava oito horas por dia para ganhar o equivalente a quatro horas de trabalho (4.27€).

Na verdade tinham-lhe dito que a formação seria teórico-prática (com direito a estágio) mas que o tempo de prática seria equivalente ao teórico, o que pelos vistos não aconteceu. Esta senhora desenvolveu a sua componente prática na Junta de Freguesia Local, onde estava encarregue de tratar dos jardins e canteiros de toda a freguesia. Apesar disto, esta senhora não desistiu e frequentou toda a formação (de 250 horas) acabando com uma classificação final de 18 valores de que muito se orgulha. Porém foi-lhe sendo dada a esperança que após o estágio esta senhora pudesse integrar, como trabalhadora, na instituição que tinha estagiado. Contudo, até à data isto não aconteceu.

Eu disse-lhe para ela não desanimar e se realmente lhe tinham dito isso, ela tinha que agarrar essa mesma oportunidade e tentar com que isso se tornasse realidade. Ela disse-me que já tinha ido à Junta falar quer com a Assistente Social, quer com o Presidente, mas que a resposta era sempre a mesma: esperar.

“Eu não faço mais formações destas. É sempre a mesma coisa. Dizem uma coisa e fazem outra. Eu posso ser pobre mas isso não quer dizer que os outros podem fazer de mim aquilo que querem. Eu matei-me a trabalhar! Chegava a casa sempre com dores nas costas e houve uma vez que tive que faltar porque me deu uma crise nas costas muito grande e ligaram logo para a Doutora daqui para confirmar. Para quê? Se não morasse no bairro para onde é que eles ligavam, mas o pior não é isso. Diziam-me que eu ia ficar e onde é que eu fiquei? Em casa. Andavam a dizer que iam meter os três ou quatro melhores, eu era uma das melhores e não fui a lado nenhum e olhe que tive um 18. Já viu? Eu? Um 18. Até tenho o diploma em casa e tudo!” (Moradora)

Apêndice 8: Registo da sessão de costura nº 4

Hoje, dia 3 de junho, foi um dia complicado. Digo complicado porque apenas apareceram três pessoas no atelier. Eu sabia que ia ser difícil estarem sempre todas, até porque cada uma delas tem responsabilidades e compromissos e nada as obriga a estarem presentes no atelier. Claro que eu gostava que tivessem presentes as 13 mulheres que inicialmente apareceram, mas como disse nada as obrigava.

Apesar de estarem apenas estas três mulheres a tarde acabou por ser bastante enriquecedora. Uma das senhoras até tinha trazido um miminho para o nosso lanche. A tarde hoje foi liderada por uma senhora, e, a este grupo de aprendizagem juntei-me para tentar aprender com quem realmente sabia.

A senhora começou por me explicar uma técnica de crochet, que segundo ela era “muito simples” mas que para mim parecia a coisa mais difícil do mundo. Entretanto uma das senhoras começou a falar sobre o seu fim de semana:

“No sábado o meu filho fez-me uma surpresa. Veio buscar-me de manhã, sem eu saber e levou-me a passear. Ele e a mulher. Fomos a São Bento da Porta Aberta e eu até chorei! Chorei porque já não ia lá há muito anos e lembro-me de ir lá com a minha mãe naquelas excursões que se fazia...foi maravilhoso”

“(...) Depois fomos almoçar fora, coisa que eu já não fazia há anos e depois à tarde fomos a Fátima! Até me arrepiei! Lá eu costumo ir porque a Gaiurb todos os anos organiza o passeio e leva-nos, mas é sempre diferente! Eu no fim até queria dar algum dinheiro ao meu filho, mas ele não aceitou. Foi uma surpresa boa...adorei!”

A partir desta partilha demos continuidade a esta conversa e começamos a falar sobre estes dois pontos que a senhora tinha partilhado. As outras das pessoas presentes disseram que também costumavam ir a Fátima todos os anos, mas uma delas nunca tinha ido a São Bento da Porta Aberta e então as suas vizinhas explicaram-lhe onde era e como eu. Eu acabei por me juntar à conversa (na tentativa de largar a tarefa do crochet que me tinha sido atribuída).

A conversa foi prolongando até à hora do lanche (15h30). Isto porque eu tinha que ir trabalhar às 16h30, e, por isso tivemos que lanchar um pouco mais cedo.

Eu fui-me embora à hora combinada e as outras três senhoras continuaram no atelier.

Apêndice 9: Registo da sessão de costura nº 5

“Eu gosto muito de aqui estar. Isto é uma coisa que nos faz bem e que já devia ter começado há muito tempo. Nós quando entramos numa fase em que deixamos de ser alguém para a sociedade acabamos por nos sentirmos inúteis e incapazes e vir para aqui faz-nos sentir bem! Conversamos, passamos o tempo e convivemos, não é? É importante, acredite que é importante!” (moradora)

A tarde de hoje começou logo com um desabafo desta senhora. Um simples desabafo mas com uma mensagem enorme. Na verdade este sentimento era partilhado por todas as senhoras presentes (hoje cinco mulheres). Eram muitas vezes discriminadas no mercado do trabalho por terem a idade acima daquilo que, nos dias de hoje, a sociedade considera como aceitável. Partilharam alguns episódios onde já se tinham sentido assim, sobretudo nos locais onde nunca uma situação destas deveria acontecer – no Centro de Emprego.

Uma das senhoras, com 63 anos, disse que por ela ser reformada nem uma formação financiada ou apenas modular pode frequentar porque os requisitos não permitem que uma pessoa reformada frequente este tipo de respostas.

“Ora se eu pedi a reforma antecipada era porque não tinha trabalho! Ninguém me dava trabalho, diziam que eu já era velha (...)teve que ser. Agora sou reformada mas não sou inválida. Não posso fazer essas formações por causa da reforma. Há coisas que eu gostava de fazer. Não só para ganhar mais algum dinheiro mas até porque algumas são interessantes, não é? Há jardinagem e assim, mas enfim! Não se pode não se pode. O pobre ouve e cala!”

Esta afirmação gerou um momento de discussão, apesar de todas concordarem com esta ideia, até porque como disse, todas elas de uma maneira ou de outra já tinham sido discriminadas no local de trabalho. Uma das presentes acabou por partilhar que uma vez tinha conseguido trabalho numa fábrica, e, que quando começou a trabalhar, ainda num período experimental, descobriu que estava grávida. Assim que avisou a entendida patronal foi convidada a abandonar o seu local de trabalho, com a justificação de que não se tinha adaptado ao seu posto naquela fase experimental.

Eu perguntei-lhes se elas costumavam procurar emprego e como o faziam. Todas disseram que, normalmente, procuram o Gabinete de Inserção Profissional da freguesia, pois semanalmente colocam ofertas de emprego, mas que mesmo assim é muito difícil encontrar. Disseram também que às vezes falam com pessoas que conhecem na tentativa de ganhar algum, mas quase sempre sem sucesso.

“Eu antes ainda ia fazendo umas horinhas nas limpezas, mas agora nem isso. É difícil arranjar até para limpar casas de banho. Uma vez até andei a pedir nos cafés e restaurantes aqui perto, mas a resposta era sempre a mesma: agora não estamos a precisar!”

A par disto, estas mulheres disseram que muitas vezes ouvem coisas negativas sobre as pessoas que recebem o Rendimento Social de Inserção, mas que na verdade se o recebem é por alguma razão, é porque precisam dele para sobreviver e para dar resposta a todas as necessidades básicas. Sim, porque estas mesmas mulheres afirmaram que não podem ir a um restaurante, como as outras pessoas com possibilidades económicas podem; não podem comprar roupa nem objetos de marca, sim, porque vão ao supermercado procuram pelo preço e não pela qualidade; não podem ter mil e um canais, como as outras pessoas podem; não podem carregar o telemóvel com a mesma frequência que as outras pessoas.

“Eu do pouco faço muito e esse pouco faz-me feliz. As outras pessoas nunca saberão o que é fazer sacrifícios (...) se de um dia para o outro ficarem sem nada como irão sobreviver? Por isso é que o pobre fica cada vez mais pobre, mas sobrevive!”

Não posso deixar de referir que a par de toda esta discussão de extrema importância as pessoas continuavam com as suas tarefas, e, entre o crochet, a malha e o tapete de arraiolos muitos desabafos iam sendo partilhados, mas como tenho vindo a referir e a aperceber-me este atelier tem vindo a funcionar muito como espaço de partilha e aproximação das pessoas.

Mais uma vez a obrigação profissional chamava por mim, e, por volta das 16h20 acabei por sair do atelier, enquanto as senhoras lá se mantiveram.

Apêndice 10: Registo da sessão de costura nº 6

“Eu vou ao café porque é o único momento do dia em que me sinto pessoa”

Enquanto esperava pelas pessoas, uma das senhoras chegou e começou logo a falar comigo. Disse-me de imediato que tinha uma coisa para contar, por causa da nossa conversa na semana passada.

Disse-me que no sábado foi ao supermercado e que estavam muitas pessoas na fila para pagamento e por isso teve muito tempo para observar e até ouvir as outras pessoas a falar. Disse-me que ouviu um comentário que a deixou muito irritada “Aqueles do RSI que estão sempre no café (...) é logo de manhã! Basta ir ao café que é vê-los ali a todos (..)andamos nós a trabalhar para elas e não se zangam porque o dinheiro vai ter a casa”.

Logo de seguida perguntei-lhe o que tinha feito quando ouviu esse comentário. Simplesmente disse-me que tinha ignorado, apesar de ter ficado bastante irritada. Disse-me que se ela ia ao café, era com ela e que ninguém tinha nada a dizer, porque não pedia dinheiro para usufruir de um café como uma pessoa diariamente o faz. Disse-me uma frase brilhante e que com um significado enorme “Eu vou ao café porque é o único momento do dia em que me sinto pessoa!”. Esta frase fez-me pensar. Esta senhora tinha razão! Não podia ser julgada por ir ao café.

Agradeceu-me por tê-la ouvido e rapidamente mudou de assunto. Já tinha passado meia hora e ninguém tinha chegado e de repente a senhora que estava comigo lembrou-se que as restantes vizinhas tinham desmarcado a sessão de hoje. Na verdade esta senhora quando veio ter comigo queria-me ter transmitido esta informação, mas como começamos a falar esqueceu-se, mas eu não me importei. Apesar de não ter havido atelier, foi um dia gratificante para mim por causa de toda esta conversa.

Apêndice 11: Registo da sessão de costura nº 7

Hoje só consegui chegar ao atelier por volta das 16h, porque até a esta hora tinha estado a trabalhar. Contudo tinha um miminho preparado para aquelas senhoras. Como já havíamos falado sobre os seus gostos, e, como já as ia conhecendo um pouquinho melhor decidi levar algo para o nosso lanche: figos. Figos? Sim figos. Isto porque elas tinham-me dito, há uns tempos atrás que, tal como eu adoravam este fruto.

No fim de semana anterior eu tinha estado na aldeia da minha avó e curiosamente este fruto maravilhoso já estava pronto para ser colhido. De imediato guardei alguns para lhes oferecer. Assim que entrei na sala com um cesto de figos ouvi “ah! O seu atraso de hoje já está desculpado!”.

À medida que íamos lanchando íamos conversando e eu perguntei-lhes se estava tudo bem e se havia novidades. Uma das senhoras disse-me logo:

“Olhe, no sábado, chateei-me no cabeleireiro porque estavam a falar mal das pessoas no bairro e eu chateei-me logo. Também estavam ali a falar e não deviam saber que eu morava aqui, mas eu não me fiquei! Estavam a dizer isto e aquilo e eu respondi logo. Foi remédio santo! Calaram-se logo!”

As outras senhoras disseram que já não era a primeira vez que ouviam falar mal das pessoas do bairro, quer no cabeleireiro, quer noutra sitio qualquer e isto deixava-las tristes e muitas vezes sem reacção. Disseram que muitas vezes ouvem e que não dizem nada por medo da reacção do outro.

Apêndice 12: Registo da sessão de costura nº 8

Hoje, dia 22 de julho, o tempo de atelier estava mais reduzido. Em vez das habituais quatro horas, eu apenas tinha oportunidade para estar presente durante duas horas, mais uma vez por causa do meu trabalho.

Contudo, hoje o trabalho de costura foi trocado por outra tarefa: preparar o nosso Arraial de Verão. A confirmação do cantor já tínhamos, mas eram preciso ser definidas outras coisas que ainda não tinham sido feitas.

Começamos a pensar quem poderíamos convidar (fora do bairro) para estar presente neste evento. Pensamos então no Presidente da Junta de Freguesia e o Administrador da Gaiurb. Como a nossa página do facebook já existia e já estava a funcionar enviamos um convite, juntamente com o cartaz, através deste meio:

“Ex. Sr. Presidente da Junta de Freguesia de Canelas, gostaríamos de convidá-lo a comparecer no “Arraial de Verão” que decorrerá no dia 3 de agosto pelas 16 horas, no Empreendimento Social Padre Américo. Haverá boa disposição, alegria e animação, e, sem dúvida alguma a sua presença será muito importante para nós! Agradecemos também a colaboração relativamente à divulgação deste evento que tanto nos orgulha.

Com os melhores cumprimentos,
Projeto “Há Vida no Bairro!””

A resposta que surgiu de imediato foi positiva e, por isso, era preciso tratar de outras coisas. Como não tínhamos qualquer contacto do Administrador da Gaiurb entramos em contacto com a técnica do GAS que rapidamente se disponibilizou a ajudar.

Depois destes passos colocamos o cartaz na nossa página do facebook para divulgarmos o nosso evento. Quanto à colocação do cartaz no bairro, cada moradora pôs na sua entrada.

Levantou-se aqui uma questão que dizia respeito aos moradores do outro bairro. Uma vez que se estava a abrir a atividade a todos, estas pessoas também deveriam ser convidadas, e, neste sentido pedimos, mais uma vez, ajuda à técnica do GAS para nos ajudar neste sentido.

Apêndice 13: Registo da sessão de costura nº 9

Hoje a sala tornou-se pequena para tantas pessoas. Hoje contamos com a presença de crianças no atelier. Houve mesmo a necessidade de arranjarmos mais bancos e cadeiras para que todas as pessoas pudessem ficar sentadas. Alguns jovens pediram às senhoras para aprender e elas assim o fizeram. Quanto a mim, parece-me que isto aconteceu por causa das sessões de culinária entre os moradores que juntou pessoas de todas as idades. Hoje o atelier foi muito isto. Em todos os nossos encontros há partilha de aprendizagens, as pessoas trocam saberes e conhecimentos sobre aquilo que melhor sabem fazer, mas hoje tudo isto foi direccionado para os mais novos. Curiosamente hoje senti-me um elemento que não estava alia a fazer muito. Aquelas pessoas assumiram toda a organização do atelier. Será isto positivo? Julgo que sim.

Apêndice 14: Registos fotográficos sessão 9



Apêndice 15: Registo da sessão de costura nº 10

E depois do atelier ter estado parado regressamos com uma sala nova. Esta sala corresponde ao gabinete que era ocupado pela técnica, e, por sugestão do Administrativo da Gaiurb, depois da sua visita, sugeriu a troca de salas. A sala que estávamos a ocupar estava a tornar-se pequena tendo em conta o número de pessoas que estavam a frequentar o atelier, aliás mesmo as reuniões que tínhamos, tinham que ser desenvolvidas no gabinete pela sala ser maior.

Apesar de termos uma sala nova, eu senti que as senhoras estavam um pouco chateadas. Isto porque na semana anterior tinha sido marcada uma visita pelo Sr. Presidente da Câmara, que acabou por não acontecer. Na verdade, isto já era a segunda vez que acontecia, e, assim como da primeira vez, os moradores tinham-se organizado e preparado tudo para receber o Presidente. Limparam as entradas, as escadas, arranjaram os jardins e a própria sala. É verdade. Limparam e organizaram a nossa sala e o próprio gabinete da técnica.

Por mais coisas que eu dissesse não minimizava o sentimento de tristeza que estava a absorver aquelas pessoas. Alerttei-as para a importância de elas se terem organizado e preparado tudo. Aliás alerttei-as para a importância de elas próprias estarem bonitas e sentirem-se bem por estar assim. Isto, porque muitas delas tinham-se aparaltado para recebe-lo. Na verdade não apareceram muitas pessoas neste dia, e, não tendo conseguido falar com elas, as colegas partilharam que elas tinham dito que se o Sr. Presidente não vinha elas também não iam.

Eu respeitei a decisão e não insisti mais. As restantes pessoas mantiveram-se no atelier e continuaram os seus trabalhos. Apesar de tudo, as partilhas continuaram. O espaço tem vindo a funcionar como uma “escola” em que há alguém que sabe fazer alguma coisa e ensina às outras pessoas e, é muito engraçado presenciar e vivenciar isto.

Os trabalhos vão crescendo de dia para dia e as pessoas vão melhorando. Se pensar em cada uma destas pessoas e pensar que muitas delas não sabiam, por exemplo, fazer renda e que neste momento já o fazem é maravilhoso. A par disto, foram desenvolvendo confiança e segurança.

Entre desabafos e preocupações do dia-a-dia, surgiu o assunto do arraial, sim porque não tínhamos tido oportunidade de falar sobre isto. Disseram que gostaram, que correu tudo bem e que querem repetir. Demonstraram um

agrado enorme pela presença do Administrador da Gaiurb. Para estas pessoas a presença desta pessoa de referência foi extremamente importante para elas, aliás, elas próprias sentiram-se importantes e reconhecidas.

Na verdade o assunto de hoje foi muito em torno do Arraial. As pessoas sentiram-se realmente bem com este evento. Por volta das 15h30 apareceu uma senhora que até ao momento nunca tinha aparecido. Quando cheguei ao bairro esta senhora disse-me claramente que as pessoas não eram de confiança e que a vinda para o bairro prejudicou muito a sua vida profissional. Mas hoje juntou-se a nós nesta aventura do atelier.

Eu sabia que esta senhora era costureira e que fazia muitos trabalhos neste âmbito. Como existia material que não estava a ser aproveitado eu comecei a perguntar a cada pessoa se queria alguma coisa, pedindo também, para alguém ir chamar a tal senhora que era costureira. E assim foi.

De imediato a senhora apareceu e eu perguntei-lhe se ela precisava de algum material para os trabalhos dela. Entre tecidos, botões e outras coisas guardou o que precisava e agradeceu. Observou o espaço e as suas vizinhas e começou a ver o que elas estavam a fazer.

Curiosamente aproximou-se de uma senhora que estava a fazer renda e começou a dar-lhe dicas de como poderia fazer. Como viu que a senhora estava com algumas dificuldades prontificou-se a ajudá-la, acabando mesmo por ir a casa e trazer material (agulhas mais finas) adequadas ao tipo de trabalho que a senhora estava a desenvolver. O certo é que esta senhora acabou por se juntar a nós o resto da tarde.

Apêndice 16: Registos fotográfico sessão 10



Apêndice 17: Registo da sessão de costura nº 11

Hoje, dia 26 de agosto, o atelier de costura foi “invadido” pelos mais jovens. Para além das habituais pessoas contamos com alguns jovens moradores que demonstraram interesse em participar.

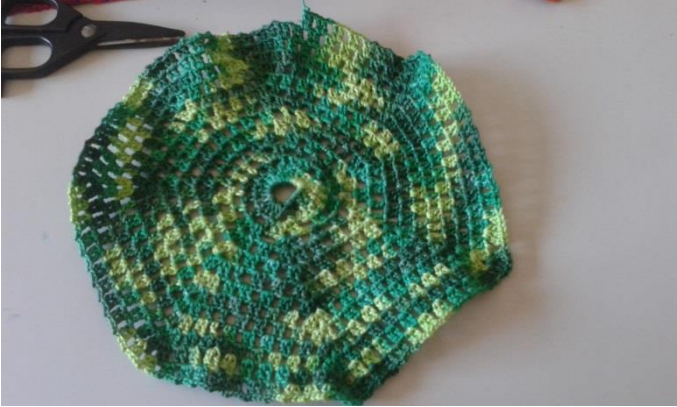
Eles deixaram claro que não vinham costurar, vinham para estar ali a conviver. Aliás eles próprios trouxeram coisas para fazer. Trouxeram uns desenhos, lápis e marcadores e começaram a pintar. Eu disse-lhes que tínhamos mais materiais que poderiam utilizar. O certo é que divertiram-se e conseguiram divertir toda a gente, sim, porque na verdade eles tinham preparado uns jogos para todas as pessoas participarem.

O jogo da força foi o que predominou e envolveu todas as pessoas, assim sem contar, aqueles jovens proporcionaram um belo momento a todos os presentes.

Um dos jovens presentes sugeriu uma nova atividade: uma ida ao cinema. Infelizmente, não conseguimos arranjar uma forma de conseguir dinheiro para que todos pudessem ir, então pensámos em fazer uma sessão de cinema no próprio bairro. Este jovem prontificou-se a tratar de tudo (de avisar os vizinhos, de colocar os cartazes e de preparar o espaço). De imediato contactamos a técnica do GAS para tentar perceber se a Gaiurb nos poderia facultar um projetor, ao qual nos foi dito que no próximo dia 31 de agosto poderíamos utilizar um. O entusiasmo e persistência daquele jovem absorveu-me.

Ele sugeriu um filme para os mais jovens, mas as senhoras que estavam no atelier e que estavam a acompanhar toda a nossa conversa disseram que também eu queria ver. Eu disse-lhe que elas tinham razão. Expliquei-lhe que não era por as pessoas serem adultas que não gostavam de desenhos animados e que não podíamos limitar a entrada das pessoas só por esse motivo. Ele percebeu e concordou.

Apêndice 18: Registos fotográficos sessão 11



Apêndice 19: Registo da sessão de costura nº 12

“Era uma coisa que eu já queria aprender há muito tempo e nunca tive oportunidade, agora consegui” (Moradora)

2 de setembro e mais uma tarde de atelier...

Como já é habitual, as tardes de quarta são passadas no atelier de costura com as moradores. Assim que cheguei ao bairro encontrei duas senhoras muito atarefadas a tratar do jardim. O cheiro a relva fazia-se sentir e, assim que me viram, disseram que tinham muito trabalho para fazer e que iriam para o atelier um pouco mais tarde, pois ainda não tinham terminado. A senhora que habitualmente fica com as chaves da sala foi entregar-me e eu dirigi-me para a sala.

No curto caminho que tenho que percorrer, olhei para as escadas para saudar as habituais pessoas que lá costuma estar, mas ao contrário dos outros dias não vi ninguém. Olhei para o relógio e percebi que era um pouco mais cedo que o habitual, e justifiquei a ausência dessas mesmas pessoas desta forma.

Abri a porta e preparei o espaço. Pouca coisa, claro, porque todo o material que as pessoas utilizam são elas próprias que o organizam e, por isso, nunca lhes toco. Simplesmente abri a janela, acendi a luz, liguei o rádio que as pessoas tanto queriam e esperei. Pouco tempo depois começaram a entrar sempre com a boa disposição a que me habituaram.

A primeira senhora a entrar mostrou-me o seu trabalho: um maravilhoso tapete de arraiolos com o nome do bairro. Eu estava fascinada com aquele tapete, que a mim parecia-me difícil e extremamente complicado de se conseguir, mas ela insistia e repetia vezes sem conta que tudo aquilo era muito simples. Explicou-me, mais uma vez, as diferenças entre os pontos e indicou-me exatamente onde estavam os erros. Sinceramente, eu não conseguia perceber o que estava mal e transmitia-lhe esta informação, dizendo-lhe que para mim aquilo era um belo tapete e que o trabalho estava excelente.

Este episódio repetiu-se com outras pessoas, que faziam questão de me mostrar tudo aquilo que estavam a fazer. Contudo, este atelier tem vindo a funcionar como um espaço de partilha de momentos, experiências e histórias e hoje foi sem dúvida alguma um espaço para isso.

O tema central hoje era os filhos, em que cada uma falou sobre o seu processo de gravidez, e, sobretudo sobre o momento do parto, destacando alguns momentos mais cómicos e outros mais difíceis que cada uma passou. Contudo, houve uma história de uma das senhoras que predominou durante toda a tarde.

Uma das senhoras partilho um momento preocupante da sua vida que passou com o seu filho. O seu filho sempre teve uma enorme paixão por futebol, aliás desde muito cedo que iniciou o seu percurso futebolístico. Este jovem de 14 anos, nos últimos dois anos passou por um período de dificuldade relativamente à aceitação do seu corpo.

Apesar de adorar jogar futebol, este jovem passava muito tempo no banco. Um dia, o treinador disse-lhe que ele tinha peso em excesso para jogar futebol e a partir daqui este jovem começou a associar que não jogava porque tinha excesso de peso e, a partir daqui este rapaz entrou numa dieta exacerbada, deixando de comer drasticamente, acabando por perder cerca de 10kg. Contudo o desejo de emagrecer continuo e a dieta extremista também. Felizmente os pais deste jovem perceberam a tempo o que se estava a passar e levaram o seu filho ao médico.

Neste momento este jovem e respetiva família estão a ser acompanhados e o jovem já aumentou de peso, estando, neste momento com 52kg. No próximo dia 21 o jovem e a mãe vão a uma consulta, a escola também está a par da situação, assim como o clube, que o jovem nunca deixou. Felizmente, o jovem nunca chegou a atingir pesos muitos baixos e teve o acompanhamento dos seus familiares no momento certo.

Ainda neste dia tive a possibilidade de falar com este jovem, aliás, nas minhas últimas idas ao bairro tenho contactado sempre com ele, até porque tem ido ao atelier nem que seja para dizer “olá”. Não quis tocar neste assunto, porque ele não sabe que a mãe tinha acabado de me contar, mas facilmente iniciei um diálogo com ele.

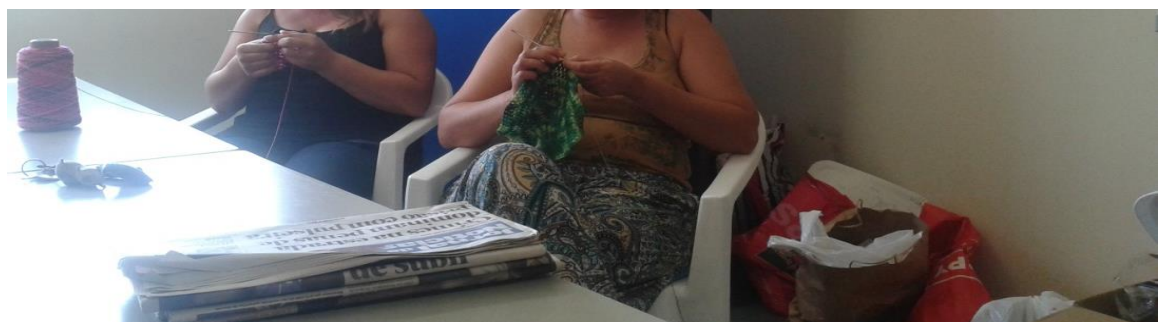
E como eu sabia que ele jogava futebol (facto que ele já tinha partilhado anteriormente) começamos a falar sobre isso. Curiosamente é uma área que eu também gosto e acabamos por falar sobre os treinos, sobre os jogos, sobre os diferentes clubes e jogadores. Ele próprio ficou surpreendido com o meu interesse futebolístico, mas na verdade isso agradou-lhe. A meio da nossa conversa ele disse que tinha que lanchar (eram 16h), e disse-me que era

importante comer aquela hora porque tinha treino mais tarde. Foi a casa num ápice e trouxe o lanche para a minha beira, e, a conversa continuo. Ofereci-lhe uma fatia de bolo (bolo que eu tinha levado para o lanche) e o assunto do futebol continuava, na verdade já não havia volta a dar! Disse-me que adorava ver o seu clube do coração (Futebol Clube do Porto) ao vivo, e, que um dia o faria, e, em tom de brincadeira pediu-me para o levar.

Depois de uma bela palestra sobre futebol, começamos a falar sobre a escola. Confessou-me que ia passar para o 8º ano, mas que tinha reprovado uma vez no 6º ano. Disse-me que foi importante reprovar porque aprendeu uma lição. Na verdade eu já sabia de tudo isto, porque a mãe já tinha partilhado esta história comigo, mas ouvi-lo contar foi diferente.

Depois disto, o jovem decidiu ir jogar futebol com um amigo que tinha acabado de chegar, mas antes de ir convidou-me para ir ver o seu jogo de futebol, no próximo domingo.

Apêndice 20: Registos fotográficos – sessão 12



Apêndice 21: Registo da sessão de costura nº13

Hoje mais um dia de atelier. Foi um dia que contou com a presença de cinco senhoras. Foi um dia com menos pessoas, mas foi um dos dias em que a troca de conhecimentos se intensificou. Hoje uma das senhoras, que inicialmente não aparecia, assumiu toda a sessão e ensinou às restantes aquilo que uma das coisas que mais lhe dá prazer. Para além disso, trouxe material (agulhas) para dar às pessoas. E a tarde foi assim, entre dedais, agulhas e conversas do dia-a-dia, houve partilha de experiências, conhecimentos.

Hoje uma senhora até disse que ia aproveitar alguns dos panos que fazia neste atelier para oferecer aos seus familiares no Natal.

“Eu gosto de vir para aqui...faz-me bem! Dá para aliviar o stress”
(Moradora)

“Quando comecei na costura comecei a animar-me” (Moradora)

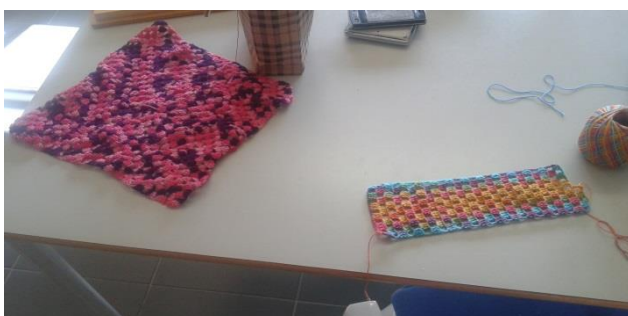
Apêndice 22: Registo da sessão de costura nº 14

Este dia, 7 de outubro, inicialmente, decorreu apenas com a presença das senhoras. Já estávamos habituados à presença dos mais jovens, mas com o início das aulas sabíamos que isto ia diminuir.

Hoje uma das senhoras trouxe um tapete de arraiolos que havia concluído ao longo da semana, isto porque tinha levado o seu trabalho para terminar em casa. Levou-o porque queria muito acabar o seu trabalho. Era algo que ela desejava já à algum tempo e por, isso, cheia de orgulho mostrou-me o seu tapete.

Como ainda tinha algumas dúvidas, voltou a trazê-lo para perguntar a uma das suas vizinhas (“a especialista em arraiolos”) pois como ela tinha trabalhado muito tempo nesta área, era sem dúvida alguma a pessoa certa para a ajudar. Mais uma vez, era possível verificar a aproximação ente vizinhos se estava a intensificar e cada vez mais recorriam ao outro para pedir ajuda.

Ao contrário do que estávamos à espera, os jovens começaram a aparecer, isto porque alguns deles tinham a tarde livre à quarta-feira o que lhes dava a possibilidade de continuar a frequentar o atelier. Como as aulas tinham começado à pouco tempo, ainda não havia muitos trabalhos de casa, contudo estabelecemos um acordo: os jovens, nesse dia, estudavam e só depois integravam o atelier. Foi uma necessidade que surgiu no momento, mas que foi igualmente solucionada pelas pessoas.



Apêndice 23: Registo da sessão de costura nº 15

Hoje, assim que acabei de estacionar, verifiquei que um dos jovens já trazia a mochila às costas, preparado para ir para o atelier. Logo a seguir chegaram mais dois, seguindo o mesmo exemplo. Assim que abrimos a sala, organizamos o espaço e os jovens começaram a trabalhar. Eu ia tentando ajudar, naquilo que conseguia, mas o que se começou a verificar é que eles começaram a ajudar-se uns aos outros.



Um dos jovens já ia numa matéria mais adiantada e por isso começou a ajudar um outro que estava com dificuldades. Também as senhoras, que entretanto já tinham chegado, iam ajudando com aquilo que conseguiam e, isto aconteceu quando um dos jovens tinha que fazer um texto para português e precisava de ideias para fazê-lo e, então, as senhoras foram ajudando, assim como quando este tinha dúvidas em escrever algumas palavras.



Assim que terminaram os trabalhos de casa, continuaram a trabalhar, mas desta vez no atelier. Como um dos jovens tinha partilhado com os amigos da escola que andava a aprender a fazer crochet, os pedidos dos seus amigos começaram a surgir. Então este jovem começou a fazer algumas pulseiras para oferecer.

Com a ajuda de algumas senhoras o jovem lá conseguiu fazer pulseiras para oferecer aos seus amigos.

Apêndice 24: Registo da sessão de costura nº 16

Hoje o nosso atelier transformou-se num espaço de artes plásticas, isto porque o Halloween estava a chegar e tínhamos combinado celebrá-lo da melhor forma. Para tal precisávamos de enfeitar sala. Grande problema? O material, sempre o material. Contudo definimos um objetivo: enfeitar a sala com o material que tínhamos. Começamos então a discutir algumas ideias, não só com alguns jovens, mas também com as senhoras.

As senhoras rapidamente facultaram algumas linhas e tecidos para enfeitar a sala e, mais do que isso, disponibilizaram-se para ajudar. Os mais jovens começaram a pesquisar ideias na internet. Ideias económicas e fáceis de fazer. Enquanto os mais novos definiam uma lista de tarefas e ideias a desenvolver, as senhoras voltavam à costura.

Uma das senhoras disse-me que, na última semana, tinha levado o seu trabalho para casa para que ao longo da semana trabalhasse nele. Disse-me que foi pedindo ajuda às suas vizinhas e assim foi trabalhando, é de referir que esta senhora em questão, quando integrou o atelier não sabia fazer absolutamente nada relacionado com o crochet, mas que neste momento ela já estava a fazer um pano:

“Eu levei o pano para casa para fazer mas tive que pedir ajuda às minhas vizinhas, porque eu perdia-me e depois não sabia o que estava a fazer. O meu marido e a minha mãe até ficaram admirados com o que eu estava a fazer. Durante a tarde eu ia-me entretendo, e, às vezes à noite, quando me sentava no sofá, também (...) mas eu estou muito orgulhosa porque sou eu que estou a fazer isto, com dificuldades, é certo, mas sou eu! Demoro muito, mas não interessa! Para quem não sabia fazer nada, até já fez muito!”

Apêndice 25: Registo da sessão de costura nº 17

Mais um dia de atelier em que muitas pessoas pensavam ser mais um dia, mas na verdade não foi. Desta vez, era a minha vez de dar um miminho a estas pessoas. Ao longo de todo este tempo fui tirando várias fotografias, em diferentes momentos, assim como filmando alguns momentos. Então, juntei tudo e realizei um vídeo que resumia todos os momentos do Projeto. Quando cheguei lá apenas estavam alguns jovens e as pessoas que participavam no atelier, então pedi a alguns jovens para irem chamar mais pessoas porque eu tinha uma surpresa para todos.

No dia anterior tinha telefonado à técnica do GAS a pedir para ela estar presente, pois era algo que eu gostaria de partilhar com ela. Assim, por volta das 15h comecei a explicar às pessoas o porquê de estarem ali e de não estarem a costurar como habitualmente. Assim que comecei a projetar o filme, os sorrisos invadiram a nossa sala. Pouco tempo depois, a estes sorrisos juntaram-se lágrimas e no fim, um agradecimento enorme. Na verdade eu não queria agradecimento nenhum. Eu é que estava a agradecer àquelas pessoas tudo o que me tinham dado e proporcionado ao longo deste ano.

Assim que o filme acabou, pediram para voltarmos a ver, e, desta vez foram chamar mais pessoas, que também apareciam, mas que se tinham recusado a aparecer: “Eu vou chamá-la. Ela tem mesmo que ver isto se não vai-se arrepender!” e passados 10 minutos, lá estávamos nós a ver e a rever cada momento.

Apêndice 26: Passeio de Natal

A minha primeira grande saída organizada com os moradores do Empreendimento Social Padre Américo decorreu em dezembro de 2014. Para mim foi sem dúvida alguma um momento importante nesta caminhada iniciada à alguns meses.

O destino neste dia era São Paio de Oleiros, Santa Maria da Feira, para visitar o maior presépio do mundo em movimento. Este destino tinha sido desejado e escolhido pelos próprios moradores, e, após toda a preparação o grande dia tinha chegado.

Assim que saímos da camioneta, as pessoas começaram a tirar fotografias a cada peça que estavam a ver, e a rir. A rir muito porque este presépio a par de toda a componente religiosa apresentava uma sátira ao sistema político e social do nosso país e isto levava as pessoas a rir. Para além disto, a parte cultural e tradicional também estava ali retratada, e, por isso estas pessoas identificavam-se muito com aquilo que observavam.

Um dos momentos altos deste passeio foi a ida ao carrossel. Um dos moradores, com 60 anos, nunca tinha tido a oportunidade de andar de carrossel, e, neste passeio fê-lo pela primeira vez.

“Obrigado. Eu só posso agradecer, do fundo do meu coração. Nunca tinha andado nisto e é uma loucura. Aliás, nunca pensei se quer fazê-lo, sobretudo com esta idade! Uma pessoa da minha idade a andar de carrossel? Já viu? Os meus netos deviam ver isto. Quando eu lhes contar nem vão acreditar. O que vale é que a minha mulher está aqui, viu tudo e também andou.”

À medida que o tempo ia passando eu ia falando cada vez mais com as pessoas e eu estava a sentir-me realmente bem, pois estava a partilhar um momento como aqueles com aquelas pessoas, e, a felicidade delas era notória.

Apêndice 27: Cartaz aula de zumba 1



Apêndice 28: Registo aula de zumba 1

Nº de moradores participantes	Nº de participantes não moradores
15	5

Observações: “Estava ansiosa por este dia, sabe?! Eu hoje até fui para a porta do supermercado para conseguir estar aqui desde o início! Juro” (moradora do bairro) Para além destas pessoas, outros moradores juntaram-se a nós, com as suas cadeiras e ficaram a ver a aula. Estas pessoas não participaram na íntegra, ou porque não quiseram, ou porque não podiam. Contudo, houve momentos em que as próprias pessoas iam cantando, batendo palmas, no fundo, acompanhando toda a aula. “Olhe eu não fiz mas gostei de ver! As pessoas estavam animadas e eu diverti-me! Era só para vir ver um bocado, mas depois fiquei aqui na conversa com elas e quando dei conta já estava na hora de fazer o almoço (...) mas não faz mal! Eu gostei” (moradora). Para mim, foi mais um momento de conhecimento e proximidade destas pessoas. Muitas das mulheres que participaram, eu já conhecia, mas fizeram-se acompanhar dos filhos que acabaram por se envolver na aula. Acabando esta por ser um momento em que filhos e mães partilharam um bom momento. Quanto às pessoas que apareceram fora do bairro, considero que foram poucas, mas pelo menos apareceu alguém. Foi uma primeira tentativa! Eu própria acabei por me envolver e fazer a aula com os moradores. Ao longo da aula foram se juntando outras pessoas, e, se numa fase inicial, tínhamos algumas pessoas à janela a ver, muito rapidamente desceram e juntaram-se a nós no centro do bairro. Na verdade, esta aula, mais do que a dança, proporcionou um momento de convívio entre os moradores. “Precisamos de mais coisas assim. Quando podemos ter outra? Isto faz-nos bem! Faz-nos rir e nós precisamos de rir! (...) é uma forma de estarmos com as outras pessoas. Eu adorei! Obrigada! (Moradora). A instrutora que orientou a aula, disse-me, no final da aula, que se sentiu muito acarinhada pelas pessoas, que se divertiu e que gostava muito de voltar. Isto porque as próprias pessoas agradeceram a sua presença. É de realçar que a aula foi desenvolvida no exterior, até porque não existe um espaço interior para o fazer. Contudo, quando preparamos a

aula não nos lembramos que era necessário um aspeto fulcral: luz! Confesso que fiquei super preocupada quando, neste sábado de manhã, cheguei ao bairro e me lembrei deste enorme pormenor, mas depressa, este meu pânico passou. Porquê? Porque os moradores rapidamente arranjam uma solução para este problema: dois moradores forneceram extensões, outra moradora uma cadeira (para colocar o computador) e a senhora que reside mais próxima do polidesportivo facultou a luz. É de salientar que esta última senhora é exatamente aquela que me disse há uns meses atrás que não se sentia totalmente integrada neste bairro. Contudo, não só facultou o ponto de luz, como esteve presente em toda a aula. Eu tenho a plena consciência que o objetivo destas aulas não é propriamente a prática de atividade física (apesar de também ser importante), mas sim que estas pessoas partilhem momentos de lazer, conversem, convivam e que se sintam bem no local onde elas próprias vivem! Seria muito bom, abrir este bairro à comunidade, mas não sei se será possível. Contudo foi a primeira aula e há que continuar a trabalhar nesse sentido. Porém, não consigo desvalorizar aquilo que presenciei, vivi e senti nesta aula.

Apêndice 29: Cartaz aula de zumba 2



Participação gratuita



Dia 15 de julho
venha **DANÇAR!**

Pelas 15 horas no
Empreendimento Social
Padre Américo

Com:



MAXIMUS

Colaboração:



Gaiurb
URBANISMO E HABITAÇÃO, EM

Apêndice 30: Registo da aula de zumba 2

Nº de moradores participantes	Nº de participantes não moradores
13	3

Observações: Esta aula decorreu a meio da semana, o que acabou por dificultar a presença de algumas pessoas. Contudo, era o único dia que os professores de zumba tinham disponibilidade e, por isso, acabamos por agendar. Contudo outro fator acabou prejudicar aula: o calor. Em pleno Verão, às 15h00 estava realmente muito calor, e, algumas das pessoas que até acabavam por assistir não o conseguiram fazer por causa desse elemento. Apesar disto, a aula decorreu e as 14 pessoas presentes mantiveram-se animadas ao longo de 40 minutos. Cantavam, dançavam e brincavam. Ao contrário da primeira aula, muitos jovens do género masculino tinham-se juntado a nós. Embora um pouco reticentes, à medida que o tempo ia passando, foram ganhando mais à vontade e integrando a aula.

“Foi uma boa aula apesar do calor. As pessoas foram super divertidas e estiveram a rir do início ao fim da aula. Estavam pessoas de diferentes idades o que foi bom! O importante não é que estas pessoas façam todos os passos certinhos. O importante é que dancem e isso elas fizeram muito bem! Foi muito bom. Obrigado” (Professor de Zumba).

Apêndice 31: Cartaz aula de zumba 3



**Venha
ZUMBAR!**

25 de julho
10 horas

Empreendimento Social Padre Américo

Com:
Instrutora Andreia Palos

Colaboração:



Apêndice 32: Registo da aula de zumba 3

Nº de moradores participantes	Nº de participantes não moradores
16	2

Observações:

“Foi com muito agrado que aceitei o convite para uma aula de Zumba no bairro...confesso que inicialmente fiquei um bocadinho receosa pelo que me esperava, apesar de também eu viver num bairro, há sempre o receio do tipo de pessoas que vamos encontrar. E é bem verdade que acabamos por encontrar pessoas maravilhosas como foi o caso! Das duas aulas que la dei, sai com o coração preenchido de felicidade e com um sorriso de orelha a orelha. São pessoas humildes, que sabem reconhecer e agradecer o que se faz por elas. Eu só posso agradecer à Ana Sofia e a todas as pessoas que partilharam estes momentos comigo. Muito obrigada (Instrutora de Zumba – comentário deixado no facebook)

Apêndice 33: Sessão “Vamos todos cozinhar!”



Apêndice 34: Avaliação “Vamos todos cozinhar!”

Data: _____
Idade: _____
<u>Género:</u> Feminino <input type="checkbox"/> Masculino <input type="checkbox"/>
Atividade: _____

Aspetos positivos a destacar:	Aspetos negativos a destacar:	O que aprendi:

Como me senti:	Relação com os colegas:	Sugestões:

Apêndice 35: Cartaz “Arraial de Verão!”

Arraial de Verão!

Empreendimento Social
Padre Américo

5 de agosto 16h30

Apareça!

Artista convidado:

Projeto: Há vida no bairro!

Gaiurb
URBANISMO E HABITAÇÃO, EM

Apêndice 36: Registo do Arraial de Verão

“Hoje está a ser um dia muito bom. Nós precisamos disto. Faz-nos bem! Nós temos que conviver e isto fazia falta” (Moradora)

O nosso Arraial de Verão finalmente aconteceu. Era algo muito desejado pelos moradores. Desde muito cedo demonstraram o gosto por música popular e bailaricos, e, também desde muito cedo demonstraram o desagrado por existirem poucos eventos neste âmbito.

No próprio bairro já não organizavam um arraial há muito tempo e portanto decidimos que estava na altura de preparar um. Na verdade o bairro não apresenta nenhum espaço interior onde se possam desenvolver este tipo de atividades e, por isso, estamos sempre muito dependentes dos fatores climáticos. Contudo, neste dia estava um sol radiante e uma excelente temperatura para o nosso arraial.

Confesso que estava especialmente ansiosa neste dia, e, portanto cheguei mais cedo que o habitual. Quando lá cheguei já havia pessoas na rua, e, pouco tempo depois chegaram os cantores convidados para preparar tudo.

Alguns miúdos dirigiram-se a mim e perguntaram o que poderiam fazer. Depois disto dividimos tarefas e começamos a preparar o espaço. Uns estavam encarregues de ajudar os cantores, outros de criar espaços de sombra e outros de trazer cadeiras. As cadeiras eram as mesmas que eram utilizadas no atelier de costura e por isso não houve o problema. O problema principal estava nos espaços de sombra. Efetivamente o local onde decorreu o arraial era mesmo no centro do bairro, e o sol estava bem direccionado para lá. Conseguimos arranjar um guarda-sol, mas não era o suficiente.

De repente uma senhora lembrou-se de colocar uns lençóis escuros nas grades de forma a provocar sombra. Desta forma conseguimos colocar umas cadeiras junto a estes espaços.

A ideia inicial não era organizar um arraial apenas com música, a ideia seria ter alguns trabalhos realizadas pelas senhoras expostos, mas esta última ideia foi completamente impossível. Isto porque depois de vermos, não existiam assim tantos trabalhos completos. Contudo, eu não vejo isto como algo negativo, porque os trabalhos estão a ser desenvolvidos por elas, e, apesar de

estar a ser moroso, elas estão a aprender e isto não é algo que se faça de um dia para o outro.

A outra ideia era ter comida para as pessoas, mas isto implicava um custo. Então uma das senhoras ofereceu-se para fazer um bolo para agradecer aos cantores por eles terem vindo ao bairro sem qualquer custo e assim foi.

O arraial teve início pelas 16h30, tendo terminado por volta das 18h. O ambiente estava animado, tranquilo e havia muitas pessoas a dançar. Eu própria que estava encarregue das fotografias acabei por dançar, dançar e dançar. É de salientar que a técnica do bairro também estava presente.

A meio do arraial recebemos a visita do Administrador da Gaiurb e de uma jornalista. E este foi um momento de realce neste arraial. O Administrador cumprimentou pessoa por pessoa, dos mais novos aos mais graúdos, tendo conversado com algumas delas. A sua presença foi importante. Eu estava ao observar a reacção dos moradores, e vi que alguns que estavam apenas à janela a observar acabaram por ir para o polidesportivo para o cumprimentar.

Aliás, ele fez questão de não só agradecer a presença das pessoas, mas como a dos cantores, que estavam ali, a colaborar com o projeto e a proporcionar um final de tarde maravilhoso a todos os que estavam presentes.

Entre os momentos de dança, uma moradora chamou-me e disse-me que queria cantar. Queria cantar porque lhe apetecia, porque gosta e porque se estava a divertir. Pedi-me para falar com os cantores e eu assim o fiz. De imediato disseram que sim e que chamariam a senhora no final, para ela fechar o arraial.

Apareceram algumas pessoas fora do bairro, essencialmente por convite dos moradores. Foram cerca de 10 pessoas fora do bairro, pelo menos foram as que consegui contar. Não era assim tão fácil, porque nem eu nem as pessoas estavam sempre no mesmo sítio. Curiosamente a maioria de presenças centrou-se nas mulheres.

Antes de acabar o arraial e, como prometido o cantor chamou a senhora para que ela pudesse cantar. Escolheu a música e iniciou. Na verdade isto fez com que se proporcionasse outro momento: um karaoke. Sim, porque outros moradores quiseram participar e juntaram-se ao momento musical.

No final os cantores foram convidados pelos moradores a dirigirem-se à sala do “Há vida no bairro” para provarem o bolo que carinhosamente uma

moradora preparou. Outras pessoas acabaram por contribuir com bebidas e batatas fritas, o que fez com que todos os presentes pudessem lanchar.

Antes dos convidados irem embora eu ainda tive a oportunidade de falar com eles e, para além de lhes agradecer tentei perceber como sentiram. Eles disseram que não tinham qualquer preconceito em atuar no bairro, aliás um deles, com apenas 23 anos era também um conterrâneo, e, por isso já conhecia muitas das pessoas que estavam presentes. Para além disso disseram que sentiram um feedback positivo por parte das pessoas, e, que gostariam de voltar para uma nova atuação.

“Estivemos muito próximos das pessoas, o facto de não existir um palco também ajudou. É pena ter sido pouco tempo, mas esta altura é complicada para nós...mas prometemos voltar! Deviam haver mais coisas assim”
(Cantor).

Ainda neste dia, o Cantor deixou uma mensagem de agradecimento no facebook: *“Agradecido à comunidade, à Ana Sofia, ao projeto "Há vida no bairro" e à Gaiurb pelo o convite. Foi uma experiência boa e muito animada. Até à próxima.”*

É de referir que estes cantores acabaram por serem convidados, pela Gaiurb, para eventos futuros.

Apêndice 37: Registo fotográfico do Arraial



Apêndice 38: Registos fotográficos Halloween



Apêndice 39: O bairro entre (pre)conceitos

O contacto com os jovens já há muito desejado por mim finalmente estava a acontecer. Na verdade via e cruzava-me com estes jovens e crianças no bairro mas ainda não tinha falado com eles, ainda não os tinha conhecido verdadeiramente e eis que finalmente surgiu essa oportunidade.

Os primeiros contactos com eles foi nas aulas de zumba e um ou outro no atelier de costura que iam aparecendo, essencialmente para ter com as suas mães. Depois de um enorme passa a palavra e com uma ajuda incrível das mães conseguimos marcar uma sessão nas férias de verão (1 de julho)

Na verdade eles já se conheciam e de imediato percebi que eles estavam bastante à vontade uns com os outros. Contudo, eu não os conhecia e para que que eles transmitissem esse à vontade comigo, começamos a nossa sessão com um exercício de dinâmica de grupo. O exercício consistia num jogo de apresentação em que todos os elementos deviam estar em círculo. A primeira pessoa (neste caso fui eu a começar) tinha que dizer o seu nome e fazer um gesto; a pessoa seguinte teria que dizer o nome da primeira pessoa, o nome dessa mesma pessoa, o seu nome e o seu gesto. A terceira pessoa seguia o mesmo processo e assim sucessivamente. No fim todos tivemos que dizer o nome e o gesto de cada um.

Apesar de terem estranhado numa fase inicial, foram ficando cada vez mais à vontade. Em seguida perguntei-lhes se sabiam o que é que eu estava ali a fazer e o porquê de eles estarem ali comigo.

“Eu já te vi por aqui...a minha mãe anda na costura e falou-me de ti. Ela disse-me que tu falaste com as pessoas há uns tempos e depois começaram a fazer estas coisas” (Jovem morador)

“Eu vi-te na aula de zumba no outro dia. Fiquei ao teu lado e tu falaste comigo. Disseste que eu dançava bem e disseste que tu não sabias dançar” (Jovem moradora)

“Nós estamos aqui porque tu disseste que nos querias conhecer” (Jovem morador)

“Eu acho que estamos aqui porque vamos fazer qualquer coisa, não sei o quê, mas vamos e é fixe, porque assim estamos entretidos” (Jovem morador).

Depois dos jovens partilharem o seu ponto de vista eu disse-lhes que tudo aquilo que eles tinham transmitido era verdade. Eu estava ali para os

conhecer, para conhecer o bairro aos olhos deles, uma vez que ainda não tinha tido oportunidade de o fazer.

Então começamos a falar exatamente sobre isto. Numa cartolina escrevia a palavra “Bairro” e perguntei-lhes o que é que eles sentiam quando olhavam para aquela palavra e a que outras palavras eles associavam esse conceito. Uma jovem moradora de 14 anos começou a falar e disse que a sua opinião sobre o bairro mudou quando ela foi viver para lá.

Esta jovem vive no bairro à cerca de três anos e disse que antes de vir para aqui com a sua família não queria. Explicou-me que o seu avô, já residia no Empreendimento, e cada vez que lá ia visitá-lo sentia-se intimidado e até envergonhada por estar ali:

“Eu não quera vir para aqui. Não queria! Eu pensava que isto era mau, toda a gente me dizia que isto era mau, que havia droga, que as pessoas roubavam e quando eu soube que vinha para aqui até chorei porque tinha medo e vergonha de dizer aos meus amigos que morava num bairro” (Jovem moradora)

Esta jovem vive com os seus pais, avó e irmão mais velho e confessou que a partir do momento que foi morar para o bairro e começou a conhecer as pessoas que lá moravam tudo aquilo que de negativo acreditava começou a mudar. Começou a ter amigos, começou a relacionar-se com as pessoas e começou a ter mais à vontade de estar lá e de chamar “casa” ao bairro. Contudo, disse que apesar de ela, hoje em dia, já ter uma ideia positiva sobre o bairro, muitas pessoas não a têm. Confessou também que muitas vezes se sentia discriminada, sobretudo na Escola, não só pelos colegas, mas também pelos professores. Os outros jovens que estavam atentamente a ouvir partilharam o mesmo sentimento negativo e discriminatório que se faz sentir num lugar que não se deveria fazer sentir.

Um deles disse que a palavra bairro o fazia lembrar um local de pobreza:

“Quem vive no bairro é pobre, tem pouco dinheiro, até porque se tivesse dinheiro não estava aqui. Nós sabemos que a maioria das pessoas que aqui vive paga pouco de renda e não tem trabalho” (Jovem morador)

Outro disse que era um local monótono para se viver e que eles queriam ter mais atividades, porque essas só existiam nas férias. Para além disso, partilhou, entre risos, que viver ali era chato, porque as pessoas sabiam tudo o

que se passava, e, quando havia alguma coisa que ocorria e que as pessoas não concordassem iam logo contar à técnica do bairro:

“Oh viver aqui é um bocado chato. As pessoas andam sempre a falar uns dos outros e não podemos fazer nada que a Dr.^a sabe logo” (Jovem morador).

Porém aspetos positivos foram também atribuídos ao bairro. Um dos jovens disse que gostava de morar num bairro e que morar num bairro era bom, porque para além de viver com a sua família vivia com os seus amigos, e, isso não acontece noutros lugares:

“Viver no bairro é ter amigos, aliás viver com amigos. Nós vivemos com a nossa família não é? Mas por vivermos aqui também vivemos com os nossos amigos. Estamos sempre juntos e quando é preciso alguma coisa vamos logo ter com essa pessoa e pronto. Ainda ontem, por exemplo, a minha mãe precisava de arroz e foi pedir à amiga dela um copo de arroz, e, ela deu-lhe logo o pacote, sem problemas” (Jovem morador)

Para mim foi extremamente importante as partilhas que estes jovens estavam a fazer e uma sessão que eu pensava que ia durar uma hora acabou por durar três. Na verdade a ordem de ideias que eu previamente tinha planeado não estava a acontecer, mas isso não me interessava. Sentia-me tão envolvida que preferi seguir a ordem deles, do que a minha. Eles estavam à vontade e fizeram-me sentir assim também, mas as percepções não ficaram por aqui.

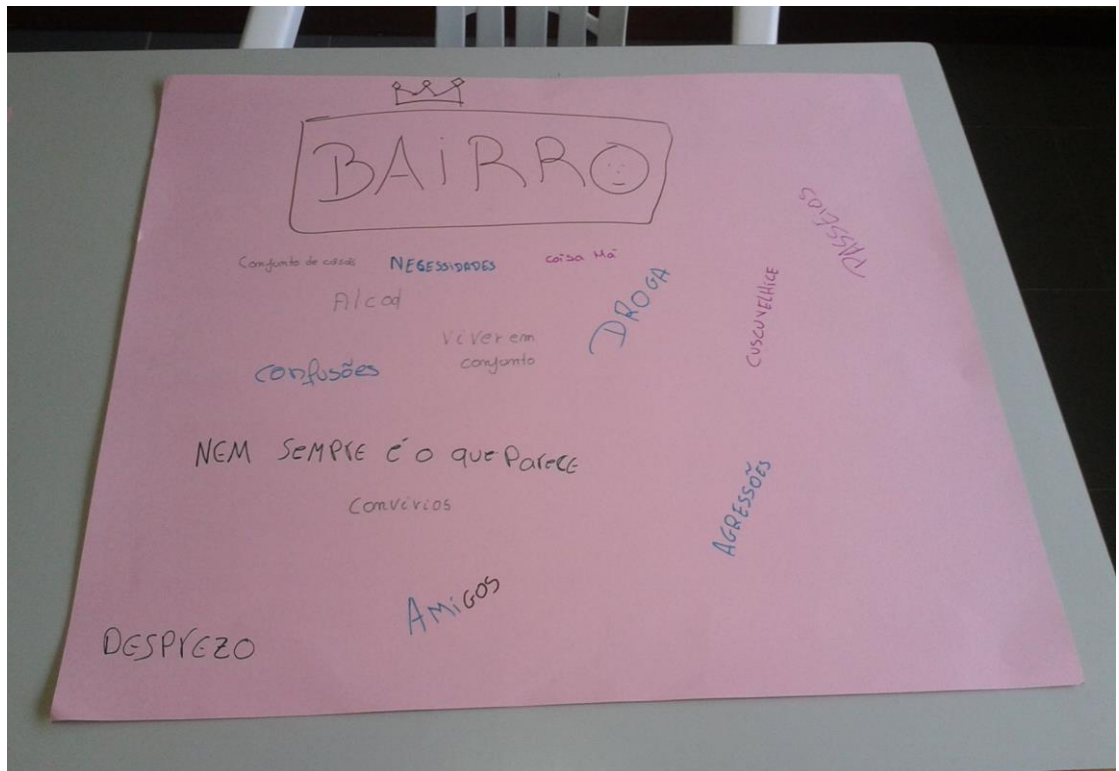
A nossa conversa continuou e uma das jovens presentes disse que o bairro estava muito associado à droga. Não propriamente aquele bairro, mas que de uma maneira geral todos estavam. Contudo, e, apesar de afirmar que o bairro Padre Américo era um local pacífico, há uns anos atrás houve problemas relativamente a isso.

“Eu não me lembro bem porque já foi há algum tempo, mas todos falam disso. Há uns anos atrás houve aqui uma rusga policial por causa da droga. Aqui não há muita, mas há. Ninguém diz nada mas todos sabem que há, porque todos vemos, mas agora não tem havido problemas sobre isso...mas também droga há em todo o lado! Até na Escola e não é por isso que as pessoas dizem que a Escola é um local mau, porque é que o bairro tem que ser?” (Jovem moradora)

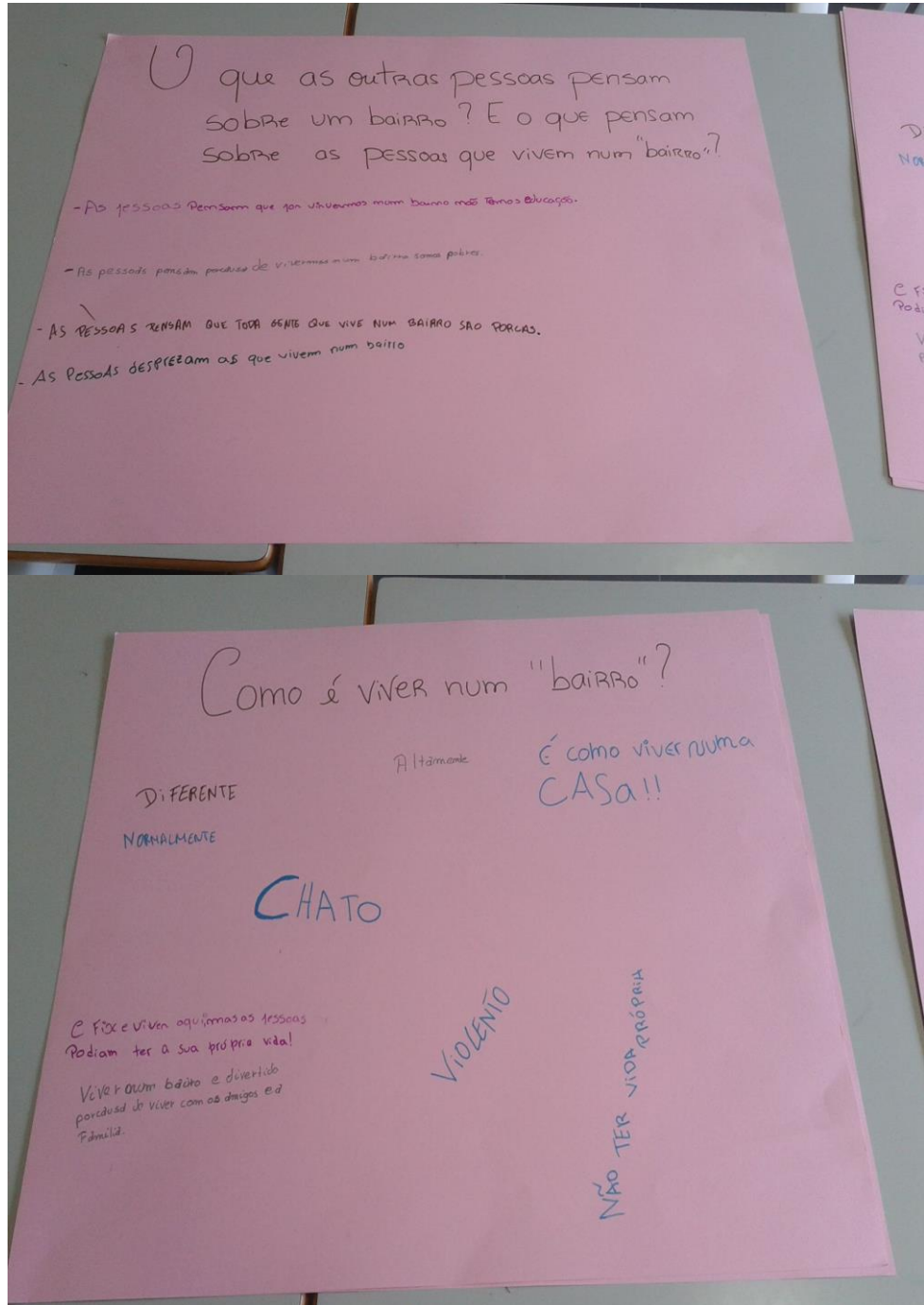
A ideia de o bairro é visto pelos outros como algo mau era comum a todos estes jovens. De uma maneira ou de outra, todos já se tinham sentido discriminados relativamente ao seu local de residência e que isto era errado e que não tinha necessariamente que ser assim.

Apesar de ter sido uma sessão extremamente enriquecedora eu sentia falta de conhecer estes jovens: quem eram, o que gostavam de fazer, se andavam ou não na escola, entre outros elementos importantes. Contudo, e, como referido anteriormente a sessão tomou outros caminhos, e, a ordem que eu previamente tinha delineado não estava a ser seguida, mas isto não foi negativo. Por isso, deixei esta parte do conhecimento para a próxima sessão.

Ao longo desta sessão fomos escrevendo numa cartolina aquilo que cada um ia dizendo sobre o bairro, seguindo a técnica “brainstorming”.



Apêndice 40: Registo fotográfico "O bairro entre (pre)conceitos"



Apêndice 41: Tabela “Quem sou eu?”

Caracterização sociodemográfica							
Género	Idade	Agregado familiar	Ano escolar	Retenção de ano	Disciplina que mais gosta	Disciplina que menos gosta	Passatempos/ Hobbies
1. Feminino 2. Masculino							

O maior sonho	O maior receio/medo	Como te imaginas daqui a 10 anos?

Apêndice 42: 1ª sessão do filme

Depois de todo o entusiasmo sentido na última sessão “O bairro entre (pre)conceitos” tínhamos combinado marcar uma sessão para discutirmos todas as ideias que os jovens tinham. Foi então, surgiu a ideia de realizarmos um filme que retratasse tudo aquilo que fomos falando ao longo das sessões.

Mas como faríamos isto? Havia muitas ideias que precisavam de ser clarificadas. Começaram por falar da questão da escola e da discriminação que já sentiram e sentem por morarem num bairro. Não só com os seus amigos, mas também com os professores e por isso, em alguma parte do filme uma cena deste âmbito teria que estar presente.

Como não estávamos a conseguir mais nenhuma pedi-lhes para começarem a representar aquilo que estavam a sentir e a pensar. Começamos exatamente por esta questão da escola e após várias tentativas conseguimos definir uma das cenas:

- um professor e dois alunos. O professor saudava os alunos e assim que se virava para o quadro um dos alunos atirava um papel ou um avião para o professor. O professor sem saber quem tinha sido, virava-se e culpava o aluno que morava no bairro, acusando-o de falta de educação.

Depois desta cena estar definida, as ideias começaram a surgir e a ficar cada vez mais concretas. A segunda cena surgiu:

- os quatro jovens a jogar futebol. Enquanto estavam a jogar futebol, um dos jovens, sem querer, tropeçava num colega e acaba por cair. O jovem que caía culpava os outros, dizendo que ele não sabia jogar futebol porque tinha aprendido a jogar no bairro, e, isso não era jogar.

A terceira e quarta cenas passavam por algo mais positivo:

- os quatro jovens dançavam e brincavam alegremente no exterior (mesmo no meio do bairro). Local onde regularmente se encontravam.

- Um dos jovens ficava sem um bem alimentar e pedia a um vizinho para lhe facultar, com a condição de devolução quando fosse ao supermercado.

Após terem experimentado todas as cenas e vários papeis agendamos uma nova data para gravar cada uma das cenas.

Apêndice 43: 2ª sessão sobre o filme

Hoje começamos a gravar as cenas definidas na sessão anterior. Os jovens estavam um pouco ansiosos e envergonhados, mas rapidamente se colocaram à vontade. Como não tínhamos nenhuma câmara pensamos em gravar com os nossos telemóveis, mas depois uma das jovens viu a sua irmã a chegar ao bairro e pediu-lhe a câmara emprestada, que respondi afirmativamente.

Começamos a gravar as cenas no exterior. Uma das prediletas era a cena em que os amigos jogavam futebol e que um deles era mal tratado por não saber jogar futebol, e, por ter aprendido a fazê-lo no bairro. Esta não foi muito difícil de gravar, até porque os jovens queriam demonstrar alguns dos seus dotes futebolísticos e, por isso, alguns segundos eram destinados a isso. Contudo a parte em que eles tinham que falar estava a tornar-se complicada, porque eles esqueciam-se das frases ou então começavam a rir.

A segunda cena passava-se, também, entre amigos, mas desta vez algo mais feliz, em que todos dançavam, brincavam e conviviam uns com os outros. Esta cena também se desenvolvia no exterior, visto ser um local onde as pessoas se encontravam frequentemente.

A outra cena, já no interior, passava pela representação de uma sala de aula em que uma professora recriminava um dos jovens, indicando que este não tinha educação por viver num bairro. Outra cena complicada. Aqui várias vezes os jovens trocaram de papéis pois não estavam a conseguir identificar-se com a personagem, mas depois várias tentativas, a jovem conseguiu.

A última cena passava por algo mais positivo, em que destacava as relações entre vizinhos. A cena passava por um dos jovens pedir a um outro um pacote de arroz, em que este (“o seu vizinho”) facultava-lhe de imediato o elemento requerido.

Depois de muito tempo conseguimos gravar tudo neste dia e marcamos uma nova sessão.

Apêndice 44: 3ª sessão do filme “Viver no bairro”

Um dos jovens craque de computadores assumiu a liderança neste dia. Eu levei o meu computador, copiamos todas as cenas para lá e ele começou a editar cada pedacinho das gravações. Um processo que requeria muita concentração e paciência. Estávamos ali a acompanhar tudo, a dar opiniões e a aprender.

Ao fim de uma hora já tínhamos metade das cenas cortadas e escolhidas, mas ainda era necessário fazer muito trabalho, por isso a nossa tarde prolongou-se. Um dos jovens acabou por se ausentar e quando voltou trazia uma bela jarra de limonada, que ele próprio tinha preparado para nós.

Entre tudo isto, várias eram as pessoas, que por verem a porta aberta, apareciam na sala para cumprimentar e para tentar perceber o que estávamos ali a fazer. Passado quase duas horas, as cenas já estavam todas editadas, mas isto não significava que o trabalho estava pronto. Muito pelo contrário, e, por isso tivemos que agendar nova sessão.

Apêndice 45: 4ª sessão do filme “Viver no bairro!”

Mais um dia em torno do filme e mais um dia de muito trabalho. Depois de termos editado todas as cenas era importante escolher as melhores e começar a juntá-las. Depois desta parte estar concluída, era importante selecionar frases e músicas.

As frases foram fáceis de escolher. Contudo as músicas foi um processo mais moroso porque gerou algumas discussões entre os jovens. Estes não chegavam a um consenso, porque uns queriam um música, outros queriam outro e isto estava a causar um certo mau estar. Então pedi-lhes para pensarem em músicas que eles achassem que fosse adequada ao vídeo. Com uma importante, assim como era a do filmes deles.

Pedi-lhes então para escrever num papel, de forma anónima, duas músicas (visto ser o número de músicas suficientes para o filme) dobrarem o papel e entregarem-me. Depois disto comecei a abrir os papéis e a partilhar o que lá estava escrito.

Assim que os nomes foram revelados coloque essas mesmas músicas para todos ouvirmos e percebermos quais estavam mais relacionadas com o filme. Quando eu pensava que se ia gerar outra discussão, aconteceu exatamente o oposto. Depois disto foi fácil e as músicas foram escolhidas.

Em seguida juntamos tudo e vimos o filme. Vimos mais do que uma vez para ver se havia erros e depois respiramos de alívio, porque finalmente estava pronto!

Apêndice 46: Apresentação do filme “Viver no bairro”

O dia pelo qual estes jovens ansiavam tinha chegado e eles estavam completamente felizes, eufóricos e orgulhosos. Tinham convidado vários moradores para estar presentes neste evento. Eu só ouvia “venham ver o nosso trabalho! Venham ver o que nós fizemos!”.

Eu própria tinha convidado a técnica do GAS, depois de ter falado com eles, para estar presente neste dia, e, como sempre respondeu de uma forma bastante positiva. A visualização do filme estava marcada para as 15h00, e, por volta desta hora as pessoas começaram a aparecer.

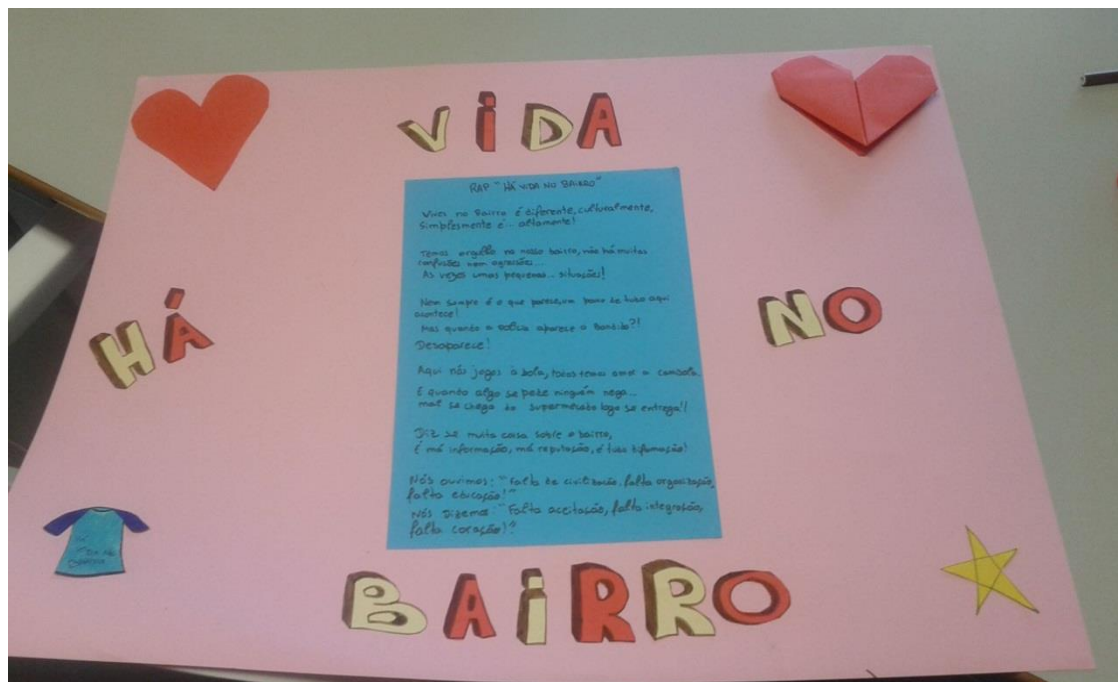
Ainda a sala não estava cheia e os jovens já queriam começar, mas acabaram por esperarem pelos restantes moradores. Apresentaram aos moradores o que eles iam ver e como tinham sido organizadas as coisas. Depois disto seguiram-se oito minutos de riso e lágrimas.

“Eu até estou arrepiada. Estou com a lágrima no canto do olho por ver tudo aquilo que eles foram capazes de fazer (...) fazer e bem! Conseguiram transmitir muita coisa com isto. Está fantástico! Parabéns!”

“Estou tão orgulhosa do meu filho. Ele é um bom menino, assim como os outros (...) nem eles nem ninguém merece ser mal tratado por viver num bairro. Isso sim é uma vergonha! Desrespeitar quem vive aqui! Agora percebo, agora percebo a importância da nossa voz. Nós não podemos ter vergonha de viver aqui se não os nossos filhos também terão. Obrigada por nos mostrar isto!”

Contudo, ao longo da sessão fomos ouvindo alguns comentários de algumas pessoas que se tinham recusado a participar no projeto. Frases como “não são só estes jovens que aqui vivem” e “isto devia ser para todos” foram algumas das partilhas. Porém, aproveitei este mesmo momento e o facto destas pessoas estarem presentes para lhes dizer que elas tinham razão. Não eram só aquelas pessoas que viviam ali, mas nas verdade foram aquelas que foram aparecendo, mas que apesar disso, quem não se quis envolver no Projeto seria muito bem vindo, pois tinha a certeza que cada pessoa poderia contribuir de forma significativa para ele.

Apêndice 47: Cartaz da música “Há Vida no Bairro!”



Apêndice 48: Link da página do facebook

Link da página: <https://www.facebook.com/H%C3%A1-vida-no-bairro>

Nesta tarde juntaram-se pequenos e graúdos para criar a página do facebook do Projeto “Há vida no bairro”. No atelier de costura já tínhamos falado em criar uma página de facebook, mas como o nosso projeto ainda não tinha nome, ainda não o tínhamos feito. Foi então neste dia que decidimos fazê-lo.



Apêndice 49: Registo da sessão de cinema

Esta sessão de cinema foi sugerida por um dos nossos jovens. Um jovem que tem sempre um papel ativo e que não desistiu enquanto não conseguiu colocar a sua ideia em prática. A ideia original era ir ao cinema, mas quando partilhou isto comigo eu disse-lhe que era complicado por vários motivos: pelos preços que uma ida ao cinema implica e pelo transporte.

Na verdade, muitos jovens já tinham partilhado esta vontade de ir ao cinema e por isso decidimos preparar uma sessão de cinema no bairro. Muitos jovens queriam limitar as entradas das pessoas, mas eu disse-lhes que o facto de ver um filme também poderia ser importante para os outros moradores. Tínhamos que perceber se todos queriam e se estavam de acordo. Depois de toda a preparação eis que chega o dia do cinema.

Assim que estacionei o carro vi dois jovens a correr completamente eufóricos para me ajudar com as coisas. Na verdade não trazia muito material: apenas o computador e o projetor, mas mesmo assim deixei-os levar aquilo. Assim que entro no bairro mais pessoas se dirigiram a perguntar se preciso de ajuda. Bem, senti logo que as pessoas estavam entusiasmadas. Eu não sabia bem quem ia aparecer porque foi tudo tratado pelos jovens, por isso estava expectante.

Quando estava a preparar o material as pessoas começaram a entrar. No total contamos com a presença de 14 moradores, dos quais seis eram adultos. Um dos jovens tinha preparado umas pipocas para esta sessão, e, eu levei mais algumas, porque ele tinha-me dito que iria fazer algumas mas que provavelmente não chegariam para todas as pessoas.

“Quando é que vamos repetir? Eu posso ser velha mas gosto muito destas coisas. Olhe que fartei de me rir!” (Moradora)

Apêndice 50: Registo fotográfico sessão de cinema



Apêndice 51: Texto sobre o bairro e sobre o Projeto ("José")

Como se vive num bairro?

Viver num bairro é como viver numa casa normal, mas só que nós temos uma mais valia: vivemos com muita gente à nossa beira! Há pessoas que quando falam de bairros pensam logo em drogas, prostituição, etc...

Num bairro é fixe viver porque estamos sempre em harmonia com outras pessoas, temos atividades de verão, como por exemplo: Zumba, aulas de culinária, aulas de costura. Até fizemos um projeto "A vida no bairro" e é um projeto muito fixe! Até fizemos uma curta metragem.

Viver num bairro é altamente!

Fim.

Apêndice 52: Texto sobre o bairro e sobre o Projeto (“Bruno”)

“HÁ VIDA NO BARRIO”

ISTO É UM PROJETO QUE COMEÇOU COM
CULINÁRIA, AGORA COM COSTURA. ANTES ERA DAS
SENHORAS AGORA TAMBÉM DOS ADOLESCENTES. SOMOS
TODOS FELIZES A NOSSA MANEIRA AQUI FAZSE
DE TUDO... MAS SOBRE TUDO BAIWLADORA.

BARRIO A MAIOR “CENA” DE SEMPRE, MAS VIVER NO
BARRIO É MUITO DIFERENTE

NÃO É POR SER BAIWLADORA QUE NÃO POSSO SER
ARTISTA. NEM TUDO O QUE PARECE É... TAMBÉM
HÁ COISAS MAS ESSAS... ESQUECEM-SE.

Anexo 1: Declaração da autorização de nome

AUTORIZAÇÃO

Assunto: Declaração de autorização de utilização do nome

Autorizo/ ~~Não autorizo~~* que a aluna do Mestrado em Educação e Intervenção Social, Especialização em Acção Psicossocial em Contextos de Risco, **Ana Sofia Magalhães Moreira**, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, utilize o nome da Gaiurb, EM. e do respetivo Empreendimento Social Padre Américo, para fins académicos, nomeadamente no Relatório Final, que será apresentado publicamente e que, posteriormente, poderá ser disponibilizado no Repositório do Instituto Politécnico do Porto.

*riscar o que não interessa

Canelas, 11 de Setembro de 2015

A(O) responsável



Anexo2 : Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 1ª aula de zumba:

2015-05-27

Zumba em Canelas

Aula grátis no empreendimento social Padre Américo, no dia 30 de maio. A população residente no Empreendimento social Padre Américo, na freguesia de Canelas, está convidada a participar, na manhã do próximo sábado, 30 de maio, a partir das 10h00, numa aula de zumba grátis. Trata-se de uma atividade promovida no âmbito de um projeto de educação e intervenção social, que está a ser implementado no referido empreendimento por Ana Sofia Moreira, no âmbito do seu Mestrado nesta área.

Anexo 3 Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 2ª aula de zumba:

2015-06-01

Zumba em Canelas arrasou

Manhã saudável no empreendimento social Padre Américo

Foi um êxito a aula de zumba que transformou a manhã do passado sábado num momento saudável, animado e divertido, para a população residente no empreendimento social padre américo, em canelas.

Mais de vinte moradores participaram na aula grátis promovida pela Gaiurb e dinamizada por Andreia Palos, ao longo de uma hora.

Esta atividade foi promovida no âmbito de um projeto de educação e intervenção social, que está a ser implementado no referido empreendimento por Ana Sofia Moreira, no âmbito do seu Mestrado nesta área.

Anexo 4: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre a 3ª aula de zumba:

2015-07-17

Zumba anima Canelas

A aula de zumba que ocupou a tarde de quarta-feira no empreendimento social Padre Américo, em Canelas, contou com a participação entusiástica de 24 munícipes, registando-se uma forte adesão de adultos a acompanhar este momento de diversão das crianças. A aula foi dinamizada por dois professores de zumba (Maximus Zumba)

Anexo 5: Notícia publicada no site da Gaiurb sobre o Projeto:

2015-07-15

Há Vida no Bairro

Um Atelier de Costura está a ocupar os tempos livres das moradoras no empreendimento social Padre Américo, em Canelas, no âmbito do projeto de intervenção social "Há Vida no Bairro". A iniciativa responde à manifestação da vontade de cerca de 20 mulheres, cujo passado profissional está ligado à costura, uma atividade de enorme satisfação para todas.

O grupo tem contribuído de forma muito positiva neste projeto. Ora disponibilizando linhas de crochet, lãs, tapetes de arraiolos e outros materiais, ora partilhando saberes com as vizinhas. O Atelier de Costura visa promover o convívio entre os moradores.

O projeto conta com a colaboração das seguintes entidades: Químico Digital, Eva Tavares - Design & Confeção por medida e Colas Dragão, LDA- Canelas.

Anexo 6: Notícia sobre o Projeto publicada no Jornal “P.24” de Vila Nova de Gaia

